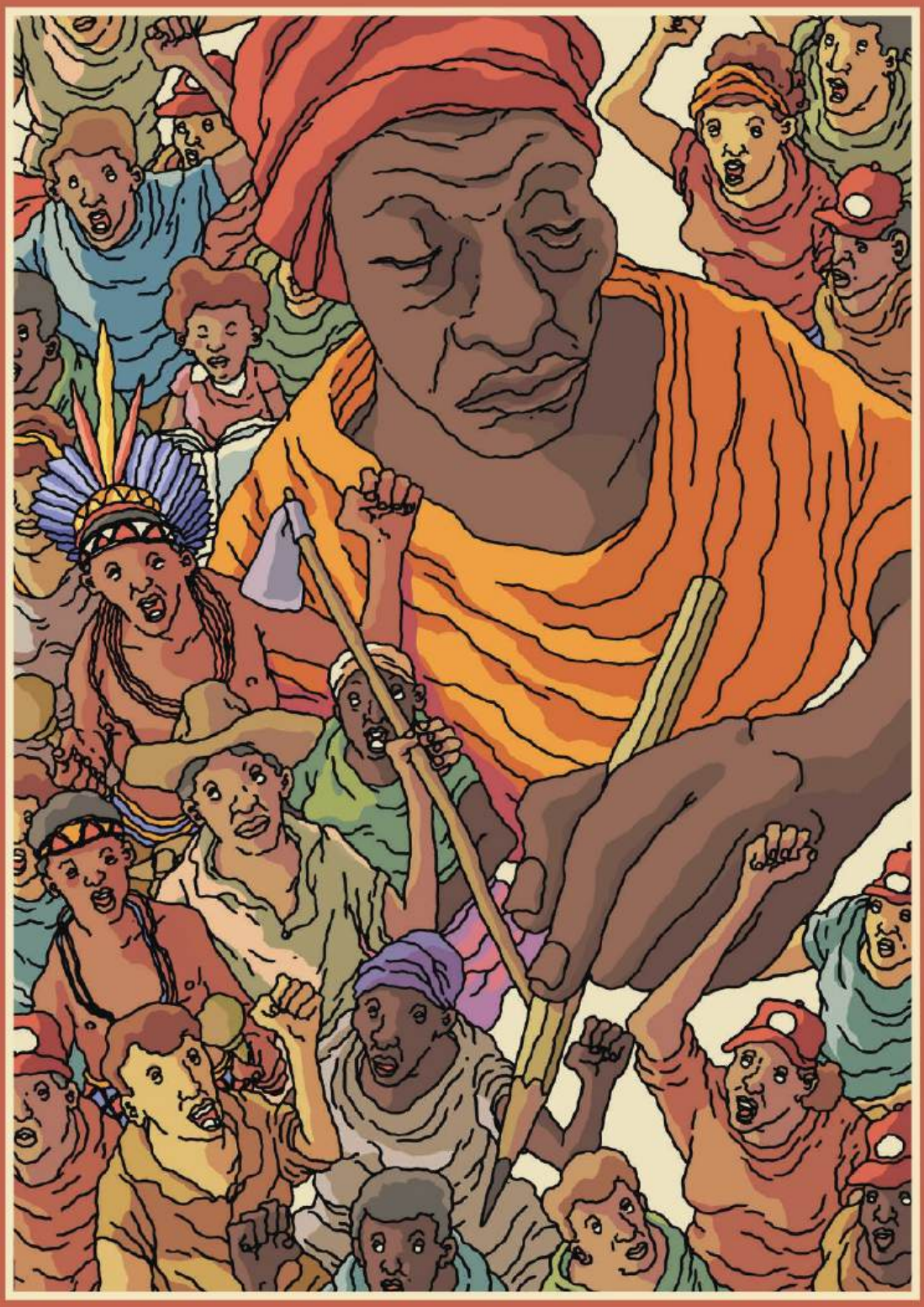
NO BOM COMBATE!

APRENDER E ENSINAR COM O CAMARADA FREIRE



MARCO MELLO

PAULO FREIRE VIVE!

NO BOM COMBATE!

APRENDER E ENSINAR COM O CAMARADA FREIRE

MARCO MELLO

PORTO ALEGRE, RS

você perguntará por que cantamos

cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.

Mário Benedetti

Fragmento do poema “Por que cantamos”.
Antologia Poética: *Só quando transgrido alguma ordem o futuro se torna respirável.*
São Paulo: Ed. Record. 1988. p. 245.

Créditos

Projeto gráfico e diagramação
Júlia Ramos de Carvalho
juliardcarvalho7@gmail.com

Capa
Arte da capa: Túlio Carapia e Clara Cerqueira (BA–Brasil). Cartaz que integrou a Exposição "Esperançar, 100 anos de Paulo Freire". Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, Escolas Paulo Freire e Florestan Fernandes, Ed. Expressão Popular e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), 2021.
Contato: Instagram Tulio Carapia @tuliocarapia e Clara Cerqueira @claracerqueira_f.

Contracapa
Paulo Freire, destacado, em visita ao Círculo de Cultura das Cidades Satélites, em Gama, Distrito Federal. Brasília, 11 set. 1963. Sem identif. autoria. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal.
A epígrafe é um excerto de entrevista concedida por Paulo Freire ao jornal *Psicologia*, do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, em março de 1989, e está presente no livro *A educação na cidade*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 44-45.

Montagem: Júlia Ramos de Carvalho.

Revisão
Clarice Gorodicht

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M527n Mello, Marco
No bom combate! Aprender e ensinar com o camarada Freire/Marco Mello. - Porto Alegre: Grafiset, 2024.

ISBN: 978-85-66100-06-8

1. Educação. 2. Educação Popular. 3. Paulo Freire. 4. Porto Alegre. I. Título.

Bibliotecária responsável: Ana Lucia de Macedo Rüdiger CRB-10/963

Esta publicação é de acesso livre e é permitida sua reprodução, em parte ou no todo, sem alteração de conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais

ÍNDICE

Prefácio..... 7

Introdução..... 9

Agradecimentos..... 14

1. Carta aos camaradas de perto e de longe..... 17

2. No compasso da história, com Freire.....21

3. O cajado e a lança: nas trilhas da Educação Popular.....25

4. Deus ou o diabo na terra do sol.....47

5. Do lado esquerdo do peito.....66

6. Educação Popular e Educação Crítica:
Paulo Freire e Michael Apple 71

7. Onde mora o Paulo Freire filósofo?.....90

8. Um papo cabeça com Gramsci:
intelectuais orgânicos sob o neofascismo.....95

9. O dia em que Paulo Freire baixou no terreiro
em Porto Alegre.....118

10. Na aula, entre a pandemia e o pandemônio:
educar para superar a barbárie 124

11. Teje preso! Paulo Freire nas garras
da ditadura empresarial-militar.....146

12. São tempos de disputa, tempos de combate.
Entrevista com Óscar Jara.....157

13. Carta às companheiras em torno da esperança crítica....161

Lista de Músicas.....167

Sobre o autor.....174

PREFÁCIO

Quem é o *camarada* Paulo Freire à luz do sentir-pensar-fazer e historicizar do também *camarada* Marco Mello? A que, para que e como nos convoca este professor-educador popular, escritor engajado, Marco, ao dialogar com Freire em suas escritas? O que elas carregam que as tornam um modo de dizer sobre Freire absolutamente singular, cativante e mobilizador de nossas melhores energias?

São treze textos escritos *sobre, com* e *para além* de Freire, em contextos e momentos particulares de ação-reflexão-ação, ou melhor, de práxis do sempre educador militante, professor de história, Marquinho, como Marco Mello é amplamente conhecido.

Eis aqui uma marca profunda que atravessa seus dizeres sobre o *camarada* Freire: seus dizeres brotam do compromisso radical do autor com a práxis educativa libertadora tecida em muitos e variados espaços-tempos de sua vida de educador. Sua escrita é encarnada; não há dúvida! E por aí nos convoca e nos convence – sem dúvida - a conhecermos e nos adentrarmos nas ideias, experiências e horizontes de Paulo Freire para que entendamos um pouco mais suas utopias de desmontar estruturas – sim, isso mesmo, estruturas – de educação bancária e colocar no seu lugar a educação como prática da liberdade, desde o cotidiano da sala de aula da escola pública até as muitas outras "salas de aula" dos movimentos sociais e da sociedade em geral.

Historiador estudioso demais, inconformado e dialético – no pensar e no agir - e pedagógico como poucas pessoas, tanto diretamente nas práticas pedagógicas como no seu modo bonito de escrever, Marquinho sente-se muito à vontade para dialogar com Freire, bem ao modo político-epistemológico que Freire gostava: interrogar (se) o (com) mundo, com o/a outro/a mediado pela palavra-ação! Por aí, então, encontramos outro traço marcante na prosa de nosso autor: escrever *Dialogando* – isso mesmo, com D maiúsculo! Nos convoca e nos seduz a entrar num grande *Círculo de Cultura* analisando as situações-limite e projetando *inéditos viáveis*.

Ser mais educador e educadora, na perspectiva de *aprender e ensinar com o camarada Freire*, implica, como nos ensina Marco, nessa obra instigante, em conhecer os fundamentos filosóficos e

políticos da obra de Paulo Freire. Podemos apreender este ensinamento nos textos em que o autor apresenta propriamente tais matrizes que foram constituindo o pensamento – que se fez/faz ação e vice-versa – de Paulo Freire. Mas não somente. Apreende-se e aprende-se nos diferentes escritos desta coletânea que sistematizam experiências aos modos da Educação Popular. De fato, o que o autor nos oferece nos ajuda muito a *Ser Mais* como educadoras/educadores, pois nos apropriamos com consciência das raízes profundas das ideias de Freire e de suas relações com a educação popular, com a educação crítica e, claro, com momentos políticos marcantes da vida de Freire, os quais nos fazem acreditar que há sim motivos para acreditar em outros mundos possíveis para todos e todas.

Nas suas escritas (em algumas delas de forma mais evidente), pode-se perceber a convicção de um educador conscientemente balizado pela perspectiva de um trabalho solidário, coletivo e autogestionário do fazer educação, incluindo a reflexão e sistematização coletivas das experiências, de educadores com os educandos e de educadores e educadoras entre si. A construção coletiva do conhecimento como elemento fundamental nos processos de libertação política, social e existencial é outro traço que constitui o autor.

Nesse sentido, a defesa intransigente da organização dos professores da escola pública para se tornarem intelectuais orgânicos, para que se tornem dirigentes – nas suas dimensões técnicas e políticas – é outra condição que aparece como necessária para fazer o *bom combate* na educação *com Freire!*

Marco Mello, ao decidir socializar em forma de trilogia seus escritos – muitos deles produzidos em momentos variados de suas intervenções político-educativas – nos oferece, generosamente, uma oportunidade ímpar de aprendizados sobre Paulo Freire. Uma apropriação reflexiva e profundamente cuidadosa da obra do *camarada* Freire brota de enraizamento do autor, ao longo de uma vida, em práticas e processos educativos por dentro e por fora da escola pública.

Obrigada, Marco, por este presente! Boa leitura a todas as pessoas!

Porto Alegre, 01 de outubro de 2024.

Maria Clara Bueno Fischer
Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

Eis aqui um livro que reúne reflexões críticas, vivências e análises que atravessam fronteiras na companhia daquele que recebe o carinhoso epíteto de *camarada* no título: Paulo Freire, uma das referências indispensáveis para se ler criticamente a realidade e transformar a educação em uma perspectiva contra-hegemônica.

Freire é também um símbolo, para as educadoras e educadores críticos, de luta pela qualidade social do ensino na escola pública e esperança engajada diante dos ataques sistemáticos e tentativas insidiosas do capital de aprofundar e ampliar ainda mais a barbárie privatista e obscurantista, sob a batuta do bloco da extrema-direita que aglutina conservadores, neoliberais, fundamentalistas religiosos e militaristas. Não é sem razão que Freire tenha sido, nos últimos tempos, tão difamado, seu pensamento distorcido e sua produção, e o que ela representa, objetos de censura sob o avanço do neofascismo em nosso país.

Sim, mas à despeito dessas tensões, e por isso mesmo, esta é uma produção antifascista que se orgulha de convidar a uma jornada na companhia privilegiada e amorosa do camarada Freire! *Com, desde, sobre e para além* de Freire, *aprender e ensinar*, fazendo o *bom combate*, sempre!

Conteúdo & forma

Em um feixe de treze textos, é apresentado Paulo Freire: traços gerais de sua vida em distintos contextos, facetas pouco conhecidas de sua história, como a sua prisão pela ditadura em 1964 e sua condição de filósofo, características principais de sua produção, um balanço da atualidade de seu pensamento, polêmicas em torno de seu legado e impacto de suas elaborações no âmbito da escola pública.

Em dois pequenos textos estão presentes passagens que trazem algo da relação pessoal com o pensamento freireano e de reflexão em torno do ser humano e do educador que foi Freire – o que vai ao encontro de algo que o historiador inglês e marxista Edward Palmer Thompson caracterizou como vital: as experiências de classe inscritas na cultura, em seu processo de

constituição, expressas como identidade, consciência social e mediação entre estrutura e relações vividas.

Há textos que destacam alguns dos conceitos centrais presentes em Freire e, a partir deles, estabelecem conexões com outros autores e autoras, como Ernest Bloch, Antonio Gramsci, Gaston Bachelard, Theodor Adorno, Roland Barthes, Michael Apple, Henry Giroux e bell hooks, por exemplo.

Na medida que se avança na produção, é possível identificar excertos com leituras críticas progressistas sobre Freire, porque entre camaradas essa prática é tão saudável quanto necessária, tais como as de Flávio Brayner, Marcela Gajardo, Rosa Maria Torres e Walter Kohan, além da exposição de alguns dos nós críticos e desafios nas múltiplas e contraditórias apropriações da figura de Freire. A interlocução se estende para além de referências teóricas amplas e, situada no campo da práxis, tece diálogos com diversos sujeitos coletivos, como organizações do campo do associativismo das(os) trabalhadoras(es) em educação, o sindicalismo docente, movimentos sociais e populares do campo e da cidade e suas conexões com a Educação Popular no contexto latinoamericano.

Conjunturalmente há também análises sobre a pandemia da Covid-19, o avanço neofascista contemporâneo no ambiente educacional, cotejadas com o ideário freireano e as lutas de resistência e afirmação da democracia no país. Como uma espécie de costura das páginas, há muitas perguntas, problematizações e algumas questões, que são convites à reflexão.

Nesta obra está presente um conjunto de produções, em diferentes estilos de escrita e linguagens: artigos acadêmicos, cartas pedagógicas, entrevista, produções oriundas de participação em atividades de caráter formativo, ensaios e textos de opinião publicados em jornais, em geral associados a atividades formativas e à luta política no meio docente. Em sua maioria, são produções breves e concisas, uma característica que se impôs, diante da intensidade de energia despendida no trabalho docente e na militância desde o chão da escola pública, além do propósito inicial que gerou a maioria dos textos: o de comunicar com precisão, em espaços restritos, mensagens para um público amplo.

Presumo que este volume, pela diversidade temática, por suas múltiplas linguagens e pela opção deliberada pela leveza na escrita, sem fazer concessões à superficialidade, possa interessar a estudantes, professores, pesquisadores, gestores, militantes e ativistas sociais que desejam conhecer ou revisitar Freire sobre

ângulos não usuais, como bem indicam os próprios títulos presentes no índice.

No bom combate

O livro *No bom combate: Aprender e ensinar com o camarada Freire* tem vida própria e independente. Mas, é preciso que se diga, nasceu como a parte inicial de um trabalho de sistematização amplo e pode ser visto em perspectiva, como o primeiro de uma linha que tem continuidade e guarda conexões com a publicação *No bom combate: temas geradores na escola pública.*

Devido à diversidade, à densidade e ao número de páginas que alcançou a produção, foi preciso ajustes na editoração. A alternativa foi dividir o que originalmente foi pensado como um volume único. E é assim mesmo. Sabe quem escreve sistematicamente: por vezes, a escrita toma vida própria e se impõe. Quero crer que, com essa estratégia, ganhem os leitores e as leitoras.

Este livro, para quem se interessar pela organização do trabalho pedagógico na perspectiva cunhada por Freire (o dos temas geradores), cumpre a função de uma espécie de apresentação, de enraizamento freireano. Situa o lugar de fala e a práxis, bem como apresenta algumas das afinidades eletivas do seu autor, política e pedagogicamente falando, que orientam os fazeres presentes na continuidade da tríade "No bom combate". A sequência da tríade é um ensaio de caráter teórico-metodológico, com destaque para a apresentação de relatos de práticas pedagógicas na perspectiva anunciada. Há ainda um terceiro volume, em fase de construção. Enfim, por si só este primeiro volume intenta cumprir seu papel de instigar a reflexão crítica e historicamente situada.

Camarada Freire

Algumas palavras ainda sobre a categoria *camarada,* presente no título da obra, talvez se façam necessárias. A liberdade na forma de tratamento no vocábulo, em tom fraterno e intimista, expressa a relação construída com Freire e sua obra. Tal identificação se perceberá com frequência ao longo da leitura. Mas adentremos aqui nos seus significados, para desnudar alguns estereótipos.

Camarada, etimologicamente, tem uma conotação associada à partilha: aquele com o qual dividimos o mesmo

cômodo, o mesmo ar, as mesmas armas, uma luta em comum. Por vezes é empregado ainda como sinônimo de companheiro, aquele com o qual compartilhamos o caminho, com quem dividimos o pão. No jargão político, *camarada* remete a uma identidade ampla: a da esquerda socialista radical e, mais comumente, comunista, que oscila da auto identificação positiva em torno de um ideário generoso, até como forma de crítica impiedosa de membros de extrema-direita, como uma caricatura ou anomalia, ecoando a degeneração burocrática dos partidos comunistas sob a sombra do stalinismo e associando o termo a algo ultrapassado. No uso cotidiano, *camarada* pode ser ainda uma simples forma de identificar alguém a quem não sabemos nomear.

Sim, nomeio Freire *Camarada*, porque é o sentido e os significados de consciência política coletiva que perpassam a obra: como uma referência epistêmica e ontologicamente projetada para se colocar no mundo, como expressão de um pertencimento[1] a uma teoria do conhecimento — e que carrega consigo a simbologia de adesão ética a causas comuns, tais como a solidariedade de classe e a luta por justiça social e curricular —, como identificação com uma história de vida e proximidade com uma coletividade que reivindica seu legado. Designo-o *Camarada* porque me vejo, assim como muitos de nós, como quem está com Freire do mesmo lado da trincheira político-pedagógica e sabe que nos tornamos pessoas melhores e mais fortes quando cultivamos e damos vida ao sentido de identidade comum nos bons combates coletivos para a mudanças estruturais da sociedade. *Camarada*, porque, para avançarmos como força política rumo à uma sociedade emancipada, é urgente revitalizar nossa pertença coletiva, reabilitando essa categoria, o que implica em refutar e desconstruir o imaginário capitalista que demonizou e baniu o termo dos círculos de debates públicos.

Camarada é uma expressão que pode ser vista como uma senha que se acreditava perdida, e que depois de recuperada e atualizada, de expressão semântica se transforma em um substantivo político afirmativo. Assim, se torna uma reação diante do hiperindividualismo reinante sob o neoliberalismo, das performances insaciáveis do ego nas redes sociais, do atomismo e

[1] Para um aprofundamento da história e dos usos desta categoria desde uma perspectiva marxista, remeto a um ótimo trabalho que esquadrinha o tema, trazendo-o para o contexto das lutas da esquerda de forma assertiva. Trata-se de "Camarada: um ensaio sobre pertencimento político", da professora, pesquisadora de teoria política e militante de esquerda estadunidense Jodi Dean (Boitempo, 2021).

do desencanto com quaisquer compromissos de engajamento, a gerar uma retórica pontuada de reclamações tão frequentes quanto inócuas.

Contida nessa expressão estão ainda presentes premissas relevantes nesses tempos difíceis: o reconhecimento de uma longa história de luta, de resistência e de afirmação daqueles lutadores que nos antecederam e a perspectiva comum de construção de um futuro que, mais do se sonha, se arregaça as mangas para edificar. Freire o denominava de socialismo democrático. Alguns de nós, entre os quais eu me incluo, o denominam de um horizonte comunista.

Este livro é, ao seu modo, também um libelo de resistência diante dos incessantes e pesados ataques ideológicos ao ensino crítico que se faz, à despeito dos limites existentes, no chão das escolas públicas. Afinal, o bom combate feito por camaradas é também aquele que, em não se apartando da vida e das lutas de caráter anticapitalistas, articula as dimensões de classe, raça, gênero, geração e território, e produz conhecimento significativo para combater todas as formas de exploração e opressão, alimentando e mantendo viva a educação pública popular, laica e democrática.

AGRADECIMENTOS

Os textos aqui reunidos foram originalmente publicados em diferentes veículos ao longo de um período relativamente recente. Devo sinceros agradecimentos pelos convites recebidos de educadoras, educadores, pesquisadores, militantes, parlamentares e jornalistas que estiveram à frente de atividades formativas e da organização de publicações e periódicos, o que possibilitou que os textos e as exposições pudessem vir à lume e serem socializadas. Uma das produções foge a essa regra. Trata-se de uma entrevista realizada com Óscar Jara, coordenador da *Campanha Latino-Americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire,* a quem agradeço pelo sempre gentil acolhimento às nossas iniciativas coletivas.

Quando iniciou-se a organização de "No bom combate" lancei uma modesta campanha de apoio, através da aquisição antecipada de exemplares para sua viabilização. Para minha alegria foram muitos os colegas, companheiros e camaradas que, desde a primeira hora, se somaram à iniciativa. Obrigado, gente!

Alguns amigos tiveram a paciência e a generosidade de ler as produções que vieram a compor este livro. Além de apontar observações pertinentes, indicaram caminhos para aprimorá-lo aqui e acolá e corrigiram passagens da escrita. Gratidão a Inês Maria Vicentini, Janderson Gonçalves, André Pares, César Rolim e André Machado. Evidentemente, as falhas que eventualmente persistiram recaem neste escriba. Minha primeira leitora, a qual todo agradecimento é pouco, foi a companheira de todas as horas, intelectual aguerrida e amor de uma vida, a pernambucana e gaúcha Anália Martins.

Tive a sorte de encontrar os talentosos Túlio Carapiá e Clara Cerqueira, que, desde a Bahia de todos os santos, gentilmente cederam o direito de utilização da linda arte que compõe a capa deste livro. A esses novos amigos, minha sincera gratidão! A quarta capa contém a reprodução parcial de uma fotografia na qual Paulo Freire visita Gama, cidade-satélite de Brasília, no ano de 1963. Agradeço a gentileza da equipe técnica do Museu da Educação do Distrito Federal que prontamente autorizou sua utilização.

Um agradecimento muito especial à Clarice Gorodicht, colega a quem tenho grande estima e que, com sua presença sempre luminosa, realizou o trabalho de revisão, além de apresentar sábias sugestões de aprimoramento do texto e da própria edição. A bibliotecária Ana Rudiger generosamente confeccionou a ficha catalográfica. Mais uma vez foi um prazer ter a presença do trabalho primoroso e competentíssimo da querida Júlia Ramos de Carvalho no projeto gráfico, criação da capa e editoração.

Maria Clara Bueno Fischer, em meio às muitas tarefas como professora e pesquisadora junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, acolheu o convite e elaborou o belo prefácio que abre este livro. Obrigado, Clara! Educadora generosa e uma sempre presente referência político-pedagógica. César Rolim, com quem tenho tido a alegria de participar lado a lado, freireanamente, de algumas boas batalhas, brinda o leitor com o texto das abas (orelhas) da publicação. Obrigadíssimo, parceiro!

Algumas instituições e organizações foram e continuam sendo fundamentais para que possamos continuar a travar o bom combate. Nomino algumas delas, com o reconhecimento público à dedicação histórica de seus dirigentes e integrantes. Elas estão na origem de algumas das iniciativas aqui presentes: Coletivo PoAncestral, Coletivo de Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS), Coletivo de Professoras e Professores de Filosofia RME/Porto Alegre, Associação dos Trabalhadores em Educação (ATEMPA), Sindicato dos Municipários de Porto Alegre (SIMPA), Laboratório de Ensino de História e Educação/UFRGS (LHISTE), Faculdade de Educação/UFRGS, Seção Sindical/UFRGS do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN), Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP), Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire (RS), Jornal Brasil de Fato – RS, Jornal Sul21, Rede de Educação Cidadã (RECID), Campanha Nacional pelo Direito à Educação e Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL). Sem vocês a luta seria muito mais difícil e por certo com menos organicidade, poesia e camaradagem. Vida longa às boas lutas da nossa classe!

Enquanto organizava esta publicação, não raro tive a companhia de afetos distantes que me acompanharam e de algum modo, contribuíram na cadência da escrita. Obrigado pelas boas energias emanadas e que pude captar aqui: Reynaldo Bessa, Martinha do Coco, Mawaca, Chico César, Radamés Gnattali, Rafael

Rabello, Bloco do Cupinzeiro, Os Tincoãs, Xuxa Levy, Russo Passapusso, Rincón Sapiência & Cia, João do Vale, Chiquinho Divilas, Renato Braz, Nina Simone, José Carlos Schwarcz, Punhal, Belchior, Dani Black & parceiros, Antonio Moreno, Uakti, Calle 13, Santiago Neto e Maria Bethânia. Ao final compartilho a Lista das Músicas e links de acesso.

Paulo Reglus Neves Freire esteve aqui desde o início e quero crer que continue a nos acompanhar na jornada. Obrigado, Paulo, menino do Recife e de Jaboatão, que por certo continua a encantar gentes no espaço-tempo estendido, e a nos lembrar da importância do compromisso que se faz diálogo, entrega, ato, libertação, práxis!

CARTA AOS CAMARADAS
DE PERTO E DE LONGE[1]

Para as crianças, grandes e pequenas, de todas as idades...

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo,
que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela.
A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas.
A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social.
Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que,
em lugar de desvelar o mundo das injustiças
o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas.[2]

Paulo Freire

Espero encontrar-te bem.

Envio-te esta carta, que chega às tuas mãos na forma de um livro impresso ou de um *.pdf*, ou mesmo em uma inusitada garrafa-mensagem, mas que foi remetida por e-mail e, antes disso, escrita com lápis em papel (à moda antiga, lembras como era antes?). Desejo-te saúde, força e luz na tua jornada. Saudade de ti e dos teus!

Escrevo-te para contar do quanto temos avançado por aqui na área de formação de educadores junto às escolas, aos grupos populares, aos coletivos e aos movimentos sociais do campo e da cidade na difusão e vivência de uma verdadeira Educação e Cultura de Paz: dialética, crítica e contra-hegemônica.

Então quero partilhar contigo essas nossas pequenas e grandes conquistas. Como lutadores e lutadoras do povo, sabemos que a Paz é um fruto saboroso e nutritivo que nasce, cresce, se desenvolve e nos alimenta quanto vence as pragas e as

---

[1] Publicado originalmente em MELLO, Marco. Para as crianças, grandes e pequenas, de todas as idades. *In*: ARAÚJO, Lívia Cristina Fonseca de *et al.* (Org.). *Cartas para a paz*: pensamentos, sentimentos e ações para a cultura de paz no Planeta. Belém (PA): Fundação Arte de Educar Cogente, 2012. Pgs. 90-93.

[2] Excerto do pronunciamento de Paulo Freire quando recebeu em Paris, em setembro de 1986, o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz, em citação de Ana Maria Freire (FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. Revista Educação. PUC/RS, ano XXIX, n.2, p.387-393, mai/ago. 2006. p. 388).

intempéries da injustiça social e da nossa própria ignorância e imperfeição. A propósito, viste que belo o texto de Freire que transcrevi acima? Achei que irias gostar.

Daí, sabes, estou cada vez mais convicto de que é preciso o que chamo de "o bom-combate à *nossa* vida alienada". Porque sem a superação da ideologia dominante, expressa no senso comum – essa forma de pensar e explicar o mundo que, em grande medida, reproduz a exploração, a exclusão e as formas de opressão como o racismo, o sexismo, a homofobia e a intolerância religiosa –, não conseguiremos romper com a hegemonia burguesa em nossa sociedade.

Mas, enfim, vamos às boas notícias! Ombro-a-ombro, nos campos, nas florestas, nas águas, nas cidades, a opção de estarmos com nossa classe – a classe que vive do seu trabalho – organizados, solidários e em movimento, bem o compreendes, tem nos humanizado, nos aproximando, nos tornado mais gente. Esse tem sido um aprendizado realmente extraordinário.

São tempos difíceis, é verdade! Mas estamos construindo, passo a passo, um novo projeto de sociedade no qual a justiça seja a medida de todas as coisas. E nesse processo também nos reconstruímos ao experimentar e vivenciar o cultivo de valores e princípios orientados para a solidariedade, o trabalho coletivo e a emancipação humana. Não tem sido um caminho fácil, como te relatei na outra carta, mas creio que é assim mesmo, para grandes transformações, grandes lutas.

Desde há muito, mais de 500 anos, nossos ancestrais têm lutado para assegurar o sagrado direito à existência, por dignidade, por respeito às nossas culturas, por soberania, por direitos ainda tão distantes... Essa resistência indígena, negra, feminista e popular precisa ser lembrada quando tombam nossos irmãos por não se acovardarem e por dizerem *não* aos senhores do capital. Como aconteceu *ontem* com o Cacique Guarani-Kaiowá Nísio Gomes, morto com vários tiros de espingarda calibre 12 por pistoleiros a mando dos latifundiários da região de Amambaí, em Mato Grosso do Sul. Como caíram ainda *anteontem* os trabalhadores rurais José Cláudio Silva e Maria do Espírito Santo Silva, no sudoeste do Pará, também assinados pelo agronegócio. E assim tem sido aqui em *nuestra America* com Dorothy Stang, Chico Mendes, José Martí, Margarida Alves, Sandino, Luiza Mahin, Zapata, Zumbi, Sepé Tiaraju, Camilo Torres, Marighella, Tupac-Amaru, Olga Benário e Che Guevara e tantos outros mártires anônimos da luta popular, nossa gente.

É preciso lembrar nossa história, pois a memória é um campo privilegiado de disputa ideológica. A Utopia Socialista não é, certamente, um discurso para os dias de festa. É uma questão a ser efetivada desde o cotidiano, no trabalho de auto-organização da sociedade, inclusive da escola. E sabemos o quanto vale a pena esse esforço cada vez que nos encontramos com o brilho dos olhos de um pequeno que, cúmplice, sabe que somos seu parceiro de caminhada.

Haverá um tempo de reencontro que talvez consigamos dimensionar melhor o que vimos fazendo. Estamos construindo um novo mundo, ainda que entre soluços e greves, como disse o poeta. Sigamos juntos, portanto, em nossas utopias libertárias, sem esquecer-se do que é de inarredável responsabilidade individual: nossas escolhas e nosso livre-arbítrio.

Como tu bem sabes o que penso, estamos aqui de passagem, nessa pele que hoje habitamos, em mais uma etapa de desafios e de convites a aprendizagens e evolução. Oxalá nosso reencontro permita, de forma límpida e transparente, dar umas boas risadas algum dia com esses anjos, arcanjos, espíritos, orixás, guias, encantados, seres mágicos e mitológicos que nos acompanham pacientemente nessa jornada...

Sei dos teus tantos afazeres, mas, quando puderes, me responde: num papel-manteiga com aquela tua letra caprichada, com envelope e selo, ou na velha máquina de datilografia (ainda a tens?), num cartão postal, que sabes que tanto aprecio, num bilhete entregue em mãos, num *mail* ou numa simples postagem nas redes sociais. Não importa como. Conta-me: o que tens feito nesse grande mutirão que nos propomos a realizar? Lembras de nossos combinados? Contribuir na construção desse mundo onde caibam todas as diferenças e nenhuma desigualdade? Em que fileira te encontras na luta de libertação? Diga-me de teus desafios e conquistas, de tuas paixões e devaneios. Tenho sonhado contigo e acho que é um bom presságio!

Àqueles que, como nós, se reivindicam como educadores populares colocam-se grandes desafios. Penso que devemos, como dizem os companheiros da Via Campesina, *globalizar a luta e a esperança,* com a socialização das boas práticas de resistência e de afirmação de nosso projeto. Porque sabemos que a vida só é possível mudar significativamente com a superação do modelo socioeconômico dominante do capitalismo que aí impera.

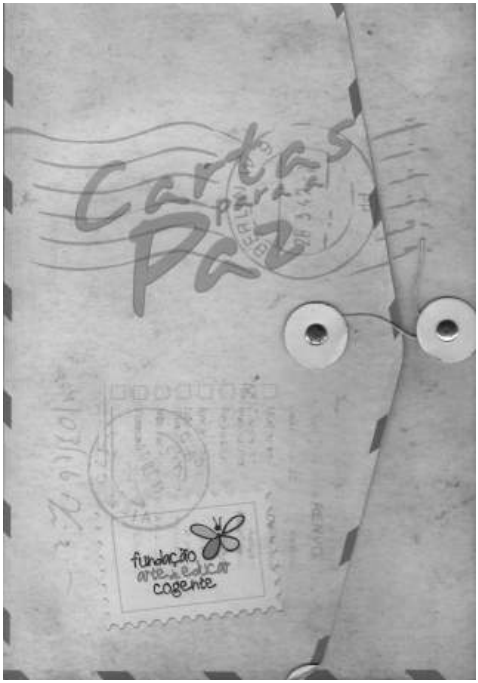
Se te falo assim, nesse tom de quem está encharcado do

suor das frentes de trabalho, não quero que pareça que não precisamos do aconchego, da ternura e da delicadeza. Somos centelhas de um fogo divino que em nós habita desde sempre. Lembremos disso. Seres com a potência de *ser-mais,* de sermos radicalmente libertos, mas ainda seres de medo e desejo, tão sujeitos a erros.

As palavras me escapam agora, teimosamente, e esta lágrima desgarrada está a escorrer incorrigível em direção à folha e ao coração... talvez seja o cansaço e a emoção de escrever a ti que quero tão bem. Amanhã preciso sair cedo para mais uma jornada de trabalho, mas não imaginas o quanto me conforta saber que, apesar das distâncias, estamos juntos à Pachamama, à Terra-mãe, sintonizados com o espírito de justiça, na mesma estrada, no mesmo rio, na mesma senda.

Saudades de ti e do muito que ainda faremos juntos.
Força e Luz, sempre.
Deste teu companheiro que tanto te estima,

Marco Mello



NO COMPASSO DA HISTÓRIA, COM FREIRE[1]

"Uma luz fecunda
ilumina o caminho da luta"[2]
Amílcar Cabral
Líder político nas lutas anticolonialistas em Guiné-Bissau e Cabo Verde

1984. Em uma manhã fria, entro na Livraria Mundial, na rua XV de Novembro, centro de Pelotas (RS), onde morava à época. Adolescente, estudante de Ensino Médio, dirijo-me às estantes à procura de livros na área de ciências humanas, ainda sem saber exatamente o quê. Por indicação de uma generosa (e sábia) atendente, saio com dois livros debaixo do braço. Um deles é *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, de quem nunca tinha ouvido falar. Hoje guardo com zelo esse exemplar, da 12ª. edição, pelo valor simbólico e real que essa obra teve em minha jornada pessoal e profissional. Está em uma das estantes, protegido por uma capa transparente, bem na altura do meu campo de visão. Aparentemente anônimo, de longe o localizo, e vez por outra ele desce, humilde, para me fazer companhia. Lidas, relidas, estudadas, suas páginas amareladas pelo tempo, grafadas com apontamentos a lápis, continuam a jorrar vida e esperança, iluminando o caminho da luta.

1995. É final de tarde, dezembro. Um calor danado na capital gaúcha, prenúncio da chuva que viria mais tarde. Olhamos, nós, educadores e assessoras da Secretaria Municipal de Educação (SMED), reunidos em um pequeno grupo à frente do Ginásio Tesourinha, com admiração e orgulho: ônibus chegam de

[1] Texto publicado originalmente em FREITAS, Ana Lúcia Souza de; GHIGGI, Gomercindo; CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt (Orgs). *Leituras de Paulo Freire na partilha de experiências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p.84-86.

[2] Título de texto de Amílcar Cabral, no qual faz uma homenagem a Lênin, a partir de discurso realizado em abril de 1970, no Cazaquistão, nas comemorações do centenário de nascimento do líder bolchevique. Foi publicado em Portugal em uma pequena brochura organizada por membros do PAIGG – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde e publicado em "Unidade e Luta" (1976), um dos dois volumes, com textos de Cabral. O texto integra a coletânea organizada por Carlos Comitini e foi publicada no Brasil em 1980. Ver em: COMITINI, Carlos (Org.). *Amílcar Cabral: a arma da teoria*. Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1980. p.42-52.

todos os recantos da cidade. Senhoras e senhores idosos, adultos jovens, adolescentes fazendo algazarra, todos vêm da periferia, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) das escolas municipais. É um momento muito especial! Todos querem saber se ele já chegou e depois se aproximar para ver de perto Paulo Freire, que veio a Porto Alegre para uma provocadora Conferência, intitulada *A educação popular morreu?* O evento foi promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, na segunda gestão da Administração Popular, depois de um intenso trabalho de preparação sobre a vida e a obra de Freire junto aos educandos. Ficamos emocionados pela sua firmeza ideológica e pedagógica, e, ao mesmo tempo, por seu jeito terno e humilde, com disposição para tentar se comunicar com os milhares de presentes que lotavam o ginásio, sedentos para ouvi-lo e apresentar-lhe, de algum modo, os trabalhos realizados, os livros para autografar, etc.

2007. Já é noitinha, chego apressado depois de uma pausa para o lanche, juntamente com companheiros e companheiras do Instituto Popular Porto Alegre (IPPOA), da Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre (ATEMPA), da Associação de Educação Católica (AEC) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Dirigimo-nos para o painel final do Seminário *Paulo Freire e a Educação Popular: reafirmando o compromisso com as classes populares*.[3] É grande o movimento dos que circulam no Salão da Igreja Pompéia, no Centro Histórico de Porto Alegre: acadêmicos da pós-graduação, militantes de base do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), acampados e assentados do MST, ativistas pela livre orientação sexual, educadores e sindicalistas das redes estadual e municipal de educação... Alguns vieram de muito longe para proporcionar uma reflexão sobre o legado do mestre pernambucano, passado mais um ano de seu *encantamento*. Alguns se dividem em outras frentes de mobilização. Estamos em meio a uma aguerrida Campanha junto ao Sindicato dos Municipários de Porto Alegre (SIMPA), que levaria a 21 dias de uma greve histórica. No final do Seminário, aprovamos na

[3] A sistematização das contribuições apresentadas no Seminário resultou na publicação de um livro que foi lançado em maio de 2008, no X Fórum de Leituras Paulo Freire, na UNISINOS, em São Leopoldo-RS: MELLO, Marco (Org.). *Paulo Freire e a Educação Popular.* Porto Alegre: IPPOA-Instituto Popular Porto Alegre; ATEMPA-Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre, 2008. 264 pg. O livro pode ser acessado gratuitamente para leitura e download no link *https://bit.ly/3L5B5sP.*

plenária uma Carta-Compromisso assinada pelos Movimentos Sociais e Populares presentes e celebramos o sucesso da iniciativa, evocando Freire: “Enquanto as dores, frutos das contradições do capitalismo, estiverem aí, doendo, não dá para suprimirmos os sonhos, os desejos e as insubmissões socialistas”.

Acalentar a memória nos faz mais gente, aquece o coração, recupera nossa inteireza e ajuda a compreender nossa própria humanidade no processo histórico. Para tanto, é preciso retomar o fio da meada do vivido e ir encontrando sentidos, refazendo rotas e itinerários, no difícil e útil exercício de aprendizado com a própria história.

Nessas três décadas, nas quais evoco alguns episódios emblemáticos da relação com Paulo Freire - o encontro pelo livro, o encontro pela presença física, o encontro pela memória evocada - percebo, na minha trajetória, nas marcas que tenho gravadas na minha memória afetiva e intelectual, o quanto tenho aprendido e ensinado com a companhia inspiradora de Freire.

Fui começar a compreender quem era aquele senhor de óculos e barbas brancas, suas ideias e sua história de vida, alguns anos mais tarde do primeiro contato, como aluno de História e Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), como historiador, como militante, como formador no movimento sindical e popular, como educador, como assessor na formação de professores e educadores populares e, ainda, como gestor de políticas públicas em educação.

Muitos livros, cursos e eventos se passaram desde aquele já longínquo primeiro contato com Freire, mas cada vez redescubro, de maneira sempre renovada, no educador do povo que foi Paulo Freire, um farol a iluminar caminhos. Ele simboliza, para todos nós, educadores e educadoras que se reivindicam comprometidos com uma perspectiva emancipatória, um mestre da palavra-ação: por suas ideias, por sua trajetória intelectual e pessoal, por sua coerência ética e política. Seu testemunho e sua admirável esperança engajada por uma educação e uma sociedade mais justa – fruto do acúmulo de forças na direção de um projeto histórico contra-hegemônico – nos desafiam a dar nossa contribuição, ainda que modesta, mas sempre necessária, para a superação da sociedade de classe e de todas as formas de opressão e de discriminação.

Arte: Edgar Vasques

O CAJADO E A LANÇA
PAULO FREIRE NAS TRILHAS DE EDUCAÇÃO POPULAR[1]

E os sem amor, os sem teto
os sem paixão, sem alqueire?
No peito dos sem peito uma seta
e a cigana analfabeta
lendo a mão de Paulo Freire

Béradêro
Chico César

Um pensamento humanista e radical

Creio não ser um exagero dizer que poucas vezes na história da educação um pensamento teve tanto vigor e foi inspirador de tantas práticas, quanto o produzido pelo pernambucano e ao mesmo tempo cidadão do mundo Paulo Freire.

Embora não seja *pop*, Freire está muitíssimo presente nas boas livrarias do ramo, nas epígrafes de convites de formandos, nas místicas de movimentos sociais, nos estudos de pós-graduação que se multiplicam a avaliar seu legado, nas camisetas de militantes e ativistas de causas diversas, em cartazes expostos nas sedes de sindicatos, no catálogo de editoras que reeditam incessantemente suas obras, nos murais dos assentamentos do MST, em cursos de formação política e acadêmica de todos os recantos deste país, nos encontros de pesquisadores(as) de campos vastíssimos, nas dezenas de milhares de escolas públicas e nos governos progressistas que buscam nele referências para os seus quefazeres.

A obra de Freire, como produto histórico e social, simboliza, como poucas, a síntese de um momento importante da história da segunda metade do século XX. Freire soube traduzir, em um dado momento histórico, o que vinha delineando-se em escala global, em especial nos países empobrecidos do hemisfério sul, que viviam um processo de libertação nacional, com a descolonização e as experiências de governos populares. Isso

[1] Texto originalmente publicado em MELLO, Marco. O cajado e a lança: Paulo Freire nas trilhas da Educação Popular. *In*: MELLO, Marco (Org.). *Paulo Freire e a Educação Popular.* Porto Alegre: IPPOA; ATEMPA, 2008. p. 61-81.

explica, em alguma medida, sua universalidade. Entretanto, não quer dizer que suas análises e propostas não devam ser objeto de crítica, nem que dimensões do seu pensamento sobrevivam ao tempo. Ao invés de sacralizá-lo, trata-se de reinventar sua obra.

Ao trazer alguns elementos introdutórios para reflexão, provoco nossa imaginação criadora para buscar possíveis respostas e certamente outras tantas perguntas em relação ao significado e à atualidade desse pensador e suas obras: em que medida sua história de vida influencia sua produção teórica? Quais os principais traços presentes nas suas obras? Como se relaciona a obra de Freire com o campo da Educação Popular? Qual a atualidade de Paulo Freire hoje? Quais os desafios da Educação Popular hoje?

Faço isso depois de passados alguns anos de sua ausência física-corporal entre nós e já reconhecendo um pensamento que atravessa o tempo, projetando luzes para além de si, da sociedade e do papel da educação. Proponho, na sequência, que possamos acompanhar um balanço de suas principais contribuições para que pensemos a Educação Popular hoje.

Debater acerca do legado e da atualidade do pensamento freireano, passada essa década, não poderia deixar de ter outro significado que o de revigorar nossa disposição para continuar *peleando* para construir uma escola pública popular e radicalmente democrática.

Paulo Freire revisitado

Reler e revisitar Freire, retomando um de seus temas mais caros – a teoria do conhecimento – talvez seja uma das formas de criticamente estudá-lo e manter vivificado seu legado. Fazemos isso, exatamente quatro décadas depois da escrita de sua obra mais conhecida e difundida, que é a *Pedagogia do oprimido.*

A Educação Popular tem uma vigorosa trajetória em nosso país, que precede e sobrevive a ele. Mas nela Freire tem um lugar destacado. Suas ideias, seu testemunho e uma admirável esperança engajada por uma educação e uma sociedade mais justa continuam a inspirar educadores comprometidos com a transformação social.

Esse nordestino[2], que nasceu em Recife, em 1921, e faleceu em 1997, é considerado um dos grandes pedagogos da atualidade.

[2] As fontes acerca de sua biografia e o exame de suas obras são demasiadamente numerosas e diversificadas, em especial com a disponibilização que a Internet hoje possibilita. Indico aqui duas obras de referência mais acessíveis aos interessados em aprofundamento: VALE,

Sua obra, como produto histórico e social, simboliza, como poucas, a opção radical por uma educação verdadeiramente libertadora. Suas contribuições como intelectual, educador e gestor continuam de grande atualidade, pois os contornos de sua produção o consagram como um clássico, lido e reconhecido no mundo todo (TORRES, 1997; LIMA, 2000; SOUZA, 2001). Embora muitos outros pensadores que o precederam e seus contemporâneos tenham aberto caminho, afirmado concepções, propostas e práticas progressistas – lembremo-nos aqui de Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, só para citar os mais influentes –, Freire inscreveu seu nome na história da educação com destaque.

Sua obra tem inspirado inúmeras experiências educativas nas últimas décadas, não apenas no Brasil, já que as sucessivas traduções o tem popularizado, em especial nos países periféricos da economia global. Com firmes fundamentos axiológicos, epistemológicos e socioantropológicos, o pensamento freireano tem resistido ao tempo e se afirma como uma das mais importantes contribuições da pedagogia latino-americana.

Andarilhagens

Formado em Direito, Freire não exerceu a profissão, seguindo a carreira de professor de literatura entre os anos de 1941 e 1947, no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife, onde estudou na condição de bolsista. Teve a oportunidade de trabalhar na implantação do Serviço Social da Indústria (SESI) como diretor do setor de Educação e Cultura, entre 1947 e 1954, passando a diretor, de 1954 a 1957, o que lhe possibilitou conhecer melhor a vida das massas trabalhadoras e dedicar-se a projetos de alfabetização de adultos em áreas urbanas e no interior de Pernambuco. Em 1959, doutorou-se em Filosofia e História da Educação apresentando a tese *Educação e atualidade brasileira.* Nesse ano, também foi nomeado professor na Escola de Belas Artes de Recife. Tornou-se pioneiro ao implantar e a ser o primeiro Diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964). Essas experiências logo o projetaram como uma referência para as capitais nordestinas (Recife-PE, Natal-RN e João Pessoa-PB) que vinham passando por um processo de renovação com a presença marcante de governos progressistas.

Maria José; VALE, Jorge; GONÇALVES, Sonia Maria; BENEDETTI, Sandra. *Paulo Freire: educar para transformar - almanaque histórico*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. e uma coletânea rica e diversificada organizada por FREIRE, Ana Maria. *A pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

A experiência do chamado método de alfabetização que o tornaria conhecido começou na cidade de Angicos (RN), em 1963, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias, o que era uma revolução para a época, considerando-se o enorme contingente de analfabetos. No ano seguinte, Paulo Freire foi convidado pelo Presidente João Goulart e pelo Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, para implantar o Plano Nacional de Alfabetização de adultos em âmbito nacional. Estava prevista a instalação de 20 mil círculos de cultura para 2 milhões[3] de analfabetos ainda em 1964. (GADOTTI, 1989).

É possível localizar, na trajetória de Paulo Freire, uma síntese de um dado período da história brasileira tal como: da efervescência dos movimentos sociais e culturais através das Ligas Camponesas no nordeste; do Movimento Estudantil e Sindical, dos Centros Populares de Cultura (CPCs) ligados à União dos Estudantes (UNE); do Cinema Novo; do Movimento de Cultura Popular (MCP), no qual Freire atuou no Recife; do Movimento de Educação de Base (MEB); das atividades extensionistas das universidades, do governo João Goulart (CALADO, 2001, FÁVERO, 2007); das propaladas reformas de base e mesmo das ideias e dos movimentos que sacudiram o mundo a partir dos anos 1960, como os movimentos revolucionários no Terceiro Mundo e a contracultura.

Seu reconhecimento dentro e fora do Brasil se deu pelo impacto da experiência em alfabetização de adultos no Nordeste brasileiro. Com o Golpe Militar de 1964 e a ditadura que se seguiria, Paulo Freire, assim como tantos outros, foi obrigado a se exilar. Primeiramente, permaneceu por pouco tempo na Bolívia, devido ao golpe que depôs o presidente Vitor Estenssoro, líder do Movimento Nacionalista Revolucionário, que vinha fazendo um vigoroso programa de reformas como o voto secreto, a nacionalização das minas e a reforma agrária. Por conseguinte, Freire vai para o Chile, no qual muitos brasileiros viviam no exílio.

A experiência no Chile, com o democrata-cristão Eduardo Frei, recém-eleito com o apoio da Frente de Ação Popular de Esquerda, e mais tarde com Salvador Allende e a Unidade Popular, foi um divisor de águas. A convivência com grupos e com intelectuais mais radicais do que ele próprio e com uma experiência que buscava a via da transição democrática para o

[3] Vale lembrar que à época tínhamos uma população de em torno de 70 milhões de habitantes.

socialismo, propiciou a escrita e a publicação de *Pedagogia do oprimido*. Com esta obra, surge a possibilidade de trabalhar em Harvard, nos Estados Unidos. Freire adquire projeção e é convidado para trabalhar junto ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI), sediado em Genebra, na Suíça, o que o torna mundialmente conhecido, permitindo que ele assessore, por dez anos, diversas experiências de países africanos recém libertos da colonização portuguesa. Aliás, o CMI deu apoio decisivo aos movimentos populares em escala global (ANDREOLA; RIBEIRO, 2005). Um coletivo importante criado por iniciativa de Freire com outros brasileiros exilados foi o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que foi um importante espaço de reflexão e de ação conjunta, sobretudo na experiência em Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe (OLIVEIRA, 2008).

Com o avanço da luta política dos setores progressistas que buscavam o fim da ditadura civil-militar e a redemocratização no Brasil, na qual a anistia política foi reivindicação central, criou-se a possibilidade do seu retorno ao Brasil, o que aconteceu em 1980. Durante praticamente duas décadas, Paulo Freire retomou suas atividades como docente na PUC-SP e mais tarde na UNICAMP, também como escritor, debatedor e conferencista, "reaprendendo o Brasil", como disse na sua chegada. Sobretudo Freire passou a contribuir para a luta em prol de uma escola pública popular, democrática e de qualidade, para todos e todas.

Na sua trajetória, teve relevância a experiência de ter sido Secretário Municipal de Educação na Prefeitura de São Paulo, entre 1989 e 1991, na gestão de Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores (PT). Deste tempo, destacaram-se a política de formação permanente dos educadores, a gestão democrática da educação, o Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos com o Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo (MOVA-SP) e a prática do planejamento via interdisciplinaridade nas escolas da Rede – objeto de reflexão no seu livro *A educação na cidade* (2000). Diga-se de passagem, essas são, ainda hoje, ações paradigmáticas em se tratando de gestão de políticas educacionais progressistas.

Professor convidado em muitas universidades, sobretudo europeias e norte-americanas, com amplo reconhecimento externo, Freire dedicou-se, nos anos vindouros, à sistematização de suas experiências e a publicar várias obras que aprofundam e complementam sua reflexão.

Ao relembrarmos, nesta narrativa histórica, o percurso de nosso autor, percebemos o quanto essa gama de experiências – do

SESI à Universidade do Recife, do Movimento de Cultura Popular ao Ministério de Educação, do circuito nos meio acadêmico estadunidense e europeu às assessorias movimentos de descolonização na América do Sul, América Central e África, dos difíceis anos de exílio à experiência da abertura democrática no Brasil – foram fundamentais em seu pensamento, em sua ação. Essa trajetória encontra-se expressa em publicações como *Educação como prática da liberdade* (1967). *Pedagogia do oprimido*. (1970), A importância do ato de ler (1982), *A Educação na cidade (*1991), *Pedagogia da esperança* (1992), *À sombra desta mangueira* (1995), *Pedagogia da autonomia* (1997), entre outras.

Cartaz Seminário Paulo Freire

Pedagogia do oprimido

Um educador de pensamento e reflexão rigorosa, radical, e profundamente humanista. Assim Freire pode ser qualificado. Talvez a obra que melhor sintetize isso tenha sido aquela que literalmente abriu as portas do mundo para ele: a *Pedagogia do oprimido*, escrita no exílio no Chile e publicada originalmente em inglês (1970), e depois em espanhol (1973). Esta obra chegou ao Brasil somente cinco anos mais tarde, em função da censura, ao mesmo tempo em que era traduzida em muitíssimas línguas e publicada em todos os continentes, ganhando alcance mundial.

Ainda que notoriamente difundida sua crítica à educação bancária, que reproduz os mecanismos opressivos da sociedade capitalista, retomemos suas principais características (FREIRE,1983), quando ele opõe e ressalta as diferenças entre a pedagogia do colonizador e a pedagogia do oprimido:

> "O educador é o que sabe; os educandos são os que não sabem."
> "O educador é o que diz a sua palavra, e os educandos são os que escutam docilmente."
> "O educador é o que opta e prescreve sua opção, e os educandos são os que seguem a prescrição."
> "O educador escolhe o conteúdo programático, e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela."
> "O educador é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos."

A educação bancária é, neste paradigma, um ato de "depositar" o "saber". Para Freire é uma suposta doação dos que se julgam sábios aos que nada sabem. Essa educação transmissiva, portanto, tem por finalidade manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem, entre oprimidos e opressores.

Sua superação, ou seja, a instauração de uma Educação Libertadora, implica na retomada da constituição histórica da consciência dominada e de sua relação dialética com a consciência dominadora. Quando o oprimido "hospeda" a consciência do dominador, ocorre uma aderência e uma reprodução de seus valores, de sua ideologia, de seus interesses. O medo de ser livre coabita e luta contraditoriamente com o desejo e a necessidade de libertar-se. Essa característica talvez seja uma das principais responsáveis pela perenidade das fronteiras nacionais da *Pedagogia do oprimido*, pois fornece uma chave de compreensão para que leitores em contextos tão díspares possam se identificar com a obra.

Trata-se, assim, de um processo de libertação que não é uma luta somente individual. Ele é coletivo, social e político. Daí sua máxima: "Ninguém educa ninguém, como tampouco se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1983, p.79). Afirma-se, portanto, uma pedagogia que se constrói *com* os oprimidos e não *para* ou *sobre* eles.

Vinte e cinco anos depois, Freire retomou *Pedagogia do oprimido*, publicando em 1992 *Pedagogia da esperança*, um livro indispensável para compreender sua formação, as influências que

teve e mesmo a ressignificação de sua obra mais difundida, que vai fundamentando uma *teoria da ação dialógica*.

Desde a produção da *Pedagogia do oprimido*, Freire foi ampliando o seu conceito de oprimido, incorporando a categoria de classe social e, mais tarde, a partir de críticas bastante pertinentes que recebeu, também às noções de etnia e gênero (FÁVERO, 2007). Resta reconhecer que o conteúdo desta obra, fundamental para quem se reivindica como educador popular, tem até hoje um grande apelo, ao evocar as condições de vida dos educandos através da identificação e da análise dos temas geradores, dos debates em torno da dimensão cultural da existência, das diferentes percepções e visões de mundo em busca do alargamento de suas consciências.

Eixos que perpassam a obra freireana

Freire afirmava e reconhecia sua filiação a um ideário católico (PREISWERK, 1997) caracterizado como um humanismo cristão, a um existencialismo encarnado e a uma visão muito presente nos anos 1950, de um nacionalismo desenvolvimentista com marcas de leituras marxianas e aspirações políticas de esquerda, que circulavam desde o Movimento de Cultura Popular até o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Na verdade, pode-se dizer, como o fez Carlos Alberto Torres (1996), que três filosofias marcaram sucessivamente sua obra – o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo – sem, no entanto, adotar uma posição ortodoxa em relação a essas influências.

De certo modo, Paulo Freire soube captar o momento de lutas que vivia a América Latina em seu processo de libertação e, conectado com o que acontecia no chamado Terceiro Mundo, fornecer uma explicação e uma pedagogia que revelassem uma síntese superior ao estágio encontrado.

Entre as leituras possíveis, e aqui tomo como referência o próprio Freire, podemos perceber alguns eixos que acompanham toda sua produção e que, retomadas ao longo de sua trajetória, sintetizam a sua contribuição para os fundamentos da Educação Popular. São eles: *a história como possibilidade; a politicidade do ato educativo; a dialogicidade; a leitura do mundo e a leitura da palavra e a Utopia.*

1. A história como possibilidade

A recusa ao fatalismo e ao determinismo geográfico, cultural e político perpassou toda a biobibliografia de Freire,

encharcada por um humanismo crítico e emancipatório. Freire resgatou e popularizou a relação fundamental entre os sujeitos no processo de conhecimento, refutando a unidirecional e hierárquica relação sujeito-objeto.

Aparentemente banal, talvez seja o desafio mais difícil de ser compreendido e assimilado. O conhecimento existe na dimensão histórica, o que implica no reconhecimento de que nosso saber não é perene, que temos que ter a *humildade* de saber que é uma formulação histórico-cultural, que necessariamente vai ser superada historicamente.

A vocação para o "ser-mais" enquanto uma possibilidade de todos os seres humanos associados à consciência do inacabamento implica em assumirmo-nos como sujeitos da história, capazes de mudar o mundo e mudarmos a nós próprios, em um permanente processo de autoformação, relativizando certezas e verdades absolutas. Somos, portanto, seres abertos para a história possível e sensíveis à historicidade de nossa realidade e do conhecimento produzido acerca dela.

2. A Politicidade do ato educativo

Rejeitando a suposta neutralidade do educador, o processo educativo nunca é politicamente neutro, mas sim uma ação cultural que resulta numa relação de domínio ou de liberdade entre os seres humanos.

A não neutralidade do educador exige, portanto, a leitura crítica da realidade na qual ele está inserido, de suas desigualdades e de suas injustiças: requisitos para a gestação de utopias de transformação social.

Entender o processo educativo como sendo eminentemente político, porque traduz valores, projetos, relações de poder, conscientes ou não, significou a politização dos educadores, muitos ainda fortemente influenciados pela ideia da missão e de sacerdócio, isentos de compromissos de classe. Ao perguntar-*se a favor de quê, de quem e contra quem se educa*, Freire despertou o sentido mesmo das experiências dentro de uma perspectiva transformadora. Pedro Pontual faz uma rica síntese de como Freire foi ressignificando essa noção:

> Paulo Freire sempre falava que toda a educação é, inerentemente, política. E ele foi atualizando ao longo de sua vida, e ao longo do desenvolvimento dos distintos contextos porque passou o Brasil, a América

> Latina, essa ideia da politicidade da educação. Nos anos 60, ela aparecia vinculada à ideia da liberdade; nos anos 70, à ideia da *Pedagogia do Oprimido*. Nos anos 90, à ideia da esperança; ainda nos anos 90, à ideia da autonomia; posteriormente, à ideia de indignação e à ideia dos sonhos possíveis. Ou seja, ele foi atualizando esta ideia de uma educação comprometida com a mudança, utilizando as categorias que mais correspondiam aos desafios de cada contexto histórico que fomos vivendo. (2007, p.37)

3. Dialogicidade

O diálogo constitui um dos fundamentos epistemológicos da pedagogia freireana[4]. Ele adquire o estatuto ao mesmo tempo gnosiológico, metodológico e ético de uma Pedagogia Libertadora, na qual meio e finalidade do processo educativo se imbricam na mediação sociocultural e nas relações horizontais entre educador-educando, escola-comunidade, saber popular-saber sistematizado pela ciência.

Portanto, o diálogo é mais do que um recurso metodológico ou uma metáfora buscada na informalidade das relações interpessoais, constituindo para Freire uma conversa hermenêutica na qual ambos os polos em comunicação são sujeitos no seu processo de libertação. Educador e educando passam a ser vistos como sujeitos do processo de construção do conhecimento mediatizados pelo mundo, visando à transformação social e à construção de uma sociedade justa, democrática e igualitária.

Isso implica em rejeição do argumento da "autoridade", evitando reproduzir e hospedar dentro de nós as práticas das elites que fazem um diálogo vertical, rígido, carente de vida, impedindo o educando de "dizer a sua palavra". O diálogo é aqui uma exigência existencial que implica na prática formativa de tomar como ponto de partida, não o saber do educador, mas sim a prática social dos educandos.

> É essa prática que constitui o eixo em torno do qual gira o processo educativo. Antes de se elaborarem conceitos, é preciso extrair dos educandos os

[4] No seu livro mais importante, *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire dedica um capítulo ao diálogo, afirmando o enraizamento e a perspectiva relacional que atravessaria toda sua obra.

> elementos de sua prática social: quem são, o que fazem, o que sabem, o que vivem, o que querem, que desafios enfrentam. Aqui o conceito aparece como ferramenta que ajuda a aprofundar o conhecimento do real, e não a fazer dele mera abstração. (FREIRE; BETTO; KOTSCHO, 1985, p. 77-78)

O diálogo assume vital importância na pedagogia freireana, na medida em que nele se fundamenta a libertação humana e social. É através dele que educandos e educadores podem aproximar-se, superar-se e criar novos conhecimentos, novas possibilidades, novos *que-fazeres* para a transformação dos dialogantes e da própria realidade na qual estão inseridos.

O diálogo faz parte de um processo de humanização, que envolve relações permeadas de amorosidade, de respeito, de humildade: atributos muito presentes na própria personalidade e na trajetória de Freire. Também destaca-se a capacidade crítica, pois não há diálogo verdadeiro sem haver sujeitos críticos interagindo e se colocando perante o mundo. Reconhecer e trabalhar com a diferença é fundamental dentro desse princípio, atribuindo uma dimensão problematizadora e emancipatória para o diálogo (DAMKE, 1995).

4. Leitura de Mundo e Leitura da Palavra

A própria história de vida de Freire – com a alfabetização sob *a sombra das mangueiras* de sua casa, com gravetos a riscar o chão do pátio do quintal, com a decisiva e muito presente influência de sua esposa Elza e com os cerca de doze anos de experiências no campo da assistência social e da educação de adultos, na Direção do Departamento de Educação e Cultura do SESI (Serviço Social da Indústria) em áreas proletárias urbanas e no meio rural no nordeste – deram a ele uma dimensão muitíssimo clara sobre a importância de reconhecer que "a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela". (FREIRE, 1982, p. 22).

Para esse pedagogo da esperança, a construção social do conhecimento se dá na superação das situações-limites presentes na consciência ingênua/dominada, a partir do reconhecimento respeitoso, porém crítico, da cultura do educando (FREIRE, 1983). Daí a investigação temática para verificar o universo vocabular dos educandos e seus temas geradores de vida e de conhecimento, no sentido de proporcionar uma leitura crítica do mundo (FREIRE, 1979).

Segundo Freire, para elaborar sua consciência crítica, passo a passo com a sua organização de classe, o saber mais importante e mais necessário é a descoberta da situação de opressão (dominação política e exploração econômica) a que o sujeito está submetido.

5. Utopia

Utopia em Paulo Freire é mais do que sonho. Nasce de uma postura de denúncia das mazelas e das injustiças, da "malvadeza" das estruturas sociais existentes. É também anúncio, esperança engajada em busca dos sonhos possíveis, dos "inéditos-viáveis", como ele cunhou o termo.

Freire, em um dos primeiros de seus textos publicados depois da volta do exílio, assim se posicionou sobre o tema: "Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e a de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão é também um compromisso histórico" (FREIRE, 1980, p.16).

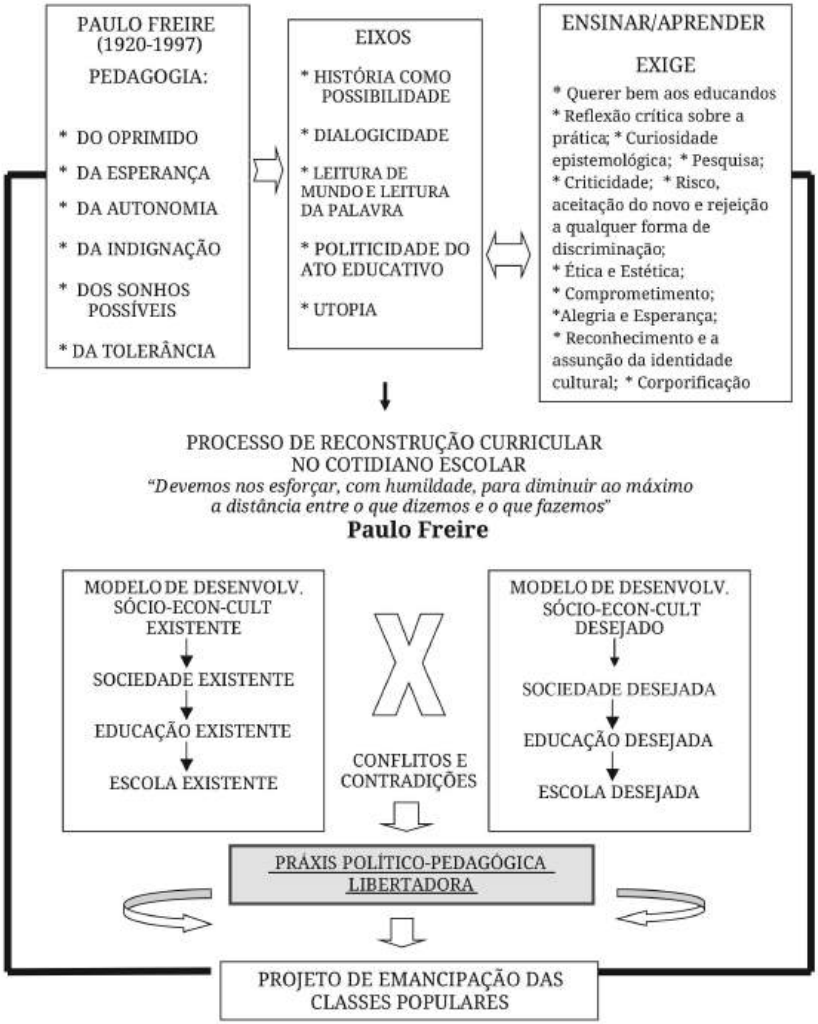
Este princípio, de certo modo, é a síntese cristã-marxista que aproxima a possibilidade da felicidade no futuro histórico. Para os cristãos, trata-se do reino de Deus; para os marxistas, o reino da liberdade.

Caracterizada por um verdadeiro realismo esperançado, a utopia da emancipação social, política e econômica é considerada um imperativo existencial e histórico, na crença em um *projeto humanista*, generoso, de inclusão de todos, que requer a participação direta e ativa dos sujeitos no processo de libertação.

No esquema que segue, procuro demonstrar o que considero os principais eixos que perpassam sua obra, e que, retomados ao longo de sua trajetória, sintetizam a sua contribuição para os fundamentos da Educação Popular. Eles estão dispostos ao centro do quadro de maneira relacional. No lado esquerdo, algumas de suas obras, publicadas em vida ou póstumas, traduzem esse conteúdo que as perpassa.

Em relação ao trabalho do educador, didaticamente apresentados na obra Pedagogia da Autonomia, objeto do quadro à direita do esquema, algumas das características de uma prática docente progressista estão arroladas. Na parte inferior, destaca-se a tensão entre os referenciais de educação e de sociedade em disputa e a importância de trabalharmos com os conflitos e as contradições para uma práxis político-pedagógica libertadora que,

ao mesmo tempo, acumule para um projeto histórico de emancipação das classes populares.



Legado de Paulo Freire

Freire, mais do que um intelectual e escritor, também foi um homem de ação. Um homem que não se acomodou frente aos problemas de seu tempo, tanto desenvolvendo atividades

pedagógicas e de formação política, quanto no exercício em espaços de poder na estrutura do Estado. Nas oportunidades que teve, colocou seu saber, sua inteligência e seu tempo a serviço de projetos de emancipação das classes trabalhadoras brasileiras e de além-mar. Não se rendeu à tentação de acomodar-se nos gabinetes, e deu sua contribuição para uma educação mais humanizadora, dialógica e geradora de vida e de felicidade.

Além de sua obra, traduzida em muitas línguas e reeditada muitíssimas vezes, inúmeros estudos sobre sua produção ajudaram a difundir legiões de admiradores (e críticos, é verdade) que, a partir de seus referenciais epistemológicos, políticos e educativos, em diferentes contextos históricos e com distintos sujeitos. Paulo Freire inspirou e continua inspirando gerações de camponesas, operários, indígenas, estudantes, pesquisadores acadêmicos, ativistas dos mais diferentes matizes, líderes revolucionários, governantes, e, sobretudo, educadoras e educadores críticos e radicais, na luta por uma educação libertadora.

Um dos interlocutores de Freire nos Estados Unidos, Peter McLaren (2001, p.185-186), lembra o quanto seu pensamento permite dialogar com novos desdobramentos teóricos, como a filosofia da libertação, a alfabetização crítica, a sociologia do conhecimento, a escola da teoria crítica de Frankfurt, a educação para adultos, a teoria feminista, a educação bilíngue, a formação de professores e a crítica cultural neomarxista, além dos estudos no campo do multiculturalismo e os debates do pós-modernismo e pós-estruturalismo. Sua obra é, portanto, um desafio à reflexão e à reinvenção. Nada mais antifreireano do que erguer *igrejas metodológicas* e sacralizá-lo. Dois dos grandes desafios a todos e todas que se identificam com seu legado são: não fazer de suas elaborações um receituário genérico e ter a capacidade de *buscar novos sentidos* em sua obra e a partir dela.

As experiências vivenciadas por Freire e por aqueles que a partir dele e dos seus referenciais epistemológicos, políticos e educativos, a reinventaram em diferentes contextos históricos, foram consolidando um lastro intelectual e político, em um processo muitíssimo diverso, que certamente são basilares para a compreensão que conhecemos como Educação Popular.

Sua bibliografia constitui um marcador simbólico e político que constrói fronteiras e afirma um lugar social para aqueles que se descobrem no mundo, transformando-o. Segundo Frei Betto (2000), a produção de Paulo Freire se destaca no contexto em que

viveu, assim como as teorias de Marx também se destacaram para entender a sociedade capitalista nos tempos da Revolução Industrial. Como indica Frei, a pergunta que fica é: "Como desenvolver uma metodologia, uma teoria de Educação incorporando o legado de Paulo Freire, fazendo-o avançar? É um desafio que se apresenta a todos nós" (2000, p.11).

Vejamos, a seguir, feita essa recuperação do legado freireano, a especificidade da Educação Popular.

Contribuições de Freire para um paradigma emancipatório

Um dos maiores legados de Freire, sem dúvida, foi ter cunhado, difundido e dado consequência prática à noção de Educação Popular[5]. Compreendida como compromisso de transformação social nas lutas do povo em seu processo de libertação, compõe-se através de um engajamento ativo no estabelecimento de relações dialógicas, a partir da realidade dos sujeitos, em um processo permanente de ação-reflexão-ação.

A Educação Popular, desde seu nascedouro, afirma-se a partir de um reconhecimento crítico sobre a desigualdade social e como um instrumento de luta contra a hegemonia das classes dominantes, partindo dos saberes, das experiências e das culturas das classes populares. Se a entendemos como a síntese de uma proposta política, ética e pedagógica, que propõe uma metodologia transformadora – válida não apenas para a realidade escolar ou educativa, mas para o processo integral de transformação social –, temos um poderoso instrumento nas mãos.

Evidentemente que cada grupo, cada coletivo e cada educador vão constituindo suas marcas e compartilhando suas descobertas nesse fazer, o que assegura uma dinamicidade muitíssimo enriquecedora nos processos formativos.

Como lembra o educador mexicano Carlos Núñes Hurtado, a Educação Popular não está isenta dos "vícios, equívocos e incoerências" (2003. p.50), contudo tem demonstrado ser consequente no compromisso real com o povo em suas causas de emancipação. Sua história já foi exaustivamente analisada em muitos trabalhos, portanto não me detenho demasiadamente neste texto. Destaco, na forma de síntese, alguns de seus traços

[5] Curiosamente, Paulo Freire nas suas primeiras obras não se refere explicitamente à Educação Popular, utilizando expressões como educação libertadora, educação para a liberdade, educação problematizadora, educação dialogal, educação para democracia, educação conscientizadora, etc.; embora se reconheça sua imersão no campo da EP que vinha se delineando.

com o propósito que nos ajudem a situá-la na contemporaneidade.

Desde os anos noventa, é claramente perceptível a afirmação, por parte de vários movimentos sociais e populares, de propostas educativas alternativas à educação e ao ensino oficial (GOHN,2002). O debate contemporâneo sobre o papel desses movimentos na era da globalização e o papel educativo que eles desempenham na sociedade para a formação dos direitos e deveres da cidadania ganham uma nova dimensão na medida em que escola e programas próprios vinculados aos movimentos são criados, em que centros de formação se consolidam, em que se sistematizam práticas e se socializam os saberes e os fazeres. (ARROYO, 2003; CALDART, 2000; MELLO, 2005).

A Pedagogia das lutas nos Movimentos Sociais e as experiências de reconstrução curricular vivenciadas nas redes públicas no país têm se apresentado como referências no cenário educacional brasileiro. No contexto estatal, se destaca a construção de projetos pedagógicos (re)elaborados sob a influência dos marcos legais da última década e dos movimentos político-pedagógicos de resgate, bem como da apropriação da educação e da escola pública pela comunidade escolar e pelos setores populares.

Movimentos sindicais, movimentos populares, das pastorais, das entidades de assessoria, dos movimentos sociais do campo, do movimento das mulheres, dos negros, da juventude, entre outros, vêm afirmando referências comuns em torno de princípios epistemológicos e metodológicos comuns e do legado teórico-prático de Paulo Freire.

Experiências vivenciadas em diversos recantos deste nosso país têm não apenas colocado em questão as práticas hegemônicas de uma educação tradicional e bancária – que reproduz e legitima a ideologia dominante – mas, sobretudo, evidenciado a possibilidade de um novo paradigma. Isto é, um Paradigma emancipatório, tributário de um projeto de transformação da sociedade capitalista, na afirmação uma visão de mundo pautada pela justiça social.

Ao asseverar essa possível convergência, não ignoro que o campo da Educação Popular está longe de ser homogêneo. As influências vão desde as opções teórico-metodológicas, os contextos locais e regionais, até as práticas efetivas dos pesquisadores e ativistas. Contudo, é possível afirmar que ela configura um campo pedagógico que a diferencia de outras práticas e correntes pedagógicas (CARRILLO, 2007).

Desafios da Educação Popular hoje

Para que meu sonho não seja apenas utopia, eu preciso agir. Isto é... se o sonho se aproxima dos sonhadores é porque eles se organizaram, eles se organizaram com sonho na mão.

Paulo Freire

A Educação Popular pode ser considerada uma corrente de pensamento e de resistência cultural nascida na América Latina e no Caribe. O contexto foi a emergência de diversas formas de organização e de luta popular, sob as ditaduras desde os anos 1960 do século passado. Essas organizações se expandiram e se consolidaram nos anos 1970 e 1980, no período da transição democrática, como um instrumento de resistência e afirmação. Passaram, então, a constituir-se como um movimento educativo e uma referência ética, epistemológica, metodológica e política para uma enorme gama de grupos, instituições, redes, movimentos e partidos políticos no espectro da esquerda.

Recuperar a importância e a atualidade da Educação Popular é reconstituir, de certo modo, a própria história das lutas sociais e populares das últimas décadas. E a trajetória de Freire se confunde com ela.

Podemos dizer que houve, em especial do final dos anos oitenta a meados dos anos noventa, um redimensionamento na concepção da Educação Popular (CARRILLO, 2007; MEJÍA, 1996; PALUDO, 2001; ZITKOSKI, 2001, JARA, 2006), influenciado pelo fim da experiência do socialismo real na União Soviética, na Alemanha Oriental e no Leste Europeu. Contribuíram para tal a derrota da Revolução Sandinista, o fim dos regimes militares e o avanço no processo de redemocratização, inclusive com experiências de gestão do estado burguês; além, é claro, do início do ciclo da hegemonia neoliberal e as críticas das correntes pós-modernistas. Esses movimentos trouxeram consigo grandes desafios em nossas agendas. Entre eles, as questões em torno do multiculturalismo crítico, das lutas feministas, dos ecologistas, da incorporação das subjetividades, a recuperação da centralidade do pedagógico frente ao político, a incorporação da escola pública como trincheira de luta e resistência, etc. Como lembra a pesquisadora e socióloga Maria Glória Gohn, que se dedica ao tema dos movimentos sociais no Brasil desde a década de 1970, o campo da Educação Popular se ampliou. Para essa autora, *"ela deixou de ser algo alternativo, marginal à política estatal; ela*

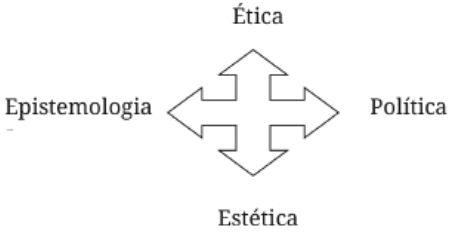
ganhou centralidade nas políticas sociais" (2002, p.60), embora muitos educadores das redes públicas percebam uma distância considerável entre o discurso das autoridades e o chão da escola.

A Educação Popular hoje se depara com a *vertigem da amplitude*. Qual seja, a assunção de um compromisso ético-ontológico e político com os subalternos (de toda a ordem), que nos colocam em uma desafiante tarefa: recolher, na diversidade de sujeitos e processos, aquilo que possa acumular para uma vida mais plena. Não podemos, em um projeto que estimule e crie condições de exercício da cidadania, legitimar uma tendência dominante de deixar na invisibilidade e no anonimato, os grupos étnicos, culturais e etários considerados em estado de minoridade.

No entanto, esse movimento não pode ficar reduzido ao enunciado. Vivemos em meio a uma crise, onde os discursos foram assimilados e apropriados por sujeitos que por vezes expressam posição não apenas diferentes, mas antagônicas, e por isso, anulados em seus efeitos. Não bastam mais formulações críticas e marcadamente progressistas, verbalizadas por intelectuais, autoridades educacionais, lideranças populares, educadoras e educadores, formadoras e formadores. Trata-se de, com base no enunciado, viabilizar novas práticas sociais e pedagógicas na direção desejada.

Uma educação dialógico-problematizadora requer que possamos ultrapassar a fase do que podemos chamar de *prescrição inovadora,* sob diferentes rótulos, até porque novas formas de exclusão e opressão hoje se apresentam. Significa, outrossim, forjar um projeto alternativo de educação e formação, com a participação horizontal e integral de todos os sujeitos, capaz de expor nossos limites e insuficiências muitas vezes encobertos sob o tapete. Afirmar a Educação Popular, reinventando-a, refazendo-a desde as importantes contribuições como as de Freire, sem abrir mão dos princípios éticos, políticos e epistemológicos que a caracterizam, em todas as nossas ações, talvez seja o maior desafio que vislumbramos em nossos *que-fazeres.*

Nessa direção, cabe relembrar da importância dos eixos destacados na produção de Freire e aqui desenvolvidos nas páginas precedentes: *a história como possibilidade; a politicidade do ato educativo; a dialogicidade; a leitura do mundo e a leitura da palavra e a utopia.* Destaco, para concluir, a *interdependência das dimensões do ato educativo*, algo muito caro a Freire, especialmente o último Freire, da Pedagogia da Autonomia, como evidencia o esquema que segue:



Essa é uma luta que exige abertura para busca da convergência, de consensos possíveis em que todos possam se envolver. Sua grandeza está justamente nas interfaces e nas complementaridades que ela exige para que possamos dar um salto qualitativo em nossas frentes de atividades.

É preciso poesia, que é um prenúncio da alegria que virá, pois a Utopia tem essa estranha capacidade de renovar-se e recriar-se como a Fênix, das cinzas. Lembremo-nos de Chico César, compositor e cantor afro-paraibano, que dá início a este texto, anunciando com maestria o diálogo cultural e profético como chave de leitura para nossas práxis. Indaga ele: *E os sem amor, os sem teto, os sem paixão, sem alqueire?* Para logo responder: *No peito dos sem peito uma seta, E a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire...*

Referências

ANDREOLA, Balduíno; RIBEIRO, Mário Bueno. Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra. *Estudos Teológicos*, v. 45, n. 2, 2005, p. 107-116.

ARROYO, Miguel. Paulo Freire e o Projeto Popular para o Brasil. *In*: MST. *Paulo Freire Vive*. 2. ed. Veranópolis: ITERRA/MST, 2001. p. 54-62.

ARROYO, Miguel. Pedagogias em Movimento: O que temos a aprender dos Movimentos Sociais? *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp. 28-49, jan/jun., 2003.

BETTO, Frei. *Os desafios da Educação Popular*: As esferas sociais e os novos paradigmas da Educação Popular. São Paulo: CEPIS, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *A questão política da Educação Popular*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação Popular na Escola Cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. *Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de*

sociedade. Caruaru: FAFICA, 2001.

CARRILLO, Alfonso Torres. *Paulo Freire y la educación popular*. Bogotá: Editoral El Buho, 2007.

CÉSAR, Chico. Béradêro. *In*: *Aos vivos*. São Paulo: Velas, 1995. 1 CD (49 min).

DAMKE, Ilda Righi. *O processo do conhecimento na pedagogia da libertação: as ideias de Freire, Fiori e Dussel*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FÁVERO, Osmar. *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

FÁVERO, Osmar. O legado de Paulo Freire: passado ou atualidade? *REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos*, v. 1, n. 0, ago. 2007.

FREIRE, Ana Maria (Org). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FREIRE, Ana Maria. *Paulo Freire, uma história de vida*. São Paulo: Editora Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. Investigação e metodologia da investigação temática do "tema gerador" (1968). *In*: TORRES, Carlos Alberto. *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire* (Antologia). São Paulo: Loyola, 1979. p.119-148.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 34-41.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Educador: vida e morte*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação na cidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei; KOTSCHO, Ricardo. *Essa escola chamada vida*. São Paulo: Ática, 1985.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1989.

GADOTTI, Moacir. (Org). *Paulo Freire: uma biobibliografia*; São Paulo: Cortez; Unesco; Instituto Paulo Freire, 1996.

GOHN, Maria da Glória. *História dos Movimentos e Lutas Sociais*: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Glória. Educação Popular na América Latina no novo milênio: Impactos do novo. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.4, n.1, p.53-77, dez. 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HURTADO, Carlos Nuñez. *Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1993.

HURTADO, Carlos Nuñez. Permiso para pensar... Educación Popular: propuesta y debate. *América Libre*, 2, abril/mayo 1993. p. 46-61.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

JARA, Oscar. *Concepção dialética da educação popular*. São Paulo: CEPIS. 1985.

JARA, Oscar. Ressignifiquemos as propostas e práticas de Educação Popular perante os desafios históricos contemporâneos. *In*: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy (Orgs.). *Educação Popular na América Latina: desafios e perspectivas*. Brasília: UNESCO; MEC; CEAAL, 2006. p. 233-239.

LIMA, Licínio Carlos. *Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2000.

MANFREDI, Sílvia Maria. *Política: Educação Popular*. São Paulo: Símbolo, 1978.

McLAREN, Peter. Uma pedagogia da possibilidade: reflexões sobre a política educacional de Paulo Freire. *In*: FREIRE, Ana Maria (Org.) *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. p.179-196.

MELLO, Marco. *Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto.* Porto Alegre: Ed; Ísis; Diálogo; IPPOA, 2005.

MELLO, Marco. Perspectivas da Educação popular: de Paulo Freire ao Fórum Social Mundial – Horizontes ainda que seja noite. *In*: SCHINELO, Edmilson; LESBAUPIN, Ivo; MELLO, Marco. *Teologia da Libertação e Educação Popular: horizontes ainda que seja noite*. São Leopoldo: CEBI, 2008. p. 78-132.

MEJÍA, Marco Raul. *Transformação social: educação popular no final de século*. São Paulo: Cortez, 1996.

MÉSZAROS, István. *A Educação para além do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Instituto de Ação Cultural - IDAC. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 218-220.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

PALUDO, Conceição. *Educação popular em busca de alternativas*: uma leitura desde o campo democrático e popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PONTUAL, Pedro. *In*: BARRETO, Vera (Org.). *Coleção Paulo Freire: Biografia, Educação, Legado, Inspirações*. CEDIC, 2007.

PREISWERK. Matthias. *Educação Popular e Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Pedagogia dialética de Aristóteles e Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Antonio Gouvêa da. *A busca do tema gerador na práxis da educação*

popular. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2005.

STRECK, Danilo R. A educação popular e a (re) construção do público. Há fogo sob as brasas? *Rev. Bras. Educ.* vol.11, no.32, Rio de Janeiro, mai/ago., 2006. p. 272-284.

SOUZA, Inês. *Paulo Freire: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano: uma biografia intelectual. *In*: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

TORRES, Carlos Alberto. *Pedagogia da Luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

VALE, Maria José; VALE, Jorge; GONÇALVES, Sonia Maria; BENEDETTI, Sandra. *Paulo Freire: educar para transformar - almanaque histórico*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

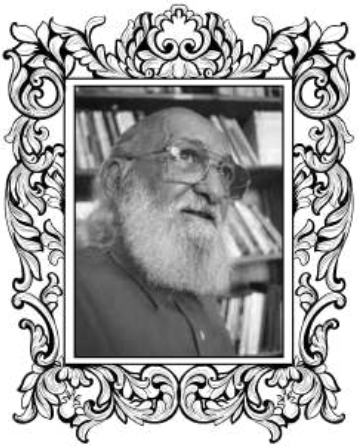
VALENTE, Ivan. *Paulo Freire Vive! Hoje, dez anos depois...* São Paulo: s/ed., 2007.

ZIBECHI, Raul, Diez años sin Paulo Freire. - La Jornada – México, 5 Mai 2007. Disponível em: *www.lpp-uerj.net/olped*. Acesso em 12 abril de 2007.

ZITKOSKI, Jaime. *Horizontes da (re) fundamentação em Educação Popular: um diálogo entre Freire e Habermas*. Frederico Westphalen: Ed. URI, 2000.

DEUS OU O DIABO NA TERRA DO SOL[1]

Um colega, em de uma das escolas nas quais trabalhei, dizia, com seu característico bom humor, cada vez que visualizava uma imagem similar àquela em seu aparelho celular: *"Parece que o homem só tirou essa foto na vida..."*. Seguia um riso contido. Ele referia-se a cartazes de eventos, capas de livros, revistas, *cards*, replicadas à exaustão nas redes sociais, com um Paulo Freire já maduro, de perfil, com a sua grande barba branca, olhos vívidos, de óculos com grandes aros, compenetrado.



Por trás da brincadeira jocosa, há algo que merece uma reflexão acerca da importância das representações imagéticas em uma sociedade que consagra à visualidade um conjunto de signos de alto valor simbólico, que borram os campos da estética e do político. No caso, refiro-me a fotografias feitas por terceiros, normalmente profissionais, em trabalhos de reportagens, em eventos envolvendo formações de educadores ou solenidades.

A partir do advento da popularização da Internet, com a circulação de informações nas redes sociais e a ancoragem de registros em repositórios virtuais, as possibilidades de manipulação de imagens através de programas de edições computadorizados, para fins de divulgação, têm um manancial inesgotável e que só cresce. Mas, paradoxalmente, aquela foto

[1] Artigo aprovado para apresentação no Eixo Temático: Paulo Freire: diálogos com/na Educação Básica junto ao XXV Fórum de Estudos: Leituras Paulo Freire: "Educação Popular, Resistências e Dignidade Humana", Porto Alegre, UFRGS, 2024. No título faço um trocadilho, tomando como referência o filme "Deus e o Diabo na terra do Sol" (1964), de Glauber Rocha, em uma homenagem a esse marco estético e político do movimento Cinema Novo, justamente no ano de seu sexagésimo aniversário e que coincide com as descomemorações do fatídico golpe empresarial-militar que submeteu o pais por 21 anos a um longa e terrível período de obscuridade e restrição das liberdades democráticas.

continua a ser uma preferência nacional. E cabe perguntar, já que o "o homem" fez, sim, outras fotos na vida, o que explica essa predileção?

O que pode dizer uma imagem?

Tomo o episódio descrito, comezinho e destituído de uma crítica substantiva, como mote inicial para uma inflexão em torno dos significados simbólicos do uso de imagens, como essa aqui reproduzida, desde o campo do senso comum. O que pode dizer essa imagem de Freire, utilizada repetidamente, com variantes, à exaustão: O que representa essa imagem? O que diz a imagem colorida desse homem, branco, idoso, de barba e cabelo grisalho, sobriamente com camisa vermelha abotoada até o colarinho, registrado isoladamente, sem a presença de outras pessoas, e quase sempre em meio corpo, à frente de uma estante repleta de livros, mirando com seus grandes óculos o alto? Por vezes com as mãos abertas "falando", na altura do peito. O que se capturou ali?

O Diabo sob o sol...

Comunista; doutrinador marxista de inocentes; principal causador do fracasso da educação no país; um cara complexo, que a gente lê, lê e não entende nada; foi um advogado frustrado, que não deu certo na vida; o método de alfabetização que ele inventou é ultrapassado e não funciona; um sujeito cheio de voltas e fala difícil; filósofo, né? Não precisa dizer mais nada; alguém que tirou o respeito que os alunos tinham pelo professor; na proposta dele não precisam ter conteúdos na escola, um absurdo!; é um ídolo das professorinhas que não querem trabalhar; é só olhar os índices da educação brasileira, lá em baixo, as crianças saindo sem aprender nem a ler, passando direto, pra ver que não dá certo isso de Paulo Freire nas escolas; as ideias deles são nocivas e foram usadas pela esquerda para desvirtuar a família brasileira; quando foi secretário de educação de São Paulo viu que era difícil colocar em pratica suas ideias e em pouco tempo deu no pé; deveria ter ido para Cuba, já que gostava de pobreza; falso messias da educação; nunca li nada dele, Deus me livre! e nem precisava pra saber que não presta; a esquerda fez dele um mito, uma divindade; na educação que ele defendia cada um faz o que quer, é anarquia; não tem nem prova mais, nem nota, imagina...; ele é o santinho dos igrejeiros do PT; ele é um cara pra trabalhar na EJA, e assim mesmo, olha lá...; quem segue a sua pedagogia defende que alunos só tem direitos, não tem mais deveres; ele queria trazer a política para a educação, coisas que não podem ser misturadas; era da esquerda radical, stalinista, e nunca se retratou. Adorava o Che Guevara, o Lênin, o Mao Tsé Tung, só

ditadores e assassinos; o método dele não dá certo numa escola. Por isso que precisa da Escola Sem Partido: pra varrer do mapa esse tal de Paulo Freire; ele já foi importante, mas está superado; tinha mais que queimar os seus livros, só porcaria para encher a cabeça de gente sem noção...; Paulo Freire e suas ideias já morreram, só falta enterrar!

Deus na terra...

Ele foi, é e sempre será um mestre incontestável; um cristão de verdade; se ele tivesse ficado no Brasil não teria mais analfabetismo; foi um espírito evoluído, um guia de luz que passou por aqui; um dos maiores educadores do mundo; somos discípulos de Freire e nossa missão é manter vivo o seu legado; ele é nosso mestre, um exemplo a ser seguido; um mártir, sofreu a vida toda, foi perseguido pela sua dedicação à causa da libertação do povo; nosso patrono oficial da educação; ele continua sendo lido, estudado e suas ideias implantadas no mundo todo; Paulo Freire é dos nossos! Estava lá, ajudou a fundar o PT; Ele é doutor Honoris Causa em mais de 50 universidades espalhadas pelo mundo. Quer glória maior do que essa?; um humanista, semeador de esperanças pelo mundo afora; um verdadeiro profeta de pés descalços; ser humano ímpar, que testemunhou o que pregou; Paulo Freire é inquestionável, alguém que estrou no panteão da história da educação, só um reacionário de direita que não reconhece isso; Paulo Freire vive!.

O Diabo sob o sol ou Deus na terra?

Já li e ouvi (e possivelmente você também), com variações aqui e acolá, muitas representações verbais, escritas e faladas em relação à figura pública de Paulo Freire, ora diabolizada, ora divinizada, sob o domínio do ódio, da paixão e da fé. Para efeito exemplificativo, arrolei algumas das mais comuns. Na sequência, faço alguns comentários a esse respeito.

As falas aqui recuperadas, a título de exemplos das recepções relativamente comuns à pedagogia freireana em ambientes que não o dos especialistas, oscilam de um pólo ao outro: da aversão pura e mesmo do ódio à admiração genuína e idolatria que beira ao culto. Tais discursos indicam o quanto carecemos, como sociedade, de juízo crítico para que não fiquemos reféns de uma ideologização excessivamente contaminadora a ponto de suspender interpretações críticas e a própria racionalidade. Nem o diabo sob o sol, tampouco Deus na terra. Paulo Reglus Neves Freire não está fora ou acima da

história, como se fosse um sumo-sacerdote-educador, expressão de uma verdade revelada a conduzir mansamente as massas rumo à terra sem males. Com Freire, contra Freire, sobre Freire, a partir de Freire, deixemos a paixão cega sobre sua vida e obra e tentemos situá-lo no contexto histórico mais amplo.

Patrono? É isso mesmo?

Não deixa de ser curioso e contraditório que, sob um contexto de emergência e de visibilidade pública na afirmação das chamadas pautas identitárias – tais como aquelas de releituras de expressões do cânone da tradição, provocados pelos movimentos das juventudes, de mulheres, negros e LGBTQIA+ –, haja um silêncio consentido em relação a algo muito caro, que é o ideário do patriarcado e tudo que ele representa. Afinal, nada mais antiquado do que um "patrono" homem, branco, como representante oficial de uma política pública que é a educação, feita majoritariamente por uma categoria profissional de mulheres.

Patrono pode significar, desde uma tradição católica, o santo protetor de uma entidade, de uma congregação, de uma classe de profissionais, como São Cristóvão é o patrono dos motoristas. Pode ser uma pessoa notável que defende uma causa, uma entidade, uma pessoa; protetor; alguém a que se preste à homenagem em um rito de passagem, por exemplo em formaturas acadêmicas (PATRONO, 2023). Um conceito derivativo dessa origem é *patriarcado*, referência cara aos estudos críticos nas ciências sociais e aos movimentos feministas militantes, como indica o verbete do Dicionário Crítico de Gênero.

> O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de "dominação masculina" ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas dos anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões "subordinação" ou "sujeição" das mulheres, ou ainda "condição feminina". Antes do século XIX e da aparição de um sentido ligado à organização global da sociedade, o patriarcado e os patriarcas designavam os dignitários da Igreja, seguindo o uso dos autores sagrados, para os quais patriarcas são os primeiros chefes de família que viveram, seja antes, seja depois do Dilúvio. (DEPLPHY, 2009, p.171)

O título de Patrono da Educação Brasileira, concedido postumamente a Paulo Freire, em 2012, no governo Dilma Rousseff (PT), por iniciativa da Deputada Federal Luiza Erundina de Sousa (então no Partido Socialismo Brasileiro/PSB, e atualmente no Partido do Socialismo e da Liberdade/PSOL), em um contexto de ataques da extrema-direita à democracia e à gestão petista no governo federal, significou uma tentativa de blindagem simbólica à sua figura pública e ao que ele representa para educadoras e educadores, sob fortes ataques do movimento Escola Sem Partido[2]. Sérgio Haddad, em produção sobre a história do educador Paulo Freire, nos ajuda a lembrar que nova ofensiva para desqualificar a obra de Freire ainda aconteceria: a tentativa de retirar o título de Patrono da Educação Brasileira de Paulo Freire, através de uma proposta legislativa que contou com apoio da base governista –- pedido que foi rejeitado e cuja proposta foi arquivada. (HADDAD, 2019, p.223).

Naquela conjuntura, as tensões, de altíssima intensidade, foram determinantes para explicar as motivações e mesmo a justificativa desse episódio, o patronato. Contudo, ainda assim o problema de fundo permanece. Patrono, patrão, patriarca, *pather*, pai. Na tradição, à autoridade se deve obediência, reverência. José Bonifácio de Andrada e Silva: Patrono da Independência do Brasil, Duque de Caxias: Patrono do Exército Brasileiro. E Paulo Freire ao lado? Se não é ilegítimo, estranho também não deixa de ser. Todavia, em que pese a crítica a sua entronização por parte dos poderes governamentais (Legislativo e Executivo) por certo não é aqui que se põe os acentos, mas no silente apoio de parcela da sociedade civil, em especial no imaginário docente[3].

Camarada de Cristo, encontrado nos becos, córregos e morros do Recife[4]

Paulo Freire teve uma formação religiosa muito marcante

[2] Walter Kohan, em sua biografia filosófica de Freire, tem uma passagem elucidativa a respeito desse "patronato". Diz ele: "Não são muito evidentes os efeitos práticos dessa lei nas escolas, muito embora alguns programas dos últimos anos do governo Dilma se digam inspirados em Paulo Freire. É, mais do que outra coisa, o valor dos símbolos, das palavras, dos gestos. Trata-se de uma lei muito mais chamativa pelo seu conteúdo simbólico que pelos efeitos práticos palpáveis." (KOHAN, 2019, p.19).

[3] Chamo a atenção para algo que até então me passara despercebido: o Instituto Paulo Freire, de São Paulo, instituição que reúne seu acervo, realiza formações de educadores, tem uma editora e livraria, além de realizar numerosos projetos, e produções próprias também tem um patrono em sua estrutura. Por óbvio, Freire! Vide: *https://www.paulofreire.org*. Acesso em set. 2023.

[4] Em entrevista em sua residência, pouco semanas antes de sua morte, Freire dá uma

em sua história, desde a influência familiar. Foi um católico convicto, na qual a participação em trabalho pastoral nas periferias do Recife foi decisiva em sua trajetória. Dizia-se amigo de Cristo e socialista cristão heterodoxo. Trocou a experiência docente na Universidade de Harvard pela assessoria ao Conselho Mundial das Igrejas, no qual trabalhou por dez anos até o retorno ao Brasil. Foi influenciado e influenciou a Teologia da Libertação. Seus escritos estão encharcados dessas experiências e, embora fosse reconhecidamente um sujeito humilde, afável e cordial, avesso ao personalismo, a história o suplantou.

Seu ideário pedagógico, presente em numerosas publicações próprias ou em parcerias (os "livros falados"), entrevistas a veículos impressos, rádios e televisões, registros fotográficos, preservação de originais é fonte de consulta indispensável para quem se aprofunda em sua obra – e esses suportes contribuíram para deixar registros perenes. Todavia, mais próximo ao final da vida (lembremos que Freire faleceu em 1997), houve uma captura progressiva da figura do sujeito Paulo Freire. Sua pedagogia foi sendo associada paulatinamente à *persona*, uma imagem física transmutada em símbolo, da qual não ficamos imunes, tamanha a força com que foi se naturalizando essas representações.

Esse fenômeno em parte é fruto de algo que é muitíssimo difícil escapar na era da reprodutibilidade técnica, a apropriação descontrolada e o consumo imagético. É aquilo que Aristóteles Berino e Marcélia Cardoso (2017), pesquisadores no campo da comunicação chamam atenção: a existência de um Paulo Freire pictórico, "um Paulo Freire plástico", em disputa no ambiente da cibercultura.

Por outro lado, há as escolhas que se fazem e estão no âmbito do livre-arbítrio toda vez que se produz algo a respeito: um *card* para um evento, uma *live*, uma arte para um encontro de formação, a capa de um livro. Para tanto, se faz uma pesquisa nas redes sociais. É essa dimensão que penso aqui interessa refletir. Freire, com sua trajetória, obra e características pessoais digníssimas, como forma e símbolo projetivo, viaja na velocidade

declaração bastante conhecida a respeito do simbolismo nas suas relações com Jesus Cristo e Karl Marx, dois baluartes em sua formação. Dela extraio um fragmento representativo: "(...) Quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então, as leituras que eu fiz de Marx, de alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas." Entrevista de Paulo Freire, concedida à jornalista Luciana Burlamaqui, da TV PUC-SP em 17 de abril de 1997. Disponível em: *http://www.paulofreire.ce.ufpb.br*.

da luz, enquanto ao entendimento e a crítica ponderada acerca de seu "conteúdo" se arrasta lentamente, tal qual uma pesada carroça em uma subida íngreme, puxada por uma junta de bois.

Meu reino por uma capa

É significativo que até determinado momento as sucessivas edições dos livros de Paulo Freire no Brasil não trouxessem na capa nenhuma alusão a sua imagem como figura humana. Nem na forma de fotografia, nem desenho, pintura, charge ou algo do gênero, sequer uma silhueta. Tampouco nas abas ("orelhas"), ou na contracapa, mesmo em diferentes editoras e em sucessivas reedições. Com Paulo ainda em vida, essa foi uma constante até determinado momento. Seria interessante uma leitura semiótica ou mesmo filosófica[5] acerca desse fenômeno; entretanto, para o propósito desta reflexão intuo que possa ser mais do que um mero refinamento estético dos novos tempos: uma transição para alocar na pessoa de Paulo Freire um conjunto de representações, como se fosse um amálgama de toda uma vida e obra ali representado. Na pessoa dele em determinadas imagens está o repositório de um conjunto de traços simbolicamente eivados de positividade.

Flávio Brayner, pesquisador que se debruçou em alguns trabalhos a investigar criticamente as apropriações de Freire, levanta questões instigantes e faz uma provocante reflexão, referindo-se ao processo de institucionalização do "paulofreirianismo". Mais adiante, trago-o novamente ao texto. Por ora destaco aqui uma ressalva dele próprio, que não cede a uma simples contemporização: "Essa institucionalização aparentemente independe das intenções que o próprio autor procurou imprimir à sua produção raramente encontra, nele mesmo, expressões de resistência que possam impedir seus seguidores de promover tal institucionalidade." (2017, p.854)

[5] Remeto para o aprofundamento do tema um dos excelentes livros da filósofa Marie-José Mondzain, "Imagem, ícone, economia: As fontes bizantinas do imaginário contemporâneo" (Contraponto, 2013), no qual a pesquisadora franco-argelina investiga a construção do imaginário moderno, as disputas teológico-eclesiais, a gênese e a emergência do poder persuasivo da imagem à serviço da cristandade. A "verdade" da imagem em sua face estética-pastoral e sua transformação de ícone sagrado a ídolo venerado e santificado, como símbolo referencial missionário, arquétipo e signo totalizador, subjetivado, consumido e partilhado pelos expectadores, encontra conexões e verossimilhança com as representações aqui sugeridas.

Figrua 2 - Capas de alguns livros de Paulo Freire em ordem crongológica

As sete quase-mortes de Reglus

Ficou *Reglus* - por erro do escrivão -, mas a intenção era que *Regulus* fosse - na etimologia, um dos significados remete a pequeno reizinho (FERREIRA, p.1476). Contudo, sua vida foi mais difícil do que aquele segundo nome parecia evocar.

Sobre viver. Viver sob condições desfavoráveis. Ele foi um sobrevivente. Sobreviveu à pobreza (depois da morte do pai e da mudança de cidade e moradia). Sobreviveu à eminente falta de escola (com a escolarização descontinuada; aos 17 anos conseguiu vaga como bolsista em escola privada para cursar o segundo ano ginasial. Hoje seria um estudante da EJA). Sobreviveu aos interrogatórios da Comissão de Inquérito da Universidade do Recife e a um temido Inquérito Policial Militar (IPM), acusado de subversivo. Sobreviveu à perseguição política e a dois períodos de prisão no período da ditadura (passou 72 dias em cadeias em Recife e Olinda). Sobreviveu ao frio (em Genebra, na Suíça, onde morou por anos, faz frio próximo a zero grau no inverno). Sobreviveu aos longos períodos de exílio longe do Brasil (16 anos). Sobreviveu à tristeza pela morte da companheira de uma vida inteira, a professora e alfabetizadora Elza Maia Costa Oliveira (42 anos de casamento e marcante influência em sua obra). Não há dúvidas, ele sobreviveu às quase-mortes. Mas, haverá outros riscos ainda no horizonte?

Reler, estudar e debater Paulo Freire

Para Licínio Lima, entusiasta da fecundidade da obra freireana, com a qual me identifico, é vital não apenas ler, mas, sob um contexto de grandes desafios, estudar e debater Freire. E há muitos motivos para isso. Essa é, segundo o pesquisador português, uma boa maneira de vitalizá-lo. Em suas palavras:

> Sem debates e controvérsias, dificilmente uma obra deixa de cristalizar e de morrer, perdendo energia crítica e capacidade de nos mobilizar para o seu estudo, correndo sérios riscos de institucionalização mais ou menos canônica, sendo reduzida a um conjunto de argumentos de autoridade ou a alguns símbolos de adesão, mais ou menos incondicional, a certos códigos políticos, ideológicos, pedagógicos. (LIMA. 2018, p. 35).

Lembremos aqui o próprio Freire em um pequeno texto produzido no contexto de sua participação ao longo de cinco anos

no trabalho de formação com camponeses no Chile e depois incluído em seu livro "Ação cultural para a liberdade". O texto, que abre sugestivamente o livro, tem por título: "Considerações em torno do ato de estudar". Uma preciosidade, atualíssima.

> Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões do conhecimento. Estudar é uma forma de uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever - tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele.
> A atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade e da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente. (FREIRE, 1977, p.10)

Dessacralizar Freire, pela esquerda

A natureza deste texto, um breve ensaio, não permite que avance o quanto gostaria e poderia fazê-lo, todavia não deixo de apontar a necessária crítica à sacralização que muitas vezes Freire se vê alçado por parte de seus admiradores e estudiosos. Alguns, reféns de um ideário que não desconhece as críticas pertinentes, preferem destacar tão somente uma positividade circular que se autoalimenta, em motocontínuo.

Uma inspiração de que aqui me valho é uma das boas histórias contada pelo ativista palestino, marxista herético e crítico literário Edward Said, em uma série de conferências em seus últimos anos de vida na Inglaterra[6], acerca das posições de um amigo intelectual iraniano e de suas mudanças em relação às posições emanadas das autoridades teocráticas de seu país.

> Os princípios e a envergadura moral de um intelectual não deveriam constituir uma espécie de caixa de câmbio lacrada, que impele o pensamento e a ação numa direção e é movida por uma máquina com apenas uma fonte de combustível. O intelectual tem de

[6] Trata-se da última parte da publicação: "Deuses que sempre falharam", comentário em torno das Conferências de Reitn, proferidas em 1993 e publicadas no Brasil pela Editora Companhia das Letras.

> circular, tem de encontrar espaço para enfrentar e retrucar a autoridade e o poder, pois a subserviência inquestionável à autoridade no mundo de hoje é uma das maiores ameaças a uma vida intelectual ativa, baseada em princípios de justiça e equidade. (SAID, 2005, p.120-121)

Para Said, o papel de um intelectual, que não seja do tipo "estabelecido" e sim "*outsiders*", não é o de ser um pacificador ou criador de consensos, mas alguém com senso crítico que confronta ortodoxias e dogmas, um "perturbador do status quo" (2005, p.10).

Na sequência, destaco algumas passagens de estudiosos da obra de Freire como forma de provocação sadia, sugerindo que pensemos algumas das tensões com foco na apropriação de seu legado. São quatro pesquisadoras/educadores bastante conhecidos e dignos de nosso reconhecimento pela larga e consistente trajetória no campo da educação. Estão aqui presentes por um motivo: a recusa de um simplismo reducionista na apreciação inconteste das ideias de Freire

> **1. Flávio Brayner**, historiador, escritor e professor (UFPE).
> "O paulofreireanismo (...) [é um] processo de institucionalização do pensamento de Paulo Freire, que produziu uma corrente de seguidores, comentadores, divulgadores, pesquisadores e admiradores reunidos em instituições de ensino e pesquisa, que, em nome da preservação da memória intelectual daquele educador, o transformou em um "autor": centro irradiador de citações, de comentários, de exegese, de teses e dissertações, vendo e identificando na obra do mestre uma palavra fundamental repleta de indicações e caminhos não apenas pedagógicos, mas também éticos, epistemológicos, estéticos, políticos ou culturais que orientam, mais do que ações educativas, formas de relacionamento intersubjetivo, relações cognitivas com o mundo e reflexões sobre práticas individuais ou coletivas, privadas ou públicas." [p.853].
> "Penso que o paulofreireanismo é uma forma (inconsciente?) de promover a segunda morte daquele educador! (...) De seu caráter marginal e subversivo, perseguido pelas forças da reação, preso e exilado, tendo as obras proibidas de publicação no Brasil, passando pela tentativa de construção de um

"sistema", dos verdadeiros "milagres" ocorridos em Angicos (para todos os efeitos a "Jerusalém do paulofreireanismo"), do MCP (Mov. de Cultura Popular), da Secretaria de Educação do Município de São Paulo, dos inúmeros "diálogos" e entrevistas elogiosas com amigos, da criação dos incontáveis institutos e centros "Paulo Freire", da disciplinarização universitária da educação popular, da elevação de sua figura à condição de patrono da educação nacional e, finalmente, da confecção de um marco de referência para basear nos princípios da educação popular (dialogicidade, amorosidade, problematização etc.) as políticas públicas do governo federal..., são exemplos da fortuna reservada ao seu pensamento, que guarda a marca sedutora do humanismo moderno, centrado numa concepção de homem e de sujeito de consciência que os freireanos teimam em não enxergar seus limites e problemas conceituais (o que, como dissemos, seria fatal para a doutrina), escrito em uma linguagem de matiz teopedagógica..., que conduzem a uma pedagogia transformada em uma espécie de ontologia da esperança (vocação-para-ser-mais), anunciada em frases de efeito pastoral muito atraente e, ao fim, todo esse conjunto institucionalizado em organismos nos quais tenho dificuldades cada vez maiores em enxergar processos de libertação ou de conscientização, seja lá o que isso signifique." [p.869]
BRAYNER, Flávio. Paulofreireanismo: instituindo uma teologia laica?. Revista Brasileira de Educação, v. 22, 2017, p. 853 e p.869.

2. Rosa Maria Torres, pedagoga, pesquisadora e consultora educacional equatoriana.
"Despersonalizar o campo implica desdeificar ou desdemonizar Freire e isto, por sua vez, supõe redescobri-lo, redimensioná-lo, reconstruí-lo criticamente a globalidade de seu pensamento e não enganando-o ou aceitando-o a partir de textos, citações antológicas ou noções isoladas, separadas de seu contexto histórico e de seu referencial histórico. Implica, ao mesmo aprofundar e desenvolver explicitamente o paradigma da educação popular, incorporando a este as contribuições que os seguidores e os críticos de Freire e os educadores populares em geral foram fazendo ao longo desses anos, mas incorporando também outras práticas e disciplinas teóricas, cuja contribuição enriqueça,

dinamize e desenvolva o reduzido âmbito em que, de modo geral, se veio movendo a educação popular."
TORRES, Rosa Maria. *Educación Popular: um encontro com Paulo Freire*. Quito; CECCA; CEDECO, 1986, p.49.

3. Walter Kohan. Filósofo, professor. e pesquisador (UERJ)
"(..) Paulo Freire mostra uma vocação "errante e andarilha" em seu imaginário e em suas ideias, compondo seus pensamentos com autores de marcos teóricos muito diferentes que lhe exigem viajar de um contexto de pensamento a outro. Nesse sentido, Paulo Freire é um viajante não apenas com o corpo, mas também com as ideias. Desloca-se entre ideias e pensamentos muito distantes, escritos em linguagens bem diferentes. Sua escrita é errante, eclética, movediça. Pedagogia do oprimido seria um exemplo desse imaginário viajante, que faz partilhar da mesma viagem autores tão dessemelhantes quanto Martin Buber e Mao Tsé-Tung, junto a outros aparentemente também muito distantes entre si, como Hegel e Che Guevara ou Frantz Fanon e Karl Jaspers." [p. 135]
"Para citar apenas alguns dos seus erros mais evidentes e indiscutíveis: o uso de uma linguagem machista nos primeiros textos (que ele próprio reconhece e ajusta); sua apreciação do processo revolucionário nicaraguense; a eleição de algumas estratégias dos seus programas de alfabetização desenvolvidos em países como Cabo Verde e Guiné-Bissau... Porém, o mais interessante, no caso de Paulo Freire, não é tanto a ausência ou a presença desse segundo tipo de errar, não acertar, equivocar-se. Todos erramos mais ou menos, nesse sentido. O bonito de Paulo Freire é sua relação com o que ele percebe como erros, sua capacidade para fazer também desses erros percebidos um motivo para errar no outro sentido do verbo, para vagar, se deslocar, viajar." [p. 138].
KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*. 2019, Belo Horizonte: Vestígio, 2019. p. 135 e 138.

4. Marcela Gajardo. Socióloga, professora universitária e pesquisadora chilena
"Nos importantes esforços realizados para estudar a trajetória intelectual e política de Paulo Freire no Chile, existem vazios de informações sobre os

contextos, institucionais e políticos, nos quais ele desenvolvia suas teorias pedagógicas.(...) [p.31].

A evidência disponível indica que a influência dessas ideias sobre a formulação e a execução de políticas de alfabetização e educação de adultos foi enorme, dentro e fora da América Latina. Boa parte dela ocorreu com as ações de grupos e redes de educadores cristãos comprometidos com a mudança social e com organizações da igreja, que iniciavam um processo de renovação institucional sob o marco do que, nos anos sessenta e setenta, se conheceu como Teologia da Libertação. Esses atores adotaram o método de conscientização e divulgaram as ideias pedagógicas de Freire, que foram implementadas rapidamente entre as organizações e os movimentos educacionais de base e entre sociólogos e politólogos ocupados com programas de desenvolvimento rural e transformações agrárias.
Divulgados por palestras e publicações, como relatórios, manuais, cartilhas e materiais pedagógicos preparados e utilizados em atividades de formação de monitores e alfabetizadores ou em atividades de pesquisa e capacitação camponesa, esses materiais foram utilizados amplamente por comunidades eclesiásticas de base para promover debates sobre educação e controle social a grupos e instituições cristãs ocupadas com projetos de educação de base e educação popular. Uma das antologias que paradoxalmente antecedeu as publicações de *Pedagogia do Oprimido* e *Sobre la Acción Cultural* foi publicada pela ISAL, em 1968, sob o título *Cristianismo y Sociedad*, texto que reuniu uma série de artigos escritos por Paulo Freire e sua equipe para atividades de pesquisa e capacitação do ICIRA, assim como algumas apresentações e artigos preparados para seminários no Chile e outros países da América Latina, vários deles incluídos em coletâneas bibliográficas que procuraram reconstruir sua trajetória intelectual durante seus anos de exílio no Chile. ISAL, 1968; INODEP, 1972; Freire, Salazar Bondy, 1974; Torres, 1981; Gadotti, 1992).

Posteriormente, esses ensaios – alguns dos quais também faziam parte do núcleo central da Pedagogia do Oprimido - foram reorganizados e publicados no endereço originalmente dados por seu autor seguindo

a lógica dos públicos aos quais as mensagens foram dirigidas (...)" [p.32].
GAJARDO, Marcela. *Paulo Freire: Crónica de sus años en Chile*. Chile: Flacso, 2019. p.31-32.

Abertura necessária

Gajardo, Kohan, Torres e Brayner, entre tantos outros autores e autoras possíveis de estarem dividindo este espaço na folha, são pesquisadores que têm uma sólida trajetória em seus campos de atuação e em investigações tão consistentes quanto inquietantes. Eles oferecem outras lentes, distintas das habituais, para enxergar Freire, a genealogia de sua obra, seu percurso e também algumas das representações feitas em nome de sua pedagogia.

É salutar reconhecer, sob a condução de Kohan (2019), o afastamento de apologias e detrações, na singular biografia filosófica sobre o pernambucano. O autor identifica as errâncias na trajetória de Paulo Freire e a própria capacidade que ele teve de aprendizado com a reflexão e a revisão de sua própria história, desdobrada em sua produção. É uma sacudida bem-vinda à contundente crítica que Torres (1986) já fazia nos anos 1980 das tentativas de isolar e sobrevalorizar de maneira simplificada Freire diante do paradigma da Educação Popular latino-americana.

Não se sai incólume depois de ler sobre o "paulofreirianismo" de Brayner (2017), a recomendar com ironia e uma verve afiada uma tomada de distância para ver a cegueira que por vezes nós próprios nos colocamos em relação à sua produção. Como não ficar mexido com as memórias, o relato de sua participação direta e os documentos resgatados por Marcela Gajardo (2019), então auxiliar de Freire no Instituto de Pesquisa, Treinamento e Reforma Agrária (ICIRA) no Chile, e o cotejo feito por ela dos aportes empíricos e documentais com a produção de "Pedagogia do oprimido"?

Ao invés de uma canonização e de uma devoção inconteste – como se tratássemos de um semideus no Olimpo ou de uma obra transformada em uma doutrina – revestida de um "sentido evangelizador e pastoral" (KOHAN, 2021, p. 32) –, o diálogo crítico, fundamentado e criador, sempre mais interessante e desafiador, sinal de vitalidade de seu pensamento e de nossa própria condição de criadores de cultura.

Reler Freire, como iconoclastas

Para concluir, um posicionamento pessoal. Se há algo de que não precisamos no campo educacional é de posturas de idolatria, messianismo e adoração a quem quer que seja e tampouco a sua institucionalização como se fosse uma entidade sagrada, blindada da *mundanidade* – aliás, termo que Freire ajudou a difundir. Recomendo bom senso e consciência crítica. Que a *persona* pública de Paulo Freire não obstrua nem reduza a vitalidade e a potência do que de mais importante podemos fazer: o diálogo com seu pensamento, sua obra.

A personalização, seja pela lógica do mercado, voltada ao apelo comercial e o lucro, seja pelos espaços de poder representados por quem de alguma forma gravita em torno de seu legado, ou mesmo a reverência (individual e coletiva), não são boas acompanhantes para quem se posiciona política e epistemológica no campo contra-hegemônico da Educação Popular e para quem advoga um projeto societário alternativo ao existente, destituído de culto a personalidades. De mitos queremos distâncias.

Ele sobreviverá?

Referência e inspiração de incontáveis, múltiplos e diversos processos coletivos de Educação Popular na América latina, no Caribe e no mundo inteiro, basilar no campo da formulação teórica de pedagogias críticas, bem como na formação de educadores, a obra de Freire também contribuiu para o desenvolvimento de metodologias participativas de pesquisa social. Além do mais, se estende para outros campos do conhecimento, revelando a fecundidade dessa que é, antes de tudo, uma teoria do conhecimento. Paulo Freire é ainda atual e imprescindível entre nós.

Se é necessário revisitar a caminhada feita, não se pode descurar de uma visão projetiva. É o que nos lembra o sociólogo e educador popular peruano e costarriquenho Oscar Jara, coordenador da mais importante coalizão de grupos, coletivos e movimentos de Educação Popular no continente, o Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe (CEAAL). Em produção que sistematiza algumas das ações mais significativas realizadas na Campanha em defesa do legado de Paulo Freire, no ano do centenário de seu nascimento, 2021, Jara faz uma consideração importante, ao destacar o presente-futuro.

> Esta comemoração não significou um olhar para o passado, mas, pelo contrário, uma manifestação de mobilização crítica e criativa em favor de processos educativos transformadores, verdadeiramente capazes de contribuir para a construção de capacidades humanas que nos permitem ser sujeitos da transformação da história, para a qual Freire nos convidou com seu pensamento e ação. Paulo Freire deu um *giro radical* às concepções de educação vigentes na primeira metade do século XX (...). (JARA, 2022. p.15. Grifos no original).

Ele sobreviverá como ideário? Se depender deste escriba, de muitas e muitos de nós, por certo que sim!

Confere aqui a linda canção de Antônio Moreno, *Paulo Freire viverá!*

Cem anos de nascimento/Vinte três de eternidade/ Lutou pela liberdade/Semeou conhecimento/ Criou grande movimento/da educação popular/E aqui vamos celebrar/ o seu legado de amor/E em cada educador/Paulo Freire viverá!Enquanto a gente educar/Paulo Freire viverá!

https://www.youtube.com/watch?v=HFCP3JBjC8A

Referências

APPLE, Michael W. Freire, neoliberalismo e educação. *In*: APPLE, Michael W.; NÓVOA, Antonio (Orgs.). *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998. p. 21-45.

BERINO, Aristóteles de Paula; CARDOSO, Marcélia Amorim. Da fotografia ao meme, Paulo Freire através das suas imagens na internet. *Periferia*, v.9 n.2, jul-dez 2017, p.234–256.

BRASIL. Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012. Declara o educador Paulo Freire,

Patrono da Educação Brasileira. Diário Oficial da União.

BRAYNER, Flávio. “Paulofreirianismo”: instituindo uma teologia laica?. *Revista Brasileira de Educação*, 22, n.70, jul.-set. 2017, p.851-872.

BRAYNER, Flávio. *Para além da educação popular*. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: EDUNESP, 2019. p.171-178.

FERREIRA, Aurélio Buarque de *et al*. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo, Nova Fronteira, 1986.

FINE, Ben. Fetichismo da mercadoria. *In*: BOTTOMORE, Tom et al. (Orgs.) *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 150.

FREIRE. Ana Maria Araújo. A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire. *In*: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996. p. 27-67.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. *In*: FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 9-12. [1975].

FREIRE, Paulo. *Entrevista concedida à jornalista Luciana Burlamaqui, da TV PUC-SP*. São Paulo, 17 de abril de 1997. Disponível em: *http://www.paulofreire.ce.ufpb.br*.

GAJARDO, Marcela. *Paulo Freire: Crónica de sus años en Chile*. Santiago, Chile: Flacso, 2019.

HADDAD, Sérgio. *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.

JARA, Oscar. Presentación. Paulo Freire vive! una campaña de acción, reflexión y movilización creadora. *In*: JARA, Oscar (Org.) *Paulo Freire vive! Campaña latinoamericana y caribeña en defensa del legado de Paulo Freire. Sistematización de diez experiencias*. San José, Costa Rica; Guadalajara, México; Brasília, Brasil: CEAAL - Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe, 2021. p.15-21.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KOHAN, Walter. *¿A favor o contra Paulo Freire? Pensar filosóficamente un legado, entre la descalificación ideológica y la crítica académica*. Pedagogía y Saberes n.º 55. Universidad Pedagógica Nacional. Facultad de Educación. 2021. pp. 25–40.

LIMA, Licínio. Três razões para estudar Freire hoje, para além da mais óbvia. *In*: GADOTTI, Moacir; CARNOY, Martin (Orgs.). *Reinventando Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire e Lemann Center, 2018. p. 29-36.

MELLO, Marco; PACIEVITCH, Caroline; VIANNA, Marcus (Orgs.) *Do lado esquerdo do peito, Paulo Freire: Presente!* Porto Alegre, RS: Editora Fi, ATEMPA, 2021.

MONDZAIN, Marie-José. *Imagem, ícone, economia*: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MORENO, Antônio. Paulo Freire viverá! Youtube. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=HFCP3JBjC8A. Acesso em maio de 2023.

PATRONO. Verbete. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - Michaelis. Disponível em: *https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patrono/*. Acesso em: set. de 2023.

QUIJANO, Anibal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Antolología essencial. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020.

SAID, Edward. *As representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TORRES, Rosa Maria. *Educacion Popular: um encontro com Paulo Freire*. Quito; CECCA; CEDECO, 1986.

DO LADO ESQUERDO DO PEITO:
PAULO FREIRE, PRESENTE![1]

À Lisete Arelaro e Conceição Paludo.

Camaradas de uma vida inteira dedicada à educação pública e popular
e que estiveram conosco antes de virarem encantadas

Ao longo do ano de 2021, em todos os continentes, em atividades simultâneas ou integradas, educadoras e educadores do mundo todo reuniram-se para celebrar o centenário de nascimento do educador Paulo Reglus Neves Freire, que veio a este mundo em 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco, e faleceu em 2 de maio de 1997, na cidade de São Paulo, aos 75 anos de idade. No Brasil, especialmente, as atividades tiveram uma outra justificativa além da celebração, a da reação organizada para se opor à ofensiva ideológica contra seu pensamento crítico e à liberdade de ensino, sobretudo de educadores e educadoras da rede básica.

Catherine Walsh, uma importante referência na pedagogia decolonial, trabalhou e conviveu com Freire na década de 1980, antes de se radicar no Equador. A autora escreve algo sobre o sentido da presentificação de Freire em seu centenário, um *"pensar-falar com"*. Em suas palavras, que também faço minhas: "Torná-lo presente é, também, além disso, um ato de desobediência e rebeldia diante das tentativas políticas – primeiro do governo golpista de Temer e agora deste governo sem nome de Bolsonaro" (2021, p.166-167).

Com o objetivo de debater, compartilhar, ampliar e ressignificar o legado de Paulo Freire, um conjunto de organizações de educadores e instituições parceiras de Porto Alegre colocaram em movimento uma ideia auspiciosa. A partir

[1] Este texto tem por base parcial o roteiro de participação em novembro de 2021, como palestrante na Sessão Solene em homenagem a Paulo Freire no centenário de seu nascimento, na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, a partir da propositura dos Vereadores Matheus Gomes (PSOL) e Pedro Ruas (PSOL), bem como a apresentação do livro "Do lado esquerdo do peito: Paulo Freire, Presente!" (2021), produzida conjuntamente com Caroline Pacievitch e Marcus Vianna, a quem agradeço a parceria e a gentileza para que um excerto pudesse ser também veiculado neste livro.

de uma experiência bem-sucedida no ano anterior, em torno dos Ciclos de Debates “A história se move...”, o Coletivo de Professores e Professoras de História da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre (CPHIS) propôs uma parceria à Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre (ATEMPA), para realizar, com um espectro mais amplo de temas e parceiros, uma jornada formativa através de vídeos-conferências relativas ao centenário de Freire.

À iniciativa se agregaram o GT de Ensino de História e Educação (ANPUH/RS), PROFHISTÓRIA - Mestrado Profissional em Ensino de História, o 38° e o 39° Núcleos Regionais do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS-Sindicato) e o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET).

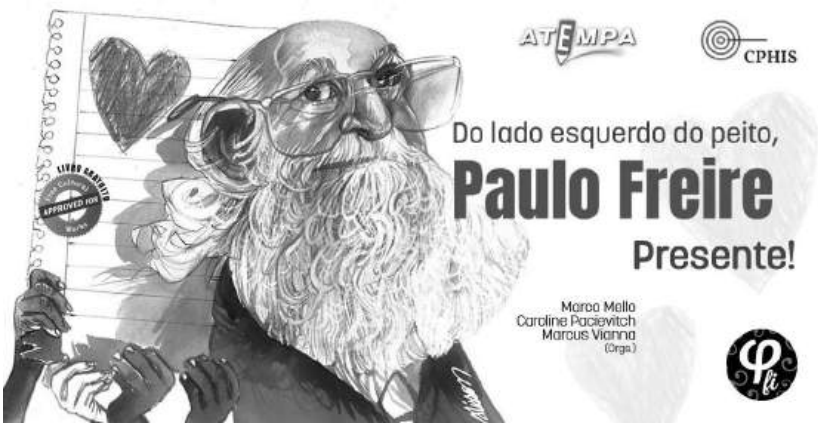


Figura 1 - Card de divulgação. Arte: Alisson Affonso

A atividade aconteceu em uma situação excepcional, em meio a uma pandemia, sob a dura conjuntura de ataques do governo genocida e fascista do bolsonarismo e gestões regionais e locais a ele vinculadas. Nesse contexto, o “Ciclo de Debates Paulo Freire: Presente!” se inseriu como mais uma iniciativa das lutas das trabalhadoras e trabalhadores em educação da rede básica. Eram pautas a resistência ao retorno às atividades presenciais sem condições sanitárias, testagens e vacinação, e a migração para o retorno gradativo ao ambiente escolar e às comunidades locais sob protocolos ainda de transição.

Ao longo de mais de um semestre, um conjunto de atividades compôs um programa de caráter formativo, com *lives*

mensais, com transmissão simultânea nas plataformas do Youtube e Facebook, com expressivo número de acessos e interação. Houve entre dois e três convidados que exploraram, a cada um dos encontros, os temas sugeridos pela organização. Além dos painéis amplos, organizamos ainda círculos de cultura, para propiciar uma participação direta, com grupos simultâneos, para relatos de práticas e debates com a presença de mediadores convidados[2].

O temário, aqui arrolado, e que deu título aos encontros, fornece uma pista do que encontraremos nessa obra: *A educação crítica e libertadora em Paulo Freire: atualidade e desafios*; *Contexto histórico de surgimento da Educação Popular e a contribuição de Freire*; *Paulo Freire na Escola Pública: as experiências nos governos democrático-populares*; *Educação decolonial, gênero e raça; releituras da obra de Freire; Paulo Freire*; e o *Bom Combate! Movimentos Sociais e Educação Popular na América Latina; Liberdade de ensinar e Gestão Democrática na perspectiva freireana.*

Essa iniciativa se inseriu, de forma solidária, nas ações da Campanha Latino-Americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire, organizada pelo Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL). Portanto, sob a égide de um resgate do pensamento freireano nos marcos da história da educação popular e das lutas contra-hegemônicas em nosso continente.

Nesse processo formativo, o livro, nos formatos físico e e-book[3], foi um dos resultados. Reafirmamos, na sua apresentação, a necessidade de conhecer, reler, celebrar, mas também reinventar Freire e projetar seu legado no presente-futuro, fomentando novas lutas desde essa inspiração. As obras e as histórias de vida do educador pernambucano, bem como sua admirável esperança por uma educação e uma sociedade mais justa, continuam a

[2] Registro aqui a importância ao longo de todo o processo formativo, da participação direta e horizontalizada de um grande grupo de colegas, sobretudo integrantes do Coletivo de Professoras(es) de História, o CPHIS, que demonstraram uma enorme capacidade de trabalho coletivo, de diálogo, mediação e capacidade operativa, além da camaradagem e o bom humor, sempre necessários em empreitadas como essas e sob uma angustiante pandemia.

[3] O livro na versão Ebook está disponível para leitura e download no repositório da UFRGS: *https://tinyurl.com/2uep2wuz* e junto à Editora Fi, onde também pode ser efetuada a encomendada para impressão: *https://www.editorafi.org/295*.

inspirar educadoras e educadores comprometidos com a educação como prática de liberdade e com a construção de um projeto histórico alternativo para nossa classe.

Além da capa do livro, aqui reproduzida, extraí o texto que inserimos na contracapa como um convite à leitura do mesmo. De forma sintética, ele explicita a importância que Paulo Freire assume em nossas organizações, em nossas vidas e também a obra que apresentamos aos leitores como mais uma forma de fazer *o bom combate*!

> *Do lado esquerdo do peito, Paulo Freire: Presente!*
> Esse é o espírito que habita esta obra coletiva. A presença que se evoca, na ausência física, de uma ancestralidade que nos constitui e convoca a nos fazermos mais gente, pessoas e educadoras/es melhores do que somos hoje.
>
> Do lado esquerdo do peito, com o afeto pelo reconhecimento de sua trajetória luminosa e o seu legado imprescindível deixado. Afeto ao querido mestre Paulo Freire, cidadão do mundo e andarilho da utopia. Daí ser lembrado, celebrado e comemorado, entre nós, no ano do centenário de seu nascimento.
>
> Do lado esquerdo, porque esse é o lado de sua gente, as desvalidas e os esfarrapados do mundo que, conscientes da opressão, da dominação e da exploração, com o povo organizado e em movimento, se comprometem a com ele lutar na superação das situações-limites na direção de uma pedagogia da libertação e um novo projeto histórico, voltado à emancipação humana.
>
> Paulo Freire: Presente! Necessário, sempre, porque a boa tradição e a memória coletiva de nossa classe faz jus àqueles e àquelas, entre as nossas fileiras, que tombaram, mas deixaram rastros, obras e testemunhos que podemos seguir como inspiração, a balizar caminhos, no acúmulo necessário em direção a uma educação como prática da liberdade, uma escola marcada pela boniteza da justiça curricular e um mundo onde caibam todos os mundos.

Referências

CEAAL - CONSELHO DE EDUCAÇÃO POPULAR DA AMÉRICA LATINA E CARIBE. Agenda Esperanza Latinoamérica: Rumbo al Centenario de Paulo Freire. 2020.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando*. Conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2018.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2013.

MELLO, Marco; PACIEVITCH, Caroline; VIANNA, Marcus. Apresentação (Orgs.) *Do lado esquerdo do peito, Paulo Freire: Presente!* Porto Alegre, RS: Editora Fi, ATEMPA, 2021. p.12-16.

MELLO, Marco. Palestra na Sessão Solene em homenagem a Paulo Freire no centenário de seu nascimento. Propositura: Vereador Matheus Gomes (PSOL) e Vereador Pedro Ruas (PSOL). Porto Alegre. Auditório Ana Terra da Câmara de Vereadores. 13 de dezembro de 2021.

WALSH, Catherine. A educação como prática da liberdade: pensando-falando com Paulo Freire hoje. *In*: SILVESTRE, Magali Aparecida; Stangherlim, Roberta; MIZAN, Souzana (Orgs.). *Paulo Freire: 100 anos de práxis libertadora*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022. Vol. 1, p.166-174.

EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO CRÍTICA:
PAULO FREIRE E MICHAEL APPLE[1]

"Deu meia noite, a lua faz um claro
Eu assubo nos aro e vou brincar no vento leste
A aranha tece puxando o fio da teia
A ciência da abeia, da aranha e a minha
muita gente desconhece."

Na asa do vento
João do Vale[2]

Quais as principais características da Educação Crítica[3]? E da Educação Popular? Que intersecções podemos identificar entre a chamada Educação Crítica e a Educação Popular a partir das contribuições de autores que são referências fundantes em ambos os campos, como Paulo Freire e Michael Apple? Quais aproximações e distinções do pensamento pedagógico desses dois autores? Desde uma incursão sócio-histórica, quais os desafios que podemos identificar para os educadores e as educadoras críticas que, desde a prática docente na Educação Básica, dialogam a partir dessas perspectivas?

Neste ensaio, apresento alguns elementos de reflexão em torno dessas questões. Para tanto, utilizo basicamente uma leitura atenta de parte da farta bibliografia disponível e indico, através de um esforço de síntese, possíveis respostas que podem ajudar a mapear duas tradições que têm tido uma extraordinária importância para a vitalidade do pensamento pedagógico contemporâneo.

---

[1] Artigo publicado originalmente na Revista Pedagógica – UNOCHAPECO, Ano 17, n.30 – jan./jun. 2013, sob o título *Educação Crítica e Educação Popular: um diálogo (norte-sul) entre comadres*.

[2] João do Vale (1934-1996), o poeta dos pés descalços, foi um cantor e compositor maranhense, considerado um criador autêntico, apesar de ter estudado somente até a antiga "terceira série do primário". Compôs mais de 600 músicas, entre elas os clássicos da MPB "Carcará", "Na asa do vento", "Pisa na fulô", "No pé do lageiro", "Coroné Antônio Bento", "Canto da Ema", entre outras, que foram sucessos na voz de dezenas de intérpretes. Há um belo documentário, que recomendo, sobre a história do cantor: "João do Vale, muita gente desconhece", dirigido por Werinton Kermes, que conquistou o Kikito de melhor documentário na 13ª edição do Festival Cine Vídeo de Gramado, em 2011. Disponível em *https://www.youtube.com/watch?v=En21Vj2YQs8* (29 mins).

[3] Com o objetivo de dar relevância aos conceitos, grafo com maiúsculas Educação Crítica e Educação Popular.

Na estrutura do texto, inicio com uma concisa caracterização de cada uma dessas tradições para, a seguir, delimitar a contribuição biobliográfica de cada um dos autores destacados para essas respectivas vertentes, a partir de suas principais obras[4]. Em seguida, faço um mapa comparativo das trajetórias e dos estudos de Freire e de Apple para, finalmente, concluir com uma síntese possível e o indicativo de alguns desafios aos pesquisadores críticos.

Freire e a Educação Popular

Paulo Freire foi um educador pernambucano que se tornou um cidadão do mundo, como ele gostava de designar-se (FREIRE, 1995). Sem dúvida, sua trajetória o inscreve como um dos grandes pedagogos da atualidade, quer se concorde ou não com suas posições. Suas formulações estão associadas, desde sua gênese, ao que ele denominou *educação libertadora, educação para a liberdade, educação problematizadora, educação dialogal, educação para democracia, educação conscientizadora.* Curiosamente Freire, nas suas primeiras obras, não se refere explicitamente à Educação Popular, embora sua formulação teórica e prática seja indissociável dessa concepção delineada no contexto latino-americano.

A Educação Popular tem uma vigorosa trajetória em nosso país, que precede e sobrevive a ele, mas nela Freire tem um lugar destacado. Suas ideias, seu testemunho e sua admirável esperança, engajada por uma educação e uma sociedade mais justa, continuam a inspirar educadores comprometidos com a transformação social. Suas palavras sobre esse tema bem representam essa percepção, dentro e fora do ambiente escolar. Permito-me citar uma longa, mas ilustrativa passagem:

> [...] me parece importante deixar claro que educação popular cuja posta em prática, em termos amplos, profundos e radicais numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza é exatamente a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes populares na luta em

[4] Dada a estrutura desta obra, que encadeia um conjunto de produções independentes e já contém um artigo que trata de maneira pormenorizada da vida e obra de Freire, optei em suprimir parte da sessão original do artigo que abordava esse aspecto.

> favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais. É a que respeita os educandos, não importa qual seja sua posição de classe e, por isso mesmo, leva em consideração, seriamente, o seu saber de experiência feito, a partir do qual trabalha o conhecimento com rigor de aproximação aos objetos. É o que trabalha, incansavelmente, a boa qualidade do ensino, a que se esforça em intensificar os índices de aprovação através de rigoroso trabalho docente e não com frouxidão assistencialista, é a que capacita suas professoras cientificamente à luz dos recentes achados em torno da aquisição da linguagem, do ensino da escrita e da leitura. [...] É a que, em lugar de negar a importância da presença dos pais, da comunidade, dos movimentos populares na escola, se aproxima dessas forças com as quais aprende para a elas poder ensinar também. É a que entende a escola como um centro aberto à comunidade e não como um espaço fechado, trancado a sete chaves, objeto de possessivismo da diretora ou do diretor, que gostaria de ter sua escola virgem da presença ameaçadora de estranhos. É a que supera os preconceitos de raça, de classe, de sexo e se radicaliza na defesa da substantividade democrática. [...] Crítica também a natureza autoritária e exploradora do capitalismo. [...] A educação popular a que me refiro é a que reconhece a presença das classes populares como um sine qua non para a prática realmente democrática da escola pública progressista na medida em que possibilita o necessário aprendizado daquela prática. (FREIRE, 2001, p. 101-109).

Freire simboliza, sobretudo para os educadores e as educadoras das redes públicas e ativistas sociais que se reivindicam comprometidos com uma perspectiva emancipatória, um mestre da palavra-ação: pelas suas ideias, pela sua trajetória intelectual e pessoal, pela sua coerência ética e política (MELLO, 2008b). Suas contribuições como intelectual, educador e gestor continuam de grande atualidade, pois os contornos de sua produção o consagram como um clássico, lido, estudado e reconhecido no mundo todo (TORRES, 1997; LIMA, 2000; SOUZA, 2001).

Embora não tenha se debruçado teoricamente em torno de uma teorização curricular (SILVA, 2002), Freire influenciou

gerações de educadores que refletiram e pesquisaram acerca dessa temática. É pertinente lembrar que, além de construir uma pedagogia, desde uma orientação crítico-transformadora, ancorada em uma concepção de construção social do conhecimento, Freire coordenou, à frente do maior das capitais brasileiras, São Paulo, um vigoroso Movimento de Reorientação Curricular. Esse movimento participativo, democrático e orientado pela lógica da racionalidade emancipatória e transformadora, se transformou em referência para políticas curriculares progressistas junto às administrações populares em todo o país (SAUL; SILVA, 2011). Além de tudo, uma das mais bem-sucedidas e longevas experiências de uma educação libertadora com fortes influências de Freire foi a política curricular da Escola Cidadã, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (GANDIN, 2011b, 2012).

Na sequência, passo a apresentar detidamente a concepção da Educação Crítica para privilegiar as formulações daquele que é considerado por muitos como o mais importante e influente sociólogo da educação na contemporaneidade, Michael Apple.

Educação Crítica: concepção e perspectivas

A Educação Crítica ou Pedagogia Crítica no mundo anglo-saxônico pode ser considerada uma referência ampla, advinda das teorias críticas neogramscianas e pós-modernas, que ganhou relevância na década de 1980, nos Estados Unidos, a partir dos ataques conservadores às escolas e da reação de programas universitários de formação de educadores e ativistas multiculturais, feministas e antirracistas (APPLE, CARLSON, 2003).

Em uma concepção que rejeita o generalismo, aqui apresento uma explicitação consistente sobre a Educação Crítica e sua constituição, formulada por expoentes nesta área.

> Essa compreensão mais robusta - em que nos fundamentamos - envolve transformações cruciais dos pressupostos epistemológicos e ideológicos subjacentes relativos ao que importa como conhecimento legítimo ou 'oficial' e a quem detém tal conhecimento (Apple, 1979/2004, 2000). Ela também está fundamentada em mudanças radicais dos compromissos de cada um com o social. Isso implica uma atitude que se volta à transformação social e à ruptura com as ilusões confortadoras que têm como

> pressuposto que os modos em que nossas sociedades e seus aparatos educacionais estão atualmente organizados podem levar à justiça social. Além disso, uma compreensão mais robusta da pedagogia crítica e da educação crítica baseia-se cada vez mais na percepção da importância das múltiplas dinâmicas que sustentam as relações de exploração e dominação em nossas sociedades. Temas que dizem respeito à política de redistribuição (processos e dinâmicas econômicas de exploração) e à política do reconhecimento (lutas culturais contra a dominação e lutas pela identidade), portanto, precisam ser consideradas em conjunto (Fraser, 1977). (APPLE; AU; GANDIN, 2011, p. 14).

Essa orientação exige ainda o que Apple chama de um reposicionamento, isto é, uma forma de olhar o mundo pelos olhos dos despossuídos e agir contra os processos ideológicos e institucionais e contra as formas ideológicas e institucionais que reproduzem condições opressivas (APPLE, 1995). Evidentemente esse princípio também acarreta uma redefinição do papel da pesquisa e dos pesquisadores críticos.

Não restrita a uma filiação teórica, pode-se dizer que, sob essa denominação, hoje podem ser agrupados estudos que se originaram na nova sociologia crítica de educação, notadamente de filiação marxista. Cito, portanto, autores identificados com as produções basilares da Escola de Frankfurt e com neomarxistas ingleses, estudos baseados no legado de Paulo Freire e mesmo autores que buscam contribuições analíticas nas teorias pós-críticas e pós-estruturalistas.

O que pode aproximar autores vindos de correntes distintas? Justamente as perspectivas de convergência, depois de décadas de formação e delimitação de um certo lugar no cenário educativo. O sentido é o de problematizar e contextualizar processos educacionais, com enfoques histórico-políticos, e de perceber as inter-relações dinâmicas e complexas entre economia, política, cultura e educação.

É ainda uma característica marcante nesses estudos a presença de uma dupla perspectiva: de denúncia e de análise crítica aprofundada de situações de exploração, dominação e opressão, nas esferas da economia, da cultura e da educação. Não menos importante, ressalta-se a socialização de experiências de superação de injustiças sociais e educacionais, construída por

educadores, ativistas e pesquisadores críticos.

A Educação Crítica, no entanto, está longe de ser um bloco monolítico, com posições e marcas irredutíveis. Antes, abriga um amplo espectro de projetos no cruzamento de distintos campos políticos, empíricos, conceituais e práticos, como nos lembram Apple, Au e Gandin:

> A pedagogia crítica e a educação crítica como um todo – e a pesquisa que está dialeticamente conectada a elas – são um conjunto de projetos que está amadurecendo e está em andamento: projetos inacabados. Ambas continuam a ser vitalmente necessárias. Bem realizados, tais projetos oferecem análises críticas que dão aos teóricos e aos profissionais um meio de intervir nas contínuas e até mesmo crescentes desigualdades sociais e educacionais. Contudo esse conjunto dual de projetos é às vezes enfraquecido por sua tendência ao 'possibilitarianismo romântico' (Whitty, 1974), sua falta de um sentido estratégico refinado do poder dos movimentos sociais e, especialmente, dos movimentos sociais direitistas dentro e fora da educação em um número considerável de nações (Apple, 2006; Takayama e Apple, 2007). Essa fraqueza é crucial, já que as intervenções associadas à pedagogia crítica são de importância ainda maior, dada a formação recente de alianças direitistas extremamente poderosas nos Estados Unidos, no Japão, na Austrália e em tantas outras nações hoje. (APPLE; AU; GANDIN, 2011, p. 21).

Para a construção dessas referências teóricas balizadoras, foi e vem sendo fundamental a contribuição de muitos pesquisadores e ativistas. Michael Apple é, sem dúvida, um dos principais pilares dessa construção e por isso vou me deter a examinar, ainda que resumidamente, suas principais contribuições para tal feito.

A referência biográfica e os trabalhos de Michel Apple

Michael W. Apple é um dos mais importantes sociólogos da educação de todos os tempos. Seus estudos e pesquisas, ao longo de mais de quatro décadas, o situam como um autor imprescindível para se compreender criticamente as políticas educacionais contemporâneas e os estudos curriculares em particular.

Conhecido pela sua produção em áreas nos quais se destacam a teoria curricular, políticas educacionais e a sociologia do currículo, vale lembrar que Michael Apple tem uma origem familiar da classe operária imigrante, trabalhou por mais de uma década como professor em subúrbios e áreas rurais no que chamamos no Brasil de Educação Fundamental e Ensino Médio, além de ter sido dirigente de um sindicato docente. Coerente com o seu compromisso com a democratização da pesquisa, das políticas educacionais e das práticas escolares, tão presente em seus escritos, tem atuado ao longo dos anos em múltiplos contextos, como intelectual público, realizando conferências e assessorias à grupos de pesquisadores em universidades, sindicatos, grupos independentes, movimentos sociais e governos de corte progressista.

Apple é doutor em Educação pela Universidade de Columbia e professor titular na Universidade de Wisconsin, Madison, EUA, onde trabalha desde 1970. Foi um dos precursores da sociologia crítica da educação nos EUA. Dentre suas produções, destacam-se as obras (traduzidas para o português): *Ideologia e Currículo* (1982); *Educação e Poder* (1989); *Conhecimento oficial*: *a educação democrática numa era conservadora* (1997); *Escolas Democráticas* (1997); *Política Cultural e Educação* (2000); *Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade* (2002); *Para além da lógica do mercado: compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo* (2005).

Sua produção tem, como um dos traços marcantes, a análise relacional e contextualizada da esfera educacional com os campos da economia, da política e da cultura. Baseada em referências heterodoxas desde a tradição marxista, rejeita o mecanicismo e o determinismo de análises economicistas, que marcaram fortemente os estudos educacionais nos anos setenta. Ao mesmo tempo, reconhece e opera com as condições objetivas da existência, destacando a centralidade da classe social como categoria central nas suas análises da sociedade capitalista.

Ao indagar sobre os critérios de organização, seleção e hierarquização dos conhecimentos escolares utilizados pelos sistemas educacionais e educadores, e a quem eles têm servido, Apple trouxe para o debate curricular questões cruciais em torno da intencionalidade e da politicidade da educação, bem como do papel que o conhecimento desempenha na manutenção e na recriação de arranjos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Apple foi ainda um dos primeiros analistas a situar, em

uma perspectiva conjugada e crítica, as categorias de classe, raça, gênero e sexualidade para a compreensão das relações de poder e da dinâmica educacional. Seus estudos, ao colocar em relevo o papel da cultura – na forma como as escolas produzem e reproduzem arranjos sociais –, contribuíram sobremaneira para o estudo dos efeitos do poder e da desigualdade educacional e social. Especialmente destacaram o quanto a cultura não é um simples reflexo da economia, mas tem uma dinâmica própria, que opera sob o signo da ideologia e da luta pela hegemonia (MOREIRA, 1989).

Na década de 1980, Apple dedicou-se a estudar o processo de trabalho docente. Nesse, investigou como reformas curriculares operadas por grupos conservadores, utilizando-se de livros didáticos e de recursos tecnológicos, como programas de televisão e computadores, foram cruciais para não somente a desqualificação e uma nova requalificação do trabalho docente na lógica do mercado, mas também para a manutenção e o aprofundamento das relações hierárquicas de gênero e raça (APPLE, 1995).

Sua grande capacidade de refinamento analítico tem proporcionado a retomada e o uso de conceitos centrais para estudiosos que se situam no âmbito das teorias críticas. Ideologia, Hegemonia, Senso Comum, Poder, por exemplo, são categorias cruciais e sempre presentes em suas obras, o que evidencia sua filiação marxista na busca do entendimento de como a educação produz e reproduz representações na luta pelo controle de significados em torno do conhecimento.

Suas pesquisas e suas reflexões sobre as relações entre educação e processos de globalização da economia e das políticas neoliberais o levaram a tecer críticas contundentes: às reformas nacionais que visam padronizar um currículo nacional (APPLE, 1994, 1999), aos processos de privatização e mercantilização da educação (APPLE, 2003) e aos sistemas de avaliação de desempenho de larga escala, rankings de eficácia e foco em resultados de testes (APPLE, 2003).

As produções desse autor evidenciaram com pioneirismo (APPLE, 2003) a importância da compreensão de como os movimentos da chamada *Nova Direita*, que ressurgiram com vigor com a emergência do neoliberalismo em escala global, têm operado no que ele denomina de uma modernização conservadora. Essa lógica tem sido possível dada a construção de um arco de alianças que congrega neoliberais, neoconservadores,

grupos religiosos fundamentalistas e setores das camadas médias profissionais e gerenciais, em torno de um novo bloco hegemônico, com vistas a influenciar no controle do significado da escolarização.

Figura 1 - Reunião da AERA (American Educational Resarch Association), Universidade de Pittsburgh (EUA), 1991. Da esquerda para à direita, o segundo dos retratados na fotografia é Michael Apple, ao lado de Paulo Freire. Autoria: desconhecida.

Aproximações possíveis entre Apple e Freire

É possível afirmar, com base na extensa produção dos próprios autores, além de em um conjunto significativo de obras a respeito de suas biografias, o quanto de aproximações e identidade comum está presente nas histórias de vida e de trabalho de ambos educadores.

Freire e Apple tiveram origens na classe trabalhadora, e essa cultura marcou fortemente a ambos, seja por privações, seja pela convivência com situações de pobreza, com a violência urbana e com severas desigualdades sociais (GANDIN, 2011a; APPLE, 1995, 2000a). Ambos tiveram um processo de aprendizado marcante com organizações de trabalhadores, sejam os lavradores e os pescadores das ligas camponesas, no nordeste brasileiro (FREIRE, 2006), sejam os operários sindicalistas de Paterson em Nova Jersey ou os afro-americanos da Califórnia, nos Estados Unidos (GANDIN, 2011a; APPLE, 2012).

Os dois educadores tiveram uma breve, porém significativa experiência como professores em escolas da educação básica. Apple, além de uma sólida carreira acadêmica, com distinções importantes e numerosas publicações, traduzidas em todos os continentes, é um ativista profundamente engajado em lutas por justiça social. Além do mais, foi líder sindical, em Nova Jersey, junto a sua categoria de professores na rede básica (GANDIN, 2012; PARASKEVA, 2002).

Freire, mais do que um intelectual e escritor, também foi um homem de ação. Um homem que não se acomodou frente aos problemas de seu tempo. Desenvolveu tanto atividades pedagógicas e de formação política, quanto ocupou espaços de poder na estrutura do Estado. Nas oportunidades que teve, colocou seu saber, sua inteligência e seu tempo a serviço de projetos de emancipação das classes trabalhadoras brasileiras e de além-mar.

Ambos desenvolveram suas obras com um profundo respeito às representações dos sujeitos encarnados na vida cotidiana, sem fazer teorizações abstratas alheias à vida dos trabalhadores e dos educadores.

Freire, com sua obra, de algum modo, antecipou várias das críticas à educação liberal que uma década mais tarde seriam objeto dos estudos de Apple e de um conjunto de pesquisadores que se destacaram na cena da sociologia crítica da educação e dos estudos curriculares. Possivelmente outros autores, no contexto estadunidense, tenham tido influência acentuada de Freire, como Henry Giroux e Peter McLaren, apenas para citar alguns autores mais conhecidos em nosso contexto. Contudo, a obra mais conhecida de Freire, *Pedagogia do oprimido*, sem dúvida era de conhecimento de Apple desde o início dos anos 1970 (APPLE, 2006). Segundo o próprio Apple:

> [...] as numerosas obras de Freire serviram de referência a várias gerações de trabalhadores educacionais críticos. Ele é importante para toda essa imensidão de pessoas, em tantos países, que reconhecem que a nossa tarefa é dar nome ao mundo e construir coletivamente uma educação anti-hegemônica; reconhecem, ainda, que a alfabetização crítica (que ele denominou conscientização) está ligada a lutas reais, é realizada por pessoas reais, em comunidades reais (APPLE, 1998, p. 24).

Freire e Apple não foram contemporâneos, mas interagiram de modo fecundo nas oportunidades que tiveram. Participaram juntos de conferências na Califórnia e em São Paulo, fizeram intercâmbios acadêmicos, acompanharam experiências conjuntas no contexto da educação básica, escreveram artigos e ensaios nos quais fizeram referências um ao trabalho do outro. Tornaram-se amigos e, cada um a seu modo, deram os testemunhos dos compromissos assumidos com os processos de emancipação social.

Freire, na medida que avançava na idade, mais leve elaborava seus textos, com um estilo claro e direto, sem que isso significasse perda de qualidade e conteúdo. Apple manteve uma produção que prima pela densidade analítica, pelo refinamento teórico e pela manutenção de uma escrita que segue as referências do universo acadêmico, mas que se mantém acessível ao leitor mediano e chama atenção pela elegância na sua construção. Ambos organizaram e produziram várias publicações em parcerias e na forma de diálogos ou entrevistas, o que revela a sua generosidade e, ao mesmo tempo, o esforço de alargamento de fronteiras e do fortalecimento de produções coletivas.

Mais do que uma aproximação biográfica, a obra desses dois autores evidencia uma aproximação de perspectivas analíticas. Entre elas, podemos destacar a identidade em torno de uma premissa de leitura crítica de mundo, de uma teoria dialética do conhecimento e de uma educação radicalmente democrática e transformadora, voltada para a justiça social.

Distinções perceptíveis entre Freire e Apple

Aponto, na sequência, alguns dos principais traços distintivos entre essas duas tradições no campo dos estudos críticos em educação, a Educação Popular e a Educação Crítica. Faço tal análise destacando primeiramente a própria história de vida de nossos autores para, em seguida, apontar algumas das influências presentes em suas obras.

Freire teve uma influência teórica eclética. Pode-se afirmar, como o fez Torres (1996), que três filosofias marcaram sucessivamente sua obra: o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo sem, no entanto, adotar uma posição ortodoxa em relação a essas influências. Em sua fase madura, se autodenominava um cristão marxista (FREIRE; FAUNDEZ, 1986) ao revelar as profundas influências que tivera da teologia da libertação latino-americana e dos movimentos em prol da

descolonização afro-asiática (FREIRE, 2000a; TORRES, 1997).

Apple teve, em suas referências familiares, uma influência muitíssimo significativa dos pais, ativistas da esquerda radical estadunidense, fato que ainda frequentemente reconhece (APPLE, 1999, 2002, 2003). Sua formação, no contexto da contracultura, também teve marcas ainda presentes dos movimentos afro-americanos, dos movimentos feministas e de minorias sexuais (APPLE, 1995, 2006).

Michael Apple, declaradamente um neomarxista (TORRES, 1990), tem como referências fundamentais Antonio Gramsci, Raymond Williams, Stuart Hall, entre outros. Progressivamente, ele foi incorporando o diálogo com contribuições das teorias pós-críticas e pós-estruturalistas (APPLE; CARLSON, 2003). Não se furtou a trazer para seus estudos contribuições da Escola de Frankfurt, nem tampouco de estudos de Michel Foucault, Basil Bernstein e Pierre Bourdieu, por exemplo (APPLE, 2001).

Apple e Freire apresentam, contudo, diferenças que vão além das influências óbvias de contexto e de diferenças socioculturais e linguísticas. São diferenças de concepções e de ênfases que estão presentes em muitas passagens e na própria matriz analítica desses autores. O próprio Apple, em umas das entrevistas concedidas a Carlos Torres e Raymond Morrow e republicada em uma de suas obras (APPLE, 1997), discorre sobre sua avaliação da obra de Freire.

> Embora eu concorde em larga escala com a noção de que a pedagogia de alguém deve apoiar-se na experiência vivida dos atores e de que existem maneiras para estimular isso - e neste ponto Freire não tem paralelo no mundo - eu sou, em outros sentidos, provavelmente mais gramsciano porque penso que abrimos mão em demasia da questão do conteúdo. Estou principalmente preocupado com a ideia que algumas pessoas têm, quando interagem para criar um alfabetismo político, que é um processo lento, que o conhecimento que frequentemente chamamos de 'burguês' não é essencial para aquele processo de alfabetismo [...]. Acredito, também, que corremos o perigo de nos apropriarmos e tornarmos politicamente não ameaçador, brilhante material que foi desenvolvido no Terceiro Mundo e em tipos práticos de luta. Deste modo, contribuímos para a perda de seu compromisso crítico com a libertação.

> Como disse, penso que não é fácil transladar isso para as nossas salas de aula e não creio que as condições são necessárias e exatamente as mesmas [...]. Acredito que, de fato, o que fazemos frequentemente é tomar Freire como um modelo simples, simplesmente uma técnica transferível, uma técnica que tiramos do bolso, esquecendo que ela foi construída na luta e que precisa ser reconstruída e reconectada com as pessoas. Assim vejo uma variedade de perigos. Mas, por outro lado, a abordagem freireana é um avanço sobre as formas como normalmente pensamos a educação não formal, sobre o conhecimento de que certos grupos é apropriado e sobre como podemos articular isto de modo bastante crítico, que seria um ato de má-fé não permitir que ela influenciasse muito do que fazemos. (APPLE, 1997, p. 253-254).

Nesta passagem, fica bastante claro o posicionamento de Apple em relação a algumas das questões centrais em torno do legado de Freire. Ao mesmo tempo que reconhece a fecundidade do pensamento do educador brasileiro como uma expressão de uma referência do chamado terceiro mundo, não deixa de tecer críticas ao papel secundário do conteúdo escolar sistematizado em Freire, bem como a uma certa transposição domesticada de suas ideias para contextos e condições distintas daquela em que sua produção surgiu.

Apple, em um registro em que dá um depoimento autobiográfico em um seminário alusivo aos 90 anos que Freire faria se estive vivo (APPLE, 2011), lembra, não obstante a admiração por Freire, as discussões públicas vibrantes e respeitosas com o autor de *Pedagogia do oprimido*, com discordâncias e pontos de vistas distintos em torno de várias questões. Não deixou, por exemplo, de criticar o "possibilitarismo romântico" (apud WHITTY, 1974) presente em suas obras e uma visão pouco diretiva sobre a organização dos conteúdos escolares na organização curricular (APPLE, 2011).

Freire, sobretudo em suas primeiras obras, silenciou sobre questões hoje consideradas cruciais para a Educação Crítica e para a própria Educação Popular, tais como as categorias e as relações de gênero, raça e etnia, também pontuadas de forma crítica e contundente por Apple (2011). Seus pressupostos epistemológicos e políticos também não passaram incólumes e de maneira inconteste (PAIVA, 1987; TORRES, 1981; TORRES, 1986; AU, 2011).

Apple lembra, de maneira pertinente, que

> [...] nossa tarefa não é simplesmente ser seguidores de Freire ou de qualquer pessoa. Sim, muito do que fazemos está em seus ombros e sobre os ombros de muitos outros educadores críticos e ativistas culturais, mas não importa em que ombros nos apoiamos, os compromissos críticos continuam a ser muitos, mesmo. (APPLE, 2011, p. 14).

Síntese possível

A Educação Crítica, que teve origem nos países do hemisfério norte, notadamente Estados Unidos e Inglaterra, e a Educação Popular, originária dos países do hemisfério sul, em especial na América do Sul e América Central, encontram, como vimos, vários pontos de intersecção e diálogo.

Ambas têm uma gênese, uma episteme, e passam, com alguma regularidade, por reconceitualizações, novas caracterizações e reconfigurações políticas. Sob o guarda-chuva dessas denominações, abrigam-se inúmeras experiências orientadas por outras tradições críticas, advindas de intelectuais, de centros de formação e de assessoria, de grupos e movimentos sociais e populares – tais como os presentes em Camini, Centeno e Vergo –, de experiências de educação de cunho socialista, de educação a partir de princípios anarquistas, de comunidades tradicionais, negras e ameríndias, de experiências de sindicatos de trabalhadores, de movimentos comunitários locais, de grupos de feministas e de livre orientação sexual, entre tantos outros.

Educação Popular e Educação Crítica são, portanto, sínteses meta-referenciais, extremamente potentes, mas que, pela sua própria caracterização de abrigar em si tradições plurais, convivem com uma certa dispersão e instabilidade identitária. já que, com alguma frequência, o próprio campo é reconstruído.

Compadres e Comadres

Na cultura popular, “compadre” e “comadre” são termos que referem uma relação extensiva de parentesco: é ser, por exemplo, madrinha de uma criança, a partir de um rito de batismo católico (ARANTES, 1993). Estão presentes sobretudo em áreas rurais e vilas populares nas cidades, nas quais ainda sobrevivem algumas características advindas da origem interiorana dos moradores. É, ao mesmo tempo, um termo usual para demonstrar proximidade e companheirismo.

Comadres são amigas que, ainda que por vezes distantes, têm intimidade e cumplicidade. Cada vez que se encontram ou precisam uma da outra, sabem que podem contar com a "comadre", ainda que isso não as exime de eventuais conflitos e rusgas. Não é outra a relação entre a Educação Crítica e a Educação Popular.

Freire a Apple, como pudemos acompanhar neste ensaio, são autores sempre presentes nos debates e nos quefazeres no campo dos referencias críticos em educação, seja no âmbito da Educação Crítica, seja no âmbito da Educação Popular, seja no entrecruzamento dessas perspectivas[5]. Seguir essas tradições é ser capaz de compreendê-las, honrá-las, dar continuidade a elas e, por certo, atualizá-las e revigorá-las.

Afirmar a atualidade e a convergência da Educação Popular e da Educação Crítica, reinventando-as, sem abrir mão dos princípios éticos, políticos e epistemológicos que as caracterizam é um dos grandes desafios que vislumbramos na agenda da pesquisa crítica. Mas ainda temos outros pela frente.

Dos caminhos comuns, entre convergências e dissensos

Ao concluir este ensaio, indico o que me parecem tensões e desafios teórico-práticos para os pesquisadores e ativistas sociais que reconhecem a fecundidade das aproximações de filiações teóricas de caráter crítico e contra-hegemônico.

A busca de convergências entre a Educação Popular e a Educação Crítica, nos termos aqui apresentados, implica assumirmos o papel da pesquisa crítica para além da descrição do mundo social. Os tensionamentos postos na conjuntura atual precisam de respostas que não sejam simplistas e dualistas, mas que apresentem um grau de complexidade e de refinamento que permitam a compreensão de uma realidade que tem se transformado celeremente (APPLE; AU; GANDIN, 2011). Portanto, ferramentas teóricas e metodológicas podem ser construídas a partir das experiências que aproximam os educadores críticos e radicais, de dentro e de fora da academia (SANTOS, 2007), para

[5] Reporto como leitura complementar, no tocante ao balanço sobre a produção de Freire, um texto do próprio Michael Apple, inserido em uma coletânea que foi publicada no Brasil após a publicação original deste artigo. Nele, o sociólogo discorre demoradamente sobre as aproximações e diferenças analíticas com Freire e destaca um tema que foi retomado em outros artigos de sua autoria: os principais compromissos dos "intelectuais públicos" diante dos imensos desafios frente ao avanço da restauração conservadora. Trata-se de "Paulo Freire e as tarefas do estudioso/ativista crítico na educação", presente no livro "A educação pode mudar a sociedade?" (APPLE, 2017)

produzir uma teoria crítica capaz de oferecer elementos de análise e de superação do estágio educacional e social no qual nos encontramos.

A grandiosa tarefa de atualizar e reconstruir referenciais críticos exige, indubitavelmente, a contribuição de comunidades de pesquisadores, ativistas e educadores comprometidos com tal empreendimento, em direção a uma educação transformada e transformadora. Apple e Freire, de norte a sul, vêm dando contribuições fundamentais e duradouras.

Esse entrecruzamento de perspectivas teóricas e metodológicas tem o desafio primordial de, no contexto vivido sob a hegemonia de políticas conservadoras, investigar e socializar experiências inspiradoras, de caráter contra-hegemônico, e contribuir no fortalecimento de práticas educativas progressistas que se processam nas práticas locais, no interior das escolas, mas também em organizações, nos grupos historicamente marginalizados, nos movimentos e nas lutas populares, por dentro e ao largo do Estado. Como nos lembra Apple:

> Na verdade, este não é apenas um imperativo político, mas epistemológico também. Como Freire conhecia tão bem, o desenvolvimento de recursos teóricos críticos é feito melhor quando é dialeticamente e intimamente ligado aos movimentos e às lutas reais. (APPLE, 2011, p. 7).

O desafio posto aos intelectuais transformadores é construir, na teoria e na prática, "subjetividades rebeldes" – como afirma Santos (2007) – capazes de produzir, desde o campo educacional, alternativas à hegemonia neoconservadora, orientados por utopias críticas. Eis o assunto-desafio dessa prosa, entre comadres e compadres...

Referências

APPLE, Michael W. A Política do Conhecimento Oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? *In*: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994. p.59-91.

APPLE, Michael W. *Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

APPLE, Michael W. *Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora*. Petrópolis: Vozes, 1997.

APPLE, Michael; NÓVOA, Antônio (Orgs.). *Paulo Freire: política e pedagogia*.

Porto: Porto Editora, 1998. p. 167-187.

APPLE, Michael W. Freire, neoliberalismo e educação. *In*: APPLE, Michael W.; NÓVOA, António (Orgs.). *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998. p. 21-45.

APPLE, Michael W. *Políticas culturais e educação*. Lisboa: Porto, 1999.

APPLE, Michael W. Reestruturação educativa e curricular e as agendas neoliberal e neoconservadora: Entrevista com Michael Apple. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 1, p. 5-33, jan./jun. 2001. (Entrevista conduzida por Michael F. Shaughnessy, Kathy Peca e Janna Siegel).

APPLE, Michael W. *Educação e Poder*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

APPLE, Michael W. Interromper a direita: realizar trabalho crítico numa época conservadora. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 2, n. 1, p. 80-98, jan./jun. 2002.

APPLE, Michael W. *Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo, Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

APPLE, Michael W. *Para além da lógica do mercado: compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

APPLE, Michael W. *Ideologia e Currículo*. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

APPLE, Michael W. *As contribuições de Paulo Freire para a educação crítica na contemporaneidade*. Entrevista concedida à Cátedra Paulo Freire da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. TV PUC-SP. Ago. 2006.

APPLE, Michael W. Paulo Freire, pedagogia crítica e as tarefas do estudioso crítico ativista. *Revista e-Curriculum*, PUC-SP: São Paulo, v. 7, n. 3, p. 1-21, dez. 2011.

APPLE, Michael W. Contradições e ambiguidades do currículo e das políticas educacionais contemporâneas: entrevista com Michael Apple. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 175-184, jan./abr. 2012. (Entrevista conduzida por Maria Vieira SILVA; Mara Rúbia Alves; MARQUES; Luís Armando GANDIN).

APPLE, Michael W. Paulo Freire e as tarefas do estudioso/ativista crítico na educação. *In*: APPLE, Michael W. *A educação pode mudar a sociedade?* Petrópolis: Vozes, 2017. p. 47-82.

APPLE, Michael W; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando. O mapeamento da educação crítica. *In*: APPLE, Michael W; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando (Orgs.). *Educação Crítica: análise internacional*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luís Armando (Orgs.). *Sociologia da educação: análise internacional*. Porto Alegre: Penso, 2013.

APPLE, Michael W.; BEANE, James (Orgs.). *Escolas Democráticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

APPLE, Michael W.; BURAS, Kristen (Orgs.). *Currículo, Poder e Lutas Educacionais: com a palavra, os subalternos*. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

APPLE, Michael W.; CARLSON, Dennis. Teoria educacional crítica em tempos incertos. *In*: HYPOLITO, Álvaro; GANDIN, Luis Armando (Orgs.). *Educação em tempos de incerteza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

APPLE, Michael W.; GANDIN, Luís Armando; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Paulo Freire, 1921-97. *In*: PALMER, J. A. *Fifty Modern 'Ihinkers on Education From Piaget*

to the Present. London: Routledge, 2001.

ARANTES, Antonio Augusto. Pais, padrinhos e o Espírito Santo. *In*: (Org.). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

AU, Wayne. Lutando com o texto: contextualizar e recontextualizar a pedagogia crítica de Freire. *In*: APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando (Orgs). *Educação Crítica: análise internacional*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 250-261.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular*. *A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

CAMINI, Isabela; CENTENO, Lúcio; VERGO, Terezinha (Orgs.). *Sem cercas e muros: a Educação Popular no meio do povo*. Porto Alegre: CAMP - Centro de Assessoria Multiprofissional; RECID - Rede de Educação Cidadã, 2012.

FREIRE, Ana Maria. *Paulo Freire: uma história de vida*. São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000a.

FREIRE, Paulo. *Educação na cidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000b.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Pedagogia da pergunta*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GANDIN, Luís Armando. Criando alternativas reais às políticas neoliberais em educação: o projeto da Escola Cidadã. *In*: APPLE, Michael; BURAS, Kristen. *Currículo, poder e lutas educacionais: com a palavra os subalternos*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 221-243.

GANDIN, Luís Armando. A Escola Cidadã: implementação e recriação da educação crítica em Porto Alegre. *In*: APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís Armando (Orgs.). *Educação Crítica: análise internacional*. Porto Alegre: Artmed, 2011b. p. 380-393.

GANDIN, Luís Armando. Democratização do acesso, do conhecimento e da gestão: revisitando a reforma educacional da Escola Cidadã em Porto Alegre, Brasil. *In*: *Reunião Anual da Latin American Studies Association*, 2012, San Francisco, Estados Unidos. Papers - Latin American Studies Association, 2012.

GANDIN, Luís Armando. Michael Apple: a educação sob a ótica da análise relacional. *In*: REGO, Teresa Cristina (Org.). *Currículo e Política Educacional*. Petrópolis: Vozes, 2011a.

MELLO, Marco. O cajado e a lança; Paulo Freire nas trilhas da Educação Popular. In: MELLO, Marco (Org.). *Paulo Freire e a Educação Popular*. Porto Alegre: IPPOA; ATEMPA, 2008a. p.61-82.

MELLO, Marco. Perspectivas da Educação Popular: de Paulo Freire ao Fórum Social Mundial - Horizontes ainda que seja noite". *In*: SCHINELO, Edmilson;

LESBAUPIN, Ivo; MELLO, Marco. *Teologia da Libertação e Educação Popular: horizontes ainda que seja noite*. São Leopoldo: CEBI, 2008b. p. 78-132.

MELLO, Marco. *Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto*. Porto Alegre: IPPOA; Diálogo; Ísis, 2005.

MOREIRA, Antonio Flávio. A contribuição de Michael Apple para o desenvolvimento de uma teoria curricular crítica no Brasil. *Fórum Educacional*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 17-30, 1989.

PARASKEVA, João M. Michael W. Apple e os estudos [curriculares] críticos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 2, n. 1, p.106-120, jan./jun. 2002.

PREISWERK, Matthias. *Educação Popular e Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. O pensamento de Paulo Freire no campo de forças das políticas de currículo: a democratização da escola. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v. 7, n. 3, dez. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Inês (Org.). *Paulo Freire: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano: uma biografia intelectual". *In*: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996. p. 69-115.

TORRES, Carlos Alberto. *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*. São Paulo: Papirus, 1997.

TORRES, Carlos Alberto (Org.). *Educação, poder e biografia pessoal*. Diálogos com educadores críticos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TORRES, Carlos Alberto (Org.). *Leitura crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1981.

TORRES, Rosa Maria. *Educacion popular: um encuentro com Paulo Freire*. Quito: ECCA; CEDECO, 1986.

VALE, João Batista do. *Na asa do vento*. Compositores: João do Vale; Luiz Vieira. LP *João do Vale*. 1981 Sony Music Entertainment (Brazil), 3 mins. [1956]. Disponível em: *https://bit.ly/45l1ABj*

ONDE MORA O PAULO FREIRE FILÓSOFO?[1]

Como identificar e qualificar o que transborda em amplitude? Como reter a água límpida e abundante que escorrega por entre as mãos? Como dizer o indizível? Nomear é, sem dúvida, um lugar de saber-poder.

Ele é denominado pedagogo, pensador, humanista, filósofo, escritor, educador, intelectual, Patrono da Educação Brasileira. Para outros, desavisados ou detratores, um doutrinador marxista, ideólogo da educação comunista, idealista messiânico e ultrapassado. Em se considerando as múltiplas denominações habitualmente atribuídas a Freire, seria ele, de fato, um filósofo?

Paulo Freire (1921-1997) não criou nenhum sistema filosófico no sentido clássico da expressão. Não se inseriu como membro da comunidade filosófica existente, não publicou nenhum livro que pudesse ser qualificado como de teor estritamente filosófico. Aliás, em nenhuma de suas obras, publicada em vida, sequer inseriu em algum título a expressão Filosofia.

Seria, portanto, equivocado chamá-lo de filósofo? Ou seria uma espécie de filósofo em um ramo específico do conhecimento, um filósofo da educação? Em 1959, doutorou-se em Filosofia e História da Educação. Um filósofo na educação? Um educador que criou uma filosofia especulativa própria? Ou apenas um educador que flertou e fez uso livre de leituras, conceitos e métodos propriamente do campo filosófico?

Filosofia em Freire

Freire declaradamente sofreu grande influência no seu pensamento de filósofos com os quais conviveu. Álvaro Viera Pinto e Ernani Fiori talvez sejam os mais marcantes, em se

[1] Originalmente publicado como artigo de opinião no Jornal Brasil de Fato RS, integra o livro lançado no formato de E-book em dezembro de 2021 e impresso em maio de 2022: MELLO, Marco; PARES, André (Orgs.) Fica Filosofia! Pela permanência da disciplina nas escolas públicas de Porto Alegre. Porto Alegre: ATEMPA, Coletivo de Professoras e Professores de Filosofia da RME de Porto Alegre; Seção Sindical do ANDES/UFRGS, 2021. p. 63-65. O livro pode ser acessado gratuitamente para leitura e download no link: *https://bit.ly/3yjn5U3*.

tratando dos brasileiros. Teve e assumiu uma influência teórica eclética. Nele percebemos marcas de um existencialismo encarnado, da Teologia da Libertação, de leituras marxistas e do ideário do nacionalismo desenvolvimentista, muito presente em seus primeiros livros. Pode-se dizer que três filosofias marcaram sucessivamente sua obra: o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo – sem, no entanto, adotar uma posição ortodoxa em relação a essas influências.

Já ao final da vida, abriu a possibilidade de deixar-se influenciar por leituras da pós-modernidade crítica e incorporá-la em seus ensaios. Sua obra mais importante e difundida, *Pedagogia do oprimido,* está largamente assentada em um diálogo criador e historicamente situado com Karl Jaspers, Edmund Husserl, Karel Kosik, Frantz Fanon, Emmanuel Mounier, Martin Buber, Lucien Goldmann, Martin Heidegger, Simone de Beauvoir, Friedrich Hegel, Karl Marx e Friedrich Engels, Simone Weil, Gabriel Marcel, Georg Lukács, Jean Paul Sartre e Merleau-Ponty, Herbert Marcuse, entre outros.

Filósofo? Sim, senhor, sim, senhora!

A quem se interessar, recomendaria a leitura da instigante, heterodoxa e encantadora biografia de Freire, que se constitui ao mesmo tempo como ensaio filosófico, de Walter Kohan, professor de Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica* (2019). E, como uma outra que se desdobra, o recente *Paulo Freire: um menino de cem anos* (2021, NEFI). Trata-se de leituras das histórias de vida de Freire como um problema filosófico, na qual não se apartam do biografado e de sua obra. Originalíssimos.

Para Kohan, Freire teve uma vida política impregnada de pensamentos forjados pelo estar no mundo, pelo pensar-se constantemente com e no mundo, pelo situar-se diante, por pronunciar sua existência, por esperançar outros mundos, por revisitar sua trajetória, assumir suas errâncias e reinventar-se. Não há educação filosófica que não seja tocada e afetada politicamente pela história, pela política e pela vida. Nesse sentido específico, sim, ele é um Filósofo, e dos bons!

Um excerto do próprio Freire, de *Pedagogia da indignação*, é revelador sobre o tema:

> Filosofar, assim, se impõe não como puro encanto, mas como espanto diante do mundo, diante das coisas, da

> História que precisa ser compreendida ao ser vivida no jogo em que, ao fazê-la, somos por ela feitos e refeitos. O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo. (p.112)

Diante do banimento genocida, lembrar é imprescindível!

Não admira, portanto que a renúncia e o apequenamento da Filosofia, da Sociologia, da História e da Geografia no famigerado "Novo Ensino Médio"[2] sejam o símbolo e a materialização do anti-humanismo e da anticrítica nas reformas operadas na escalada autoritária que vimos sofrendo no país, sob a hegemonia da Aliança Conservadora. Ontem, na Grécia ateniense clássica, cicuta à Sócrates. Hoje, sob a condução de Janaína Audino[3] na Educação de Porto Alegre, o eufemismo da oferta de um "espaço filosófico" nas "nuvens" sem Filosofia? Por favor, não ofendam nossas inteligências desse modo.

É preciso superar a tradição do cânone ocidental na Filosofia: europeu, masculino, branco, da elite. É preciso oxigenar com Filosofias no plural, de(s) coloniais, femininas, ameríndias, negras, LGBTs, periféricas, contra-hegemônicas e insurgentes. Mas, em primeiro lugar, é preciso que a Filosofia exista como tal[4], num espaço que nós, professores e professoras, chamamos sala de aula. Como muito bem afirmaram dois professores que atuam no campo acadêmico e têm acompanhado nossa causa, Sérgio

---

[2] O "Novo Ensino Médio" é uma política governamental instituída pelo o Ministério da Educação através da Lei Federal 13.415 de 2017, sob o Governo de Michel Temer. A reforma educacional, que teve sua implantação iniciada em 2020, é objeto de controvérsias, seja pelo conteúdo seja pelo método na qual vem sendo operada. Inclui entre outras mudanças a flexibilização da oferta curricular e a introdução de itinerários formativos e o atrelamento do programa a competências e habilidades pré-estabelecidas. Na proposta, a área de Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia), além de deixar de ser obrigatória e passar a eletiva, tem uma redução drástica de carga horária.

[3] Janaína Audino foi Secretária de Educação de Porto Alegre de janeiro de 2021 a fevereiro de 2022. Em sua gestão, uma polêmica reforma da grade curricular foi imposta às escolas da Rede Municipal de Ensino. Nela o componente curricular de Filosofia, depois de tentativas de exclusão, passou a ser associado formalmente ao Ensino Religioso (nomenclatura e ementa), refletindo a pressão de grupos religiosos fundamentalistas e conservadores de distintos matizes.

[4] Tomo a liberdade de sugerir, em especial para os colegas envolvidos com a docência e que não são especialistas no campo, a pertinência da leitura e estudo de uma obra muitíssimo acessível, elegante e bem fundamentada para se pensar que ensino filosófico queremos e

Augusto Sardi e Priscilla Tesch Spinelli, em recente artigo veiculado no Jornal Sul21: *Fica, Filosofia: na sala de aula!*

A coruja de minerva e o luzeiro

Uma educação filosófica crítica necessariamente precisa problematizar os limites do senso comum e construir alternativas para um novo patamar de compreensão da realidade, estimulando ações transformadoras no avanço possível, dentro das condições existentes. Portanto, compartilho de uma velha máxima, atribuída ao filósofo Confúcio: é melhor acender uma vela do que praguejar contra a escuridão.

Estamos todos e todas convocados (as) a acender as velas, lamparinas, lâmpadas e lanternas, juntos à velha senhora da razão! Nossa primeira tarefa? Como nos ensinou Freire: a escuta sensível e densa de nossos educandos e educandas. Suas falas significativas são temas geradores, prenhes de vida. A segunda tarefa? Fazer perguntas, fazendo viva e dinâmica a dialogicidade epistêmica, através da problematização pertinente e a busca, com os estudantes, de respostas pertinentes à questões, com base em argumentos lógicos, válidos e consistentes.

Onde ele mora?

O Paulo Freire Filósofo mora no lado esquerdo do peito das educadoras e dos educadores, dos servidores públicos que todos os dias ralam e dão o melhor de si para fazer a vida de nossos estudantes ser melhor do que é, que interrogam a vida, problematizam, partejam o conhecimento, explicitam o contraditório, e não abdicam dos sonhos e do ideário da justiça social. Paulo Freire mora nas nossas salas de aula!

---

precisamos na contemporaneidade. Se trata de "O ensino de filosofia como problema filosófico" de Alejandro Cerletti (2009). Ali encontramos, a partir de algumas interrogações condicionantes, um ótimo ponto de partida para nos posicionarmos: O que é filosofia? O que significa ensinar filosofia? Quais as relações entre filosofia, história e ensino da filosofia? Quais os objetivos e o valor formativo da filosofia como disciplina? É possível ensinar filosofia sem ser "filósofo"? Quais as possibilidades e os limites da docência em filosofia na escolarização? Há uma didática específica na filosofia? Quais os princípios e características de um programa de ensino em filosofia historicamente situado. Aos colegas iniciados no campo lembro que há um excelente periódico, a Refilo, da UFSM (v.8, 2022), que dedicou um número especial para publicizar às iniciativas do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF ao longo de 2021, sob o título "Filosofia: por uma cidadania filosófica do campo". Nela está contida uma excelente produção, representativa de muitos dos questionamentos ao cânone filosófico institucionalizado, o qual o ensino de filosofia na Educação Básica ainda parece ser tão refém, em uma dupla e ao mesmo tempo perversa relação: como vítima e algoz do epistemicídio e da colonialidade.

Referências

ANDREOLA, Balduíno; PAULO, Fernanda dos Santos. Cronologia. Presença de Paulo Freire no Rio Grande do Sul. *In*: MORETTI, Cheron Z.; STRECK, Danilo R.; PITANO, Sandro. C. (Orgs.). *Paulo Freire no Rio Grande do Sul: legado e reinvenção*. Caxias do Sul: Educs, 2018. p. 277-281.

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ENSINO DE FILOSOFIA: POR UMA CIDADANIA FILOSÓFICA DO CAMPO. Seção especial. *REFilo - Revista Digital de Ensino de Filosofia*. Santa Maria (UFSM), v.8, 2022. 71 pg.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire mais do que nunca*: uma biografia filosófica. 2019, Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KOHAN, Walter Omar. *Paulo Freire: um menino de 100 anos*. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

PLATÃO. Defesa de Sócrates. *In*: Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 37-64. (Coleção Os Pensadores).

SARDI, Sérgio Augusto; SPINELLI, Priscilla Tesch Spinelli. Fica, Filosofia: na sala de aula! Porto Alegre, *Jornal Sul21*, 26 out. 2021. Disponível em: https://tinyurl.com/ebhdchxx.

VELASCO, Patrícia Del Nero. Sócrates e a filosofia como forma de vida – e morte: ensaio sobre a problemática filosófica de ensinar a filosofar. In: VELASCO, Patrícia Del Nero (Org.). *Ensino de – qual? – filosofia: ensaios a contrapelo*. Marília: Oficina Universitária: São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p.21-44.

UM PAPO CABEÇA COM GRAMSCI:
INTELECTUAIS ORGÂNICOS SOB O NEOFASCISMO[1]

Aqui estamos nós de volta,
sob o signo da revolta,
por uma vida mais digna
e por um mundo mais justo,
com quem já não se resigna
e se opõe sem nenhum susto
a uma classe dominante
hostil à população,
numa ação significante
que nasce da indignação

Carlos Rennó[2]

Neste texto apresento um panorama em torno dos significados do conceito de intelectuais, desde o senso comum até a referência de Antonio Gramsci. Recupero alguns exemplos históricos de perseguições àqueles considerados como intelectuais e de ameaças potenciais aos grupos hegemônicos, bem como reflito sobre as disputas de narrativas que a nova direita vem travando na esfera pública. Na sequência, apresento o campo de pesquisas do associativismo e do sindicalismo docente para realçar experiências como a da Associação das Trabalhadoras e Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre (ATEMPA) e do Coletivo das Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS) como intelectuais orgânicos coletivos que se insurgem contra a lógica dominante das reformas curriculares do projeto capitalista e das ameaças de avanço do neofascismo.

---

[1] Artigo publicado originalmente nos Cadernos Temáticos n°.5, *História sem mordaça: intelectuais orgânicos em resistência*, do CPHIS, em 2020, e presente no livro: ROLIM, César; MEIRA, Fabiana; PIRES, Itaara; MELLO, Marco (Orgs). *A História se move...* Porto Alegre: ATEMPA - Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre; CPHIS - Coletivo de Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, 2022. Pgs.150-166.

[2] Trecho da letra de "Manifestação", de autoria de Carlos Rennó, que foi musicada por Russo Passapusso, Rincon Sapiência e Xuxa Levy, em celebração pelos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e o aniversário de 57 anos do movimento global Anistia Internacional. Disponível em: *https://bit.ly/46EnC2V*.

A motivação para tal nasce como uma reação diante da grave conjuntura, na qual um desgoverno genocida e autoritário, na escala federal, e outro, a ele associado, na esfera local, busca amordaçar educadoras (es) das escolas públicas, através do estímulo à censura, à vigilância, à cultura do medo nas escolas. A liberdade de ensinar e de aprender é direito inarredável e princípio fundamental de docência, o que requer de nossa parte, como educadores (as), múltiplas formas de resistência ativa, a partir de nosso (re)conhecimento como intelectuais orgânicos e protagonistas na defesa intransigente da democracia substantiva no país e do direito à educação pública de qualidade, sem mordaça.

Quem são os intelectuais?

Quando evocamos a memória, a partir das percepções mais comezinhas, especialmente advindas do senso comum, o termo intelectual de imediato nos remete a alguns atributos e expressões, tais como: *ser estudado*, ser *doutor de anel no dedo*, estar sempre no meio dos livros, ser aristocrata, *ser meio avoado*, descuidado; ter ideias estranhas, ser chato, falar difícil, às vezes pernóstico, ser educado.

No Rio Grande do Sul, "ser de cola fina", como sinônimo de homem refinado (SCHLEE, 2018, p.255), ainda é uma linguagem usual em algumas regiões. E aqui está uma concepção subjacente que precisa ser problematizada: ser intelectual é coisa de homem; de homem branco; de homem branco da cidade; de homem branco da cidade e com curso superior; de homem branco da cidade, com curso superior e afastado do mundo produtivo material; portanto, da burguesia ou de frações de classe a ela pertencentes. Nessa concepção, tão conservadora quanto absurda, mulheres não são capazes de ser intelectuais. Sua vocação natural é a da criação dos filhos, o cuidado com a prole, a manutenção do lar. Na mesma lógica são enquadrados os povos originários, considerados primitivos, e a população negra, tida como inferior, na concepção etnocêntrica das elites dirigentes.

Somos, todos e todas, intelectuais! Um breve panorama histórico

Em que pese a tradição conservadora, sabemos, desde a potente e pioneira reflexão de Antonio Gramsci (1982, p.7), que somos todos e todas intelectuais! A leitura crítica e mesmo sofisticada do mundo não depende da formação acadêmica. Além

do mais, precisamos, segundo o pensador sardenho, superar o dualismo entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Assim sendo, temos que valorizar as epistemologias subalternas e insurgentes, tão presentes nos mestres e nas mestras dos saberes e dos fazeres da cultura popular, presentes nos anciãos e nas anciãs dos povos tradicionais, nos griôs de memória ancestral, nas rezadeiras e nas curandeiras, nos sábios trabalhadores de ofício que detém um saber sobre a sua prática, nos povos quilombolas, nas trabalhadoras da terra, nos e nas artistas populares e nos menestréis, entre tantos.

Na etimologia do termo, a consulta a qualquer dicionário vai apontar algo relacionado ao intelecto, ao pensamento, à capacidade de abstração, à sapiência. Largamente debatido, seja na esfera acadêmica, seja na esfera política, *stricto sensu,* o papel dos intelectuais nos processos de manutenção ou transformação social atravessa décadas e séculos a fio (MARLETTI, 1992). Ele está presente na história da Filosofia, no nascimento das Ciências Políticas, no pensamento teológico e na definição moderna de categorias profissionais.

Esse processo se intensificou em escala global com as revoluções burguesas nos séculos XVII e XVIII, com a consolidação do capitalismo como modo de produção dominante e na difusão e universalização da educação escolar pública.

Além desses marcos, o papel da intelectualidade remete a um processo mais largo de tempo, que remonta ao cenário renascentista europeu, com a invenção da imprensa com Gutenberg, com o movimento da Reforma protestante com Lutero no século XVI, com a difusão da leitura direta da Bíblia.

No Brasil, país dependente e periférico do capitalismo, ser intelectual é um desafio, já que, segundo o mais recente levantamento do PNAD (2019), temos 11,3 milhões de analfabetos absolutos e 38 milhões de analfabetos funcionais (entre 15 e 64 anos) que não concluíram o Ensino Fundamental. Um país com uma democracia de baixíssima intensidade e com uma longa história de exploração, marcada pela escravização, pelo genocídio dos povos originários, pelo racismo estrutural, pelo silenciamento das mulheres e das “minorias sexuais e de gênero”, além de por tantas outras formas de opressão que se manifestam no cotidiano da sociedade brasileira (ALMEIDA, 2019).

Ser intelectual implica ser sujeito de uma dada relação, alguém que reflete criticamente, que é capaz de teorizar sua própria experiência e de se posicionar perante o mundo para além

da opinião pessoal. É ser alguém que se expõe no espaço público, que enfrenta no debate os temas sensíveis e polêmicos. Edward Said, o marxista palestino e herético que viveu profundamente a experiência de ser um intelectual dissidente no exílio, na esteira da formulação de Gramsci, afirma que o papel de um intelectual não é o de um pacificador ou criador de consensos, mas alguém com senso crítico que confronta ortodoxias e dogmas, um "perturbador do *status quo*" (SAID, 2005, p. 10).

Historicamente, agrupamentos intelectualizados que se insurgiram de algum modo contra poderes instituídos sempre foram perseguidos e censurados por parte dos grupos hegemônicos. As práticas persecutórias envolveram, quase que invariavelmente, a "queima" metafórica das ideias, a queima efetiva dos livros e da literatura considerada subversiva e, finalmente, a queima das próprias pessoas.

Assim foi em situações como o martírio dos cristãos primitivos sob o Império Romano até o século IV, a Inquisição espanhola e portuguesa e os seus terríveis tribunais eclesiásticos entre os séculos XVI e XVIII, a perseguição e o extermínio de milhões de judeus sob a Alemanha nazista. Mas também se fez presente em regimes que se propunham alternativas ao modelo capitalista. Como exemplo, na Revolução Cultural na China de Mao Tsé Tung (entre 1966 e 1976), que perseguiu ideologicamente os intelectuais, chegando à casa das centenas de milhares de mortes no período. De modo análogo, os conhecidos crimes sob o Stalinismo na União Soviética, entre as décadas de 1930 e 1950, levaram os "inimigos da Revolução" aos Gulags e aos expurgos, ceifando as vidas de gerações de artistas, intelectuais e educadores que poderiam potencialmente oferecer algum risco ao regime. As ditaduras militares na América Latina (entre as décadas de 1960 a 1980) também foram tristemente pródigas na perseguição, tortura e assassinato de dezenas de milhares de ativistas e intelectuais de esquerda considerados subversivos. Os exemplos, por certo, poderiam se estender, mas destaco que estamos na contemporaneidade, a viver um novo ciclo de perseguição, que desta vez tem os professores como um dos alvos prioritários.

A pertinência da disputa de narrativas na lógica da extrema direita

O avanço do neofascismo e da barbárie no projeto que está em curso desde a ascensão do bolsonarismo tem trazido à pauta da sociedade a absurda perseguição a quem representa a razão e

o pensamento crítico, com especial atenção à esfera das universidades, do jornalismo e do ambiente escolar. Para tanto, uma das grandes falácias da intelectualidade alinhada com essa premissa é alimentar uma nova cruzada em uma "guerra cultural" contra o pensamento progressista. Todavia, é nesse campo que se trava a batalha e nele se confundem propagandistas e intelectuais de direita, introduzindo expressões como *globalismo*, *terraplanismo*, *ideologia de gênero*, *marxismo cultural*, *escola sem partido*, *gayzismo*, *apologia à pós-verdade*, entre outros neologismos que ganharam a arena pública. Obviamente, essa nova gramática política busca atingir centralmente o *lulismo*, o *petismo*, o *esquerdismo*, o socialismo, o comunismo e as pautas identitárias, que ocupam espaço privilegiado nos embates travados.

Um exemplo contundente desse processo de disputa dos intelectuais de direita é o filme *1964: O Brasil entre Armas e Livros*, que teve pré-estreia em 31 de março de 2019, exatos 45 anos depois do golpe civil-militar. A produção, elaborada por uma empresa gaúcha criada em 2016, que assume a identidade como *Brasil Paralelo*[3], é uma peça de propaganda rasteira do revisionismo histórico de direita (NR).

O vídeo imita um documentário e ressuscita a Guerra Fria, reconstrói e celebra "o Regime Militar" no país, demoniza a esquerda e conclui com análises de expoentes dessa intelectualidade da nova direita (que, diga-se de passagem, não tem historiadores presentes), fustigando o "marxismo cultural" e o "gramscismo". É um filme pesado, com provocações negacionistas ininterruptas e com uma música de fundo massacrante, mas contundente para uma percepção da importância da disputa de narrativas e de como o revisionismo histórico é um campo estratégico para a extrema direita[4].

Intelectuais de direita, conservadores e/ou reacionários sempre existiram. Podemos evocar na memória personalidades como Roberto Campos, Golbery de Couto e Silva, Gilberto Freyre, apenas para trazer à tona alguns nomes. Mas são outras as tristes figuras que hoje ocupam o cenário. Passaram a ser conhecidos e amplificadas suas retóricas na esfera editorial e midiática, sujeitos

[3] Um exame crítico sobre a produtora Brasil Paralelo e seu papel central no front cultural da ofensiva da extrema-direita pode ser encontrado em artigo de Diego Dória Paulo (2020).
[4] Uma consulta simples no *YouTube*, em 2 de setembro de 2020, indicou o expressivo número de 8.141.634 acessos ao filme e mais de 73.000 comentários, a esmagadora maioria deles elogiosa em relação à produção.

como Olavo de Carvalho, Rodrigo Constantino, Reinaldo Azevedo, Denis Rosenfield, Luís Felipe Pondé, Leandro Narloch, entre tantos outros. Grande parte deles ocupa espaços privilegiados em jornais e rádios, participa de programas e é comentarista na televisão aberta. Eles têm livros publicados e são conferencistas, além de estarem nas redes sociais. Uma análise da pesquisadora Vera Alves Cepêda (2018) em torno das matrizes conceituais utilizada por expoentes da nova direita chama a atenção para a diversidade nesse campo:

> Se a nova direita saiu do armário é preciso lembrar que mesmo um único armário possui inúmeras prateleiras, onde repousam projetos, intenções, valores e concepções políticas heteróclitas. O termo "nova" exprime um novo cenário, alvos e meios de atuação, tais como a multiplicação de instrumentos de luta política (...) O que se quer destacar é que na nova direita brasileira coabitam "famílias" políticas diferentes, em que convive uma aliança entre liberais e conservadores com segmentos de direita radical e neofascistas. (CEPÊDA, 2018, p. 52-56).

Gramsci torna-se o bode expiatório por excelência desse campo. Pesquisa recente de Puglia (2018) revela o quanto Gramsci é onipresente para esses intelectuais. É, para alguns deles, o suposto responsável inspirador do desencaminhamento da juventude pelo "bolchevismo" nas escolas, responsável por boa parte das mazelas do país, uma verdadeira ameaça à "civilização ocidental". Um ideólogo do marxismo cultural, demonizado como o anticristo que precisa ser varrido do mapa. Essa cantilena já ouvimos à exaustão. O fato é que esse movimento que tem perseguido obstinadamente o legado de Gramsci, bem como o de Paulo Freire, e no qual a internet e as redes sociais tiveram e vêm tendo um papel fundamental, paradoxalmente, também vem contribuindo para revitalizar, no campo crítico, as leituras de Gramsci[5].

[5] E o mérito parece repousar em dois personagens: no ativista verde-oliva, Sérgio Avellar Coutinho (2002), um general do exército reformado que publicou um livro que se tornou cult para a nova geração de ativistas à direita (COUTINHO, Sérgio Augusto Avellar. *Revolução Gramscista no Ocidente*: a concepção revolucionária de Antônio Gramsci em "Os Cadernos do Cárcere". Rio de Janeiro: Estandarte Editora, 2002) e no guru e astrólogo da Virginia, Estados Unidos, Olavo de Carvalho (CARVALHO, Olavo de. *Nova Era e a Revolução Cultural*: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994).

As reformas educativas e o fim dos intelectuais no projeto educativo do capital

Vivemos sob um cenário educacional em que há em curso uma revitalização da agenda neoliberal na educação, com um forte projeto de precarização e mercantilização da educação pública (FREITAS, 2018), pautado pelo novo gerencialismo. Michael Apple (2003) vem identificando este cenário com uma tendência, desde há duas décadas, de *modernização conservadora*, que se consolida na contemporaneidade no Brasil. Corsetti (2019, p. 774), em uma análise instigante, indica que o conservadorismo é um fenômeno com características bastante específicas na formação histórica do Brasil e que precisa ser visto numa perspectiva histórica de longa duração. O fato é que ele também atinge a escola pública e o ensino de História (REDE BRASILEIRA, 2019).

No projeto do capital não há lugar para intelectuais críticos, apenas para reprodutores de uma lógica curricular previamente estabelecida e de forte controle. Nesse arranjo, articulam-se com precisão referências como a Base Nacional Comum Curricular, a oferta de plataformas de conteúdo escolar previamente selecionadas por agências privadas e modelos de avaliação externa estandardizados para medir o desempenho dos estudantes (FREITAS, 2018).

Esse processo combina-se com um forte movimento de censura, criminalização e controle do processo de ensino-aprendizagem, e que teve como maior expressão no Brasil o chamado Movimento Escola Sem Partido. Chamo a atenção de que essa tática persecutória anti-intelectualista compõe aquilo que o filósofo Jason Stanley (2018) nomeia como uma das características do renascimento do fascismo contemporâneo. Intelectuais, professores, jornalistas, artistas e mesmo estudantes são considerados *"críticos e imprevisíveis"* e realmente, em muitas situações, são o epicentro contra a injustiça e o autoritarismo. Uma assertiva aqui destacada evidencia a pertinência e a atualidade do trabalho de Stanley: "Na ideologia fascista, a função do sistema educacional é glorificar o passado mítico, elevando as conquistas dos membros da nação e obscurecendo as perspectivas e as histórias daqueles que lhe são estranhos" (2018, p.58).

Com nos lembra de modo preciso a filósofa estadunidense Martha Nussbaum (1998), precisamos das "humanidades" na Educação Básica - ai inclusa e destacada a literatura e as artes, em

sentido amplo - por um conjunto de razão básicas e associadas: é nessa grande área do conhecimento que potencialmente desenvolvemos a capacidade de pensar e argumentar de forma autônoma e consistente, exercitar a alteridade, a autorreflexão, a empatia e criar um lastro de convivência com as diferenças, o que é essencialmente valioso para expandimos nossas capacidades humanas como seres aprendentes rumo à formação e intervenção proativa na direção de uma cidadania democrática[6]. Tais características, como condições básicas para a vigência da liberdade e de justiça, até mesmo dentro de um paradigma liberal, segundo Neussbaum, vêm sendo ameadas de esfarelamento devido a ofensiva de movimentos que buscam adequar a educação aos interesses da lógica da mercantilização, ambição pelo lucro, esvaziar deliberadamente o potencial crítico da ação docente e imprimir na gestão um pragmatismo obsessivo por testes padronizados de avaliação e seu rankeamento, focados tão somente no desenvolvimento de competências técnicas, tidas como funcionais para a manutenção e reprodução do modelo existente.

Hegemonia e intelectuais orgânicos

Nesta seção, recupero, do pensamento de Gramsci (1978, 1982, 1987), dois conceitos que me parecem centrais para nos situarmos na formação histórica que vivemos sob o capitalismo, assim como na perspectiva da ruptura e da superação política da ordem social e econômica existente. São eles: “hegemonia” e “intelectuais orgânicos".

Para esse intelectual marxista e dirigente comunista italiano, a "hegemonia" é um conceito central para a compreensão de como se dá a relação entre o Estado e a sociedade civil. Ela sintetiza o processo combinado de supremacia exercida por uma classe, por blocos de classe ou por frações de classe sobre outras, através da liderança e da direção moral e intelectual combinadas com coerção. Opera, portanto, através de uma associação entre aceitação e legitimação, no plano ideológico, com o uso da força ou de seu potencial uso com efeitos normativos e repressivos. Em países como o Brasil, por exemplo, o papel repressor do Estado é

[6] Ao recuperar a contribuição de Martha Nussbaum não ignoro que sua perspectiva crítica é tributária de um modelo voltado à regulação, e sua defesa de uma pedagogia socrática não almeja transformações estruturais substantivas, além de estar presa a uma utopia de “conteúdo crítico” genérico e universalizante. Ressalvados tais aspectos, ainda assim o núcleo de seus argumentos de defesa das Humanidades primam pela lucidez e podem ser destacados para reforçar nossas lutas no contexto da educação brasileira.

uma constância ao longo de séculos de dominação, o que corrobora a tese de que se a hegemonia se constrói a partir da sociedade civil. O Estado cumpre um papel coercitivo decisivo.

Todavia, é no plano ideológico que, segundo Gramsci, dá-se o processo de legitimação, manutenção e reprodução da ordem existente, pois a classe dirigente, ao exercer a direção moral e intelectual e fazer algumas concessões a outras classes e grupos, galvaniza em torno de seus interesses uma variedade de aliados unificados em um bloco de forças, chamados de bloco histórico. E são os intelectuais tradicionais – que se identificam e se incorporam em distintos graus ao bloco histórico dominante – os responsáveis por garantir o consenso societário no mundo moderno.

Este autor designou de "intelectuais orgânicos" os indivíduos com capacidade de serem construtores da cultura de sua classe enquanto sujeitos históricos identificados com um projeto a ser disputado na sociedade. Trata-se de um processo de preparação dos próprios trabalhadores para planejarem e desenvolverem ações de caráter contra-hegemônico que se articulem em direção ao projeto societário desejado. Nessa perspectiva, a sociedade civil é pródiga ao apresentar, nos termos gramscianos, uma série de "trincheiras, fortalezas e casamatas" que podem ser ocupadas para que seja desencadeada a "reforma intelectual e moral" (GRAMSCI, 1982, p.55) pretendida em direção a um novo padrão civilizatório, no qual seja superada a dicotomia entre governantes e governados. O papel dos intelectuais orgânicos, portanto, tem grande relevância. Para o pensador italiano, são eles quem podem criar e estimular uma nova forma de vida e ao mesmo tempo cimentar a formação de um bloco histórico.

Henry Giroux (1997, p.186), ao refletir sobre os professores, a partir de uma referência crítica também inspirada em Gramsci, os tipifica como *intelectuais transformadores* com alguns compromissos básicos: ensino como prática emancipatória, criação de escolas como esferas públicas democráticas, restauração de uma comunidade de valores progressistas compartilhados e fomento a discursos públicos voltados à igualdade e à justiça social. Apesar da positivação do papel dos professores, o autor parece se distanciar da noção gramsciana em relação ao seu papel de agentes de persuasão e de convencimento, para além de uma ação no âmbito escolar. Se há, na concepção de *intelectuais transformadores*, um relevo ao trabalho do educador

no âmbito pedagógico, de outro modo há certo empobrecimento do conceito de intelectual propugnado pelo comunista italiano. De acordo com Gramsci, o intelectual orgânico carrega consigo o gérmen de uma mudança ampla em direção a outro projeto societário, bem mais abrangente do que o de uma categoria social autônoma (MATTOS, 2012, p. 16).

A disputa pela hegemonia passa, portanto, necessariamente pela criação, pelo fortalecimento e pelas conexões de instituições e de agrupamentos próprios da classe trabalhadora. A finalidade é que essas organizações possam se contrapor à ordem burguesa e afirmar uma nova ordem política e moral.

Contudo, a hegemonia não se confunde com uma circunstancial maioria em processos políticos, com incidência no domínio ideológico e nem tampouco a uma mudança no plano das instituições, das “superestruturas” (DIAS, 1996). Pelo contrário, ela carece de ser acompanhada necessariamente de um programa de reforma econômica que se direcione na perspectiva de afirmação de um projeto de classe que se oponha ao dominante, voltado a um novo padrão civilizatório. Gramsci não é, portanto, um simples teórico da cultura, mas alguém que pensava na “grande política" e não dissociava a dimensão econômica da dimensão social e ideológica.

A organicidade dos intelectuais contra-hegemônicos

A expressão "orgânico", que compõe o título deste texto, remete, em um primeiro momento, a "organismo". E quero destacar aqui um termo derivado dele, que é o conceito de "organicidade". Para Gramsci, ser orgânico significa ter uma ligação vital com a classe que lhe deu origem, fazer parte de uma organização e a ela se dedicar, centralizando sua participação política. “Organicidade” significa: tenho compromissos éticos e políticos, tenho tarefa, sou corresponsável, não sou um assistente da história, sou sujeito de uma coletividade. Por oposição não significa ser, circunstancialmente, um ativista pop nas redes sociais, em um identitarismo sem classe, sem bandeira nem projeto, sem vínculos reais e sem compromissos, arredio a qualquer discussão de fundo ou à postura pró-ativa.

Destaco a relevância de percebermos a potência do conceito de “intelectuais orgânicos coletivos", para além de uma percepção restrita às lideranças das organizações. Em uma instigante caracterização, Leher e Motta (2012), na trilha do

pensamento aberto por Gramsci, apresentam o conceito de "intelectuais coletivos de classe", de forma similar ao termo que aqui utilizo. Para esses pesquisadores, "a concepção de intelectual em Gramsci é congruente com a categoria 'intelectual orgânico de classe', pois a função do intelectual não está encarnada em um indivíduo, mas numa coletividade *organizada* e *dirigente*" (LEHER, MOTTA, 2012, p.727. Grifos dos autores).

Saliento três exemplos, com alta positividade, de intelectuais orgânicos coletivos que dão um especial destaque para a formação de seus quadros: 1) a Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST, sediada em Guararema (SP), e que fez recentemente 15 anos; 2) o Projeto Vídeo nas Aldeias, iniciativa do indigenista e cineasta Vicente Carelli, iniciado em 1986, que já formou centenas de jovens cineastas indígenas em todo o país; 3) a Editora Pólen[7], uma editora independente, que, entre outras iniciativas como o Selo Sueli Carneiro e a Coleção Feminismos Plurais, coordenado pela filósofa e ativista Djamila Ribeiro, tem trazido à circulação, a preços módicos, o que há de melhor do pensamento da intelectualidade negra contemporânea.

Figura 1 - Capa do Caderno Temático 5 da coleção *A História se move...*

E quando há a recusa voluntária do pensamento?

Nesse processo de construção de significados a partir da

[7] Em função de uma disputa judicial, devido a coincidência no nome com outra empresa, a partir de julho de 2020 a Editora mudou o nome para Jandaíra. *https://www.geledes.org.br/editora-polen-muda-de-nome-e-vira-jandaira-ebambole-cria-selo-adulto/*. Acesso em 8 set. 2020.

base material da existência, as representações sociais que fazemos, por vezes, levam a muitos de nós a um autoengano. Não somos mocinhos lutando contra bandidos. Ser intelectual não significa, em absoluto, uma blindagem sob alguma posição privilegiada e estar imune a conflitos, sob a aura de superioridade. Cada um de nós carrega consigo as contradições de nossa própria humanidade[8]. E reconhecer isso é uma exigência axiológica. Produzimos e reproduzimos a cultura e a ideologia dominante, mesmo lutando contra ela. Uma rápida evocação de um encontro na sala dos professores de uma escola qualquer vai evidenciar isso. Somos ao mesmo tempo vítimas e algozes nas malhas da falsa consciência. Entre nós, professores, também é abundante a alienação e o conformismo. Você já deve ter ouvido algo do gênero: "É melhor nem saber, a gente sofre menos", "Não participo dessas reuniões, se eu falar vou me comprometer, vou ter que ajudar a fazer", "Manda quem pode, obedece quem tem juízo".

Evoco aqui três obras que considero marcos de referência emblemáticos para perceber a importância da não neutralidade perante situações de injustiça social. A primeira delas remonta a 1576, quando o jovem francês Étienne de la Boétie (2017) teve publicado, postumamente, por seu amigo Michel de Montaigne, o opúsculo "Discurso sobre a servidão voluntária". Essa é uma das

---

[8] Destaco as experiências e as teorizações sobre o conceito de "organicidade", elaboradas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Para maiores informações, indico uma obra que sistematiza a experiência paradigmática nesse campo (CALDART, Roseli Salete *et al*. *Escola em Movimento*: Instituto de Educação Josué de Castro. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013).

[8] Permito-me fazer um convite à leitura de uma biografia absolutamente situada no tema aqui tratado, qual seja, o significado de ser um intelectual orgânico e das contradições que acompanham essa condição. Trata-se da obra magistral da jornalista estadunidense Mary Gabriel, chamada "Amor e Capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução", publicada no Brasil pela editora Zahar em 2013. O livro revela o homem Marx na construção do filósofo e revolucionário. Narra os dramas da família Marx, as agruras e as vicissitudes do extraordinário pensador alemão, entre a pobreza e as dívidas, a procrastinação e o perfeccionismo, produzindo uma obra que marcou definitivamente o nosso tempo. Tira das sombras o papel das mulheres da família e recupera a fibra, o brilhantismo e a combatividade delas. Elas foram seu esteio a vida toda (as filhas Eleonor, Laura e Jennychen) e, em especial, Jenny von Westphalen, sua esposa, o grande amor de sua vida, mas também revisora, ativista socialista e intelectual de grande acuidade. A obra de Mary Gabriel, transitando entre o privado e a grande escala de consolidação do capitalismo, revela-se não apenas como um primoroso trabalho de pesquisa histórica, trabalhando com fontes como cartas inéditas escritas por mulheres da família Marx, mas como uma narrativa fluente de inegável qualidade literária, a nos conduzir para pensar com profundidade sobre a dimensão humana e as contradições pessoais que marcaram a vida desse grande intelectual alemão movido pelo desejo de mudar o mundo a partir do movimento de sua classe, os oprimidos e explorados. (GABRIEL, Mary. *Amor & Capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013).

mais vigorosas denúncias contra os regimes despóticos e contava, sob a monarquia de Carlos IX, com o apoio majoritário da população, que entregava ao tirano a liberdade em troca da situação de servidão, considerada mais cômoda. Os questionamentos radicais de la Boétie sobre a submissão voluntária ao poder do soberano ainda soam atuais e nos instigam a aquilatar o peso que a obediência tem na manutenção da tirania.

Vejamos, entre tantas, uma passagem ilustrativa desse belíssimo ensaio:

> Inacreditável como o povo, uma vez subjugado, deixa sua liberdade cair em tão repentino e profundo olvido que não pode ser instigado a reavê-la, servindo tão deliberadamente e com tal zelo que é como se não tivesse perdido a liberdade, mas sim ganhado a servidão. (BOÉTIE, 2017, p.49).

O segundo exemplo é o livro-reportagem “Eichmann em Jerusalém" da pensadora alemã, de origem judaica, Hannah Arendt (1998), uma das mais importantes filósofas do século XX, sobretudo nos temas que envolvem a filosofia política. Após assistir ao julgamento de Adolf Eichmann, um oficial nazista da SS, Arendt percebeu que aquele homem que ajudou na “solução final” dos extermínios de judeus e de diversos outros grupos minoritários, era, na verdade, uma pessoa que executava ordens superiores determinadas pelo regime, numa lógica burocrática sem, entretanto, fazer qualquer tipo de julgamento moral, visto que sua capacidade de pensar era voluntariamente suspensa. Era como se, ao fazer isso, se eximisse das responsabilidades dos atos praticados, daí o conceito de “banalidade do mal”.

A cômoda neutralidade ou a busca de relativização, com a busca do “caminho do meio”, encontra em outro filósofo uma contundente arremetida. Resgato aqui o atualíssimo e arrebatador texto que o então jovem jornalista Antonio Gramsci escreveu em fevereiro de 1917 para um jornal da juventude socialista italiana, polemizando com a direção do partido socialista no contexto da Primeira Guerra Mundial. Nele afirma, com precisão, as implicações de uma suposta neutralidade e do silenciamento às ameaças do fascismo, que anos mais tarde, profeticamente, o tornaria vítima de Mussolini, quando deputado e dirigente do Partido Comunista Italiano. Gramsci morreu depois de dez anos na prisão.

> (...) *Quem vive verdadeiramente não pode não ser cidadão, assumir um lado. Indiferença é apatia, parasitismo, velhacaria, não é vida.* Por isso odeio os indiferentes. A indiferença é o peso morto da história. *É a bola de chumbo dos inovadores, é a matéria inerte na qual afundam rapidamente os entusiasmos mais esplêndidos, é o pântano que cerca a velha cidade e a defende melhor do que as mais rígidas muralhas* (...) *A indiferença opera com força na história. Opera passivamente, mas opera.* É a fatalidade; é aquilo com que não se pode contar; é o que interrompe os programas, subverte os melhores planos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a sufoca (...). *O que se passa não resulta tanto dos desejos de alguns como da massa dos homens que abdicam de sua vontade, deixam acontecer*, permitem o entrelaçamento de nós que posteriormente apenas a espada pode romper, aceitam a promulgação de leis que depois só a revolta pode revogar, deixam subir ao poder que apenas os motins poderão derrubar. *A fatalidade que parece dominar a história não é senão aparência ilusória da indiferença, do absenteísmo.* (...). Alguns choramingam piedosamente, outros blasfemam obscenamente, mas nenhum ou poucos se perguntam:
> `*Tivesse eu cumprido meu dever, buscado fazer valer minha vontade, o meu conselho, o curso das coisas teria sido o mesmo?*` Ninguém ou poucos assumem a culpa pela sua própria indiferença, por seu ascetismo, por não terem oferecido os próprios braços e sua atividade aos grupos de cidadãos que combatiam para evitar aquele mal e conquistar o bem a que se propunham. (GRAMSCI, 2020, p. 31-32. Os grifos são meus)

No momento em que este texto está sendo escrito, o país contabiliza mais de uma centena de milhares de mortes pela pandemia da COVID-19, em grande parte devido à omissão deliberada de um governo de extrema direita, sob a condução de um genocida anticiência, anti-iluminismo, inimigo dos direitos humanos e difusor de *fake news*, sustentado por um bloco histórico reacionário.

Certamente não podemos estar política, social, intelectual, pedagogicamente indiferentes ao horror, à profunda desigualdade social e racial, à necropolítica que se aprofunda. Portanto, nunca fez tanto sentido a expressão paradigmática de Gramsci: não podemos subestimar essa condição submissa e passiva, inclusive

entre nós, já que "a indiferença é o peso morto da História. É a bola de chumbo de um inovador (...)". E não se trata de quem está ocasionalmente no Planalto, mas de quem, na planície, o sustenta! Analistas, como Esther Solano (2019), têm evidenciado, através de suas pesquisas, que é no campo da ideologia e das emoções que a extrema direita seduz com seu canto da sereia, e o bolsonarismo avança terreno como alternativa frente ao desencanto com a política, sob o rótulo de antissistema e coloca em risco as liberdades democráticas.

Étienne de la Boétie, Hannah Arendt e Antonio Gramsci produziram suas obras em contextos históricos distintos, mas em todas elas percebemos algo em comum: uma profunda crítica à recusa do pensamento, à reflexão crítica, assim como a posicionamentos obtusos diante de situações-limite, algo que é fugidio, mas transita entre a omissão (justificada ou não), o silêncio e a covardia, que, infelizmente, ainda é tão presente na atualidade. Como pano de fundo, percebemos o poder da superestrutura ideológica, já que não há apenas o poder coercitivo por parte dos governantes ocupando um lugar destacado na manutenção do instituído.

ATEMPA: a organização dos intelectuais no associativo docente

Professores estão entre as categorias profissionais com o maior número de sindicalizados no mundo. E no Brasil não é diferente. Em nosso país, existem centenas de sindicatos, associações e federações de trabalhadores em educação, construídos como ferramentas de luta social e de afirmação de uma identidade e pertença coletiva (MELLO, 2019). Neles, educadoras e educadores têm cumprido, ao longo de décadas, o papel de intelectuais dirigentes de amplos processos de mobilização e organização na defesa da melhoria das condições de trabalho, de carreira, de salário e também do tipo de educação e escolarização pretendida, reagindo contra governos autoritários e reformas neoliberais e privatistas.

Desde esse protagonismo coletivo, um novo campo de estudos vem se afirmando e dá largos passos em vias de consolidação em um entrecruzamento de estudos no âmbito da História, da Sociologia e da Educação. Trata-se do Associativismo e do Sindicalismo Docente (GINDIN, FERREIRA, DAL ROSSO, 2013), que constitui uma rede de articulação própria. A Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras sobre Associativismo e

Sindicalismo de Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação (Rede ASTE) existe desde 2009, e seu objetivo é contribuir no desenvolvimento das investigações neste campo de estudos, tendo sido realizados diversos Seminários no Brasil, Argentina e mais recentemente na Europa.

Movido pelo interesse em conhecer com mais acuidade a própria história de nossa categoria, na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, desenvolvi um trabalho de pesquisa sobre a nossa Associação dos Trabalhadores em Educação (MELLO, 2015a). A ATEMPA, como intelectual coletivo, é resultado do empenho de ativistas orgânicos de diferentes gerações e tradições de esquerda que fizeram dela um espaço de organização e reconstrução da identidade da categoria dos trabalhadores em educação. Ela nasceu em 1992, mas suas origens remontam à Associação dos Professores Municipais de Porto Alegre (APMPA), revitalizada em 1985, depois de uma primeira fase de existência (1964-1968) no contexto da ditadura civil-militar. A criação da ATEMPA marcou um novo ciclo de lutas. Nela os trabalhadores em educação realizaram o diálogo e a tensão com os gestores locais, com conquistas admiráveis em relação ao plano de carreira, aos salários e à gestão das políticas educacionais.

Reconhecendo esse legado, me perguntei como se posicionou a ATEMPA e seus intelectuais orgânicos frente aos gestores das políticas educacionais em um território político e simbólico com forte tradição de reformas progressistas e de caráter emancipatório, que foi o município de Porto Alegre. Este foi o problema de pesquisa que levantei e no qual dei um destaque para as políticas curriculares da SMED, no período posterior às administrações petistas. A natureza deste ensaio não permite que avance nas conclusões a que cheguei no trabalho, mas remeto à sua leitura na íntegra ou em comunicações parciais citadas nas referências.

O CPHIS[9] como intelectual coletivo

De algum modo, a organização em coletivos, como é o caso do CPHIS, parece responder e estar em consonância ao espírito do tempo presente, qual seja, o agrupamento em organizações com alguma fluidez, com maior horizontalidade do que os modelos tradicionais, sem subordinações hierárquicas, com liderança

[9] Coletivo das Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

partilhada e sem uma preocupação excessiva com aspectos formais, burocráticos e legais.

Esses arranjos sociais de algum modo dialogam, mesmo inconscientemente, com a crise da representatividade dos espaços do sindicalismo. Pesquisa recente revela que, de 2012 a 2019, os sindicatos perderam 3,8 milhões de filiados no Brasil, segundo dados da PNAD/IBGE (CARDOSO, 2020). Como razões explicativas temos o refluxo da mobilização da classe trabalhadora sob as profundas mudanças do mundo do trabalho e os ataques sofridos pelas reformas trabalhista e previdenciária.

Nosso ponto inicial de unidade no CPHIS é o fato de sermos professores e professoras de História de uma rede pública, na Educação Básica. Se nosso núcleo básico são os historiadores, também temos entre nós colegas vindos de formações distintas. Trabalhamos em níveis distintos da educação, em realidades e territórios, por vezes, bastante singulares. Nossas múltiplas identidades se interpenetram e vão da condição étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, das regiões e territórios nos quais trabalhamos, do tempo de experiência docente, das escolas às quais estamos lotados, entre outras identidades em diálogo e articulação.

Efetivamente somos um coletivo plural, mas temos um compromisso programático básico que dá direção para os nossos fazeres. Um documento fundacional orienta nosso caminho. Nossa Carta-Manifesto, apresentada e aprovada em nossa fundação, explicita muito claramente uma leitura da conjuntura e do momento histórico vivido, se posiciona politicamente, apresenta um conjunto de princípios e uma agenda de compromissos (CPHIS, 2019). E isso não é pouco diante da acentuada cultura narcisista e individualista que caracteriza fortemente o nosso tempo. Essa percepção está presente em uma sistematização recente de nossos fazeres.

> (...) sabemos que no coletivo nos tornamos mais fortes. Por isso, o CPHIS tem se tornado uma casa-abrigo, refúgio que acalenta nossos sonhos e utopias, fortalece nossa identidade docente e nos arma teórica e praticamente para os enfrentamentos à barbárie instalada e à ameaça do neofascismo. (SANTOS *et al.*, 2020, p.6).

Essa percepção, expressa na passagem destacada, me parece absolutamente central. Ou seja, a luta por reconhecimento,

para utilizar um conceito potente, desde o trabalho do filósofo e sociólogo alemão Alex Honneth (2009), exige necessariamente o conflito. Há uma relação entre as experiências subjetivas dos sujeitos e os processos de subjetivação na construção de identidades coletivas, mas é a própria luta pela afirmação que modela a ação instrumental do grupo. Se há internamente a construção da unidade na diversidade, da necessária rede de cooperação e solidariedade, com um amálgama dado pelo horizonte perseguido, a constituição de uma identidade coletiva nasce como processo e como relação conflitiva com o mundo externo ao grupo. Trocando em miúdos, não se trata de um identitarismo etéreo, vazio e despolitizado. Ao contrário, nascemos com a consciência agudizada de um pertencimento mais amplo, articulado com as ferramentas de nossa classe: ATEMPA e SIMPA. Entre nós se encontram, nesse espaço, gerações de ativistas e camadas de experiências, de vivências, de lutadores e lutadoras, que estão desde há muito na militância em agrupamentos no campo progressista, na luta popular, antirracista, nos agrupamentos feministas, no sindicalismo docente, em partidos no espectro da esquerda.

Mas o que significa fazer parte de um coletivo como o CPHIS? Posso citar livremente aqui alguns dos sentimentos e falas advindas do cotidiano, desde o chão das escolas e nos contatos que vimos construindo: “significa que temos uma identidade comum, também somos professores de História”; “posso aprender algo novo, me atualizar, é possível sonhar e fazer algo juntos”; “somos mais fortes no coletivo”. Ou seja, temos uma pertença coletiva (símbolos, manifesto, linguagem, cumplicidade, projetos). Fazemo-nos (re)conhecidos externamente no meio em que atuamos, sistematizamos e publicizamos nossos fazeres, adquirimos visibilidade e uma voz que se faz ouvir.

O CPHIS é um pequeno coletivo de professoras e professores de História, em uma aldeia modesta, quase caindo do mapa, mas estamos na resistência ativa. Como nos inspirou um fragmento da letra da música “Novo Tempo", de Ivan Lins: “Nós estamos na luta! Nós estamos na briga!” E essa energia criadora imaterial, com sonhos que se realizam, nos movimenta e catalisa nossos fazeres.

Na sala de aula... Segunda-feira de manhã

Esse itinerário até aqui percorrido ressignifica a identidade docente das professoras e dos professores de História, tomando-

os potencialmente como intelectuais críticos e transformadores, quiçá orgânicos, aliados a um projeto societário contra-hegemônico, conduzido por nossa classe. Se coletivos como o CPHIS nos impulsionam e nos incentivam a caminhar nessa direção, e com eles aprendemos, é preciso lembrar que é condição imprescindível o esforço e o compromisso individual, honesto e engajado, na viabilização do projetado, para que não fiquemos reféns da retórica sedutora que repousa placidamente numa esfera idealista. Para reforçar essa premissa, retomo uma breve, mas profícua passagem das Teses sobre Feuerbach, produzidas por Marx e Engels em 1845, e presentes em "A ideologia alemã".

> A questão de saber se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é nenhuma questão teórica, mas *prática*. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter de seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não-realidade do pensamento isolado da práxis – é uma questão puramente escolástica." (MARX; ENGELS, 1977, p.12. Grifos no original).

No frigir dos ovos, somos todos professores-educadores. É preciso, portanto, nos interrogarmos com radicalidade: como traduzir essas referências em torno da condição de intelectuais críticos nas nossas aulas de História? Que critérios utilizar para selecionar, organizar e hierarquizar os conteúdos significativos? De que maneira assegurar o necessário diálogo problematizador com as diferentes faixas etárias e realidades nas quais estamos trabalhando? Como operar didaticamente com esses conhecimentos de modo a favorecer aprendizagens significativas?

Há certamente um saber que repousa no método de ensino-aprendizagem e que precisa ser integrante de nossas preocupações. Como a natureza desta reflexão não me permite avançar nessa seara, indico e lembro a necessária coerência propugnada pelo grande educador Paulo Freire (1998), entre o que se pensa, o que se diz e o que se faz[10].

Considerações finais

Concluo esse papo-cabeça voltando ao início: é preciso problematizarmos as noções que situam o intelectual como privilégio das elites ou os professores como responsáveis por doutrinações ideológicas dos alunos na escola pública, como tem vaticinado os ideólogos neofascistas e da extrema direita. É nossa

tarefa lutar com a palavra e com todas as armas possíveis, disputando corações e mentes, para além da pregação para os já convertidos, avançando na politização de nossa própria classe.

A prudência recomenda não subestimar o papel da teoria, da reflexão crítica sobre a prática, como guia a nos orientar os caminhos. Nada mais prático do que uma boa teoria! Através da categoria de intelectuais orgânicos, no escopo mais amplo da teoria política marxista, Gramsci nos fornece uma chave de leitura fundamental para nos entendermos como Coletivo que somos e, sobretudo, para nos empoderarmos e nos projetarmos no tempo, dando nossa contribuição nessa grande frente de lutas, já em curso (CÁSSIO, 2019), contra a barbárie neoliberal.

Afinal, a roda da História se move... e, como nos ensinou um jovem sonhador, intelectual revolucionário da Sardenha, não podemos estar indiferentes.

Para conhecer mais...

CHICO CÉSAR. Papo cabeça. CD *Beleza Mano*. São Paulo. MZA Music, 1997. Disponível em: *https://bit.ly/3PKFjHd*.

FRESU, Gianne. *Antonio Gramsci, o homem filósofo*: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2020.

Manual de Defesa contra a Censura nas Escolas. Construído coletivamente, e assinado por mais de 80 entidades e organizações no campo educacional e dos direitos humanos. 2. ed., atualizada em jul. 2022, Disponível para download nos formatos .PDF ou EpuB no site: *https://www.manualdedefesadasescolas.org.br/*.

MELLO, Marco. *O espírito, o corpo e o jogo*: Intelectuais orgânicos coletivos na ATEMPA (Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre) e suas formulações e ações em torno das Políticas Curriculares da Secretaria Municipal de Educação. (Dissertação). – Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015a. Disponível em: *https://lume.ufrgs.br/handle/10183/117982*.

[10] Em torno do tema no qual gravitou este texto, o do papel dos intelectuais orgânicos transformadores, com distinção da figura de Freire em comparação à tradição da intelectualidade vanguardista, à direita e à esquerda, é primorosa a análise de Marilena Chauí, presente em um pequeno vídeo que selecionei, disponível no link https://tinyurl.com/3ytz9n5f. Nas referências finais estão os créditos detalhados.

No sítio *Saberes Tradicionais UFMG* poderemos conhecer referências como o trabalho do intelectual Antônio Bispo dos Santos, lavrador piauiense, ativista político e militante no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra. (SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombo:* modos e significações. Brasília: Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia; UnB, 2015). Disponível em: *https://bit.ly/3ipU8Nz*.

Rede ASTE, consultar o *site*: *https://bit.ly/3hD84ml*. Acesso em 28 de agosto de 2020. O repositório de trabalhos pode ser acessado no *site: https://bit.ly/33qx2QF*.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

APPLE, Michael W. *Educando à direita*: mercados, padrões, Deus e desigualdade. São Paulo, Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOÉTIE, Étienne de la. *Discurso sobre a servidão voluntária*. São Paulo: Edipro, 2017.

CARDOSO, José Álvaro de Lima. Movimento sindical em tempos de tormenta. 01/09/2020 Disponível em: *https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/movimento-sindical-em-tempos-de-tormenta*. Acesso em: 31 ago. 2020.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. *A tragédia e a farsa: ascensão das direitas no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CÁSSIO, Fernando (Org.). *Educação contra a barbárie*: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações*, Londrina, V. 23 n. 2, p.40-74, mai./ago. 2018.

CHAUÍ, Marilena. *Paulo Freire e os intelectuais brasileiros*. Vídeo com excerto de Aula Magna proferida no Curso "Como lidar com os efeitos psicossociais da violência?". Centro de Estudos em Reparação Psíquica de Santa Catarina (CERP-SC), Instituto APPOA, Fundo Newton; Projeto Clínicas do Testemunho/Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, 2016. 7m7s. Disponível em: https://tinyurl.com/3ytz9n5f

CPHIS – Coletivo das Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. *Carta-Manifesto A História se move...* 30 de novembro de 2020. 4 p.

CORSETTI, Berenice. Neoconservadorismo e Políticas Educacionais no Brasil. *Educação*. Unisinos, 23(4): 774-784, outubro-dezembro 2019.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia, racionalidade que se faz história. *In*: DIAS, Edmundo Fernandes. *O outro Gramsci*. 3. ed. São Paulo: Xamã, 1996. p. 9-80.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo; SCHOR, Ira. O sonho da transformação social: Como começar a segunda-feira de manhã? Temos o direito de mudar a consciência dos alunos? *In*: *Medo e ousadia*: o cotidiano do professor. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 203-220.

FREITAS, Luis Carlos de. *A reforma empresarial da educação*: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GABRIEL, Mary. *Amor e Capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GINDIN, Julián; FERREIRA, Márcia Ondina; DAL ROSSO, Sadi. (Orgs.). *Associativismo e Sindicalismo em educação*: teoria, história e movimentos. Brasília: Paralelo 15, 2013.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais*: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GRAMSCI. Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI. Antonio. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1978.

GRAMSCI. Antonio. *Concepção dialética da história*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GRAMSCI. Antonio. *Odeio os indiferentes*: Escritos de 1917. São Paulo: Boitempo, 2020.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*: a gramática moral dos conflitos sociais. 2. ed. São Paulo: Edições 34, 2009.

LEHER, Roberto; MOTTA, Vânia Cardoso da. Intelectuais coletivos de classe. *In*: CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. P. 424-430.

LIGUORI, Guido; MODONESI. Massimo, VOZA, Pasquale (Orgs.) *Diccionario Gramsciano* (1926-1937). Cacliari (ITA): Unica, 2022.

MARLETTI, Carlo. Intelectuais. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs). *Dicionário de política*. 4 ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992. Vol. 1. p. 637-640.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MELLO, Marco. ATEMPA: história e lutas em torno das políticas curriculares. *Revista da ATEMPA*. n.1, PNE e PME em debate. Out/2015. p.5-11.

MELLO, Marco. O Associativismo dos Trabalhadores em Educação e suas lutas

em torno da Educação de Jovens e Adultos. *Rev. Elet. Cient. da UERGS*. v. 5, n. especial, 2019, p. 198-207.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 3. ed. São Paulo: N-l edições, 2018.

NUSSBAUM, Martha. *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2015.

NAD/IBGE - Programa Nacional por Amostra de Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: *https://bitylicom/DN7fQ*. Acesso em: 28 ago. de 2020.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). *REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, v.10, n.1. p.100-110, jan./abr. 2020.

PUGLIA, Leonardo Seabra. Gramsci e os Intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo. *Teoria e Política*. PPG em Ciências Sociais – UFJF. Dossiê Direitas no Brasil contemporâneo v. 13, n. 2, dez. 2018. p.40-54.

REDE BRASILEIRA DE HISTÓRIA PÚBLICA. Muito além da escola: as disputas em torno do passado no debate público. *In*: CÁSSIO, Fernando (Org.). *Educação contra a barbárie*: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019, p.181-186.

SAID, Edward. *As representações do intelectual*: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Rodrigo S. *et al*. CPHIS: Resistência e Luta! *Revista da ATEMPA*. N.2. Porto Alegre. Associação das trabalhadoras e trabalhadores em Educação no Município de Porto Alegre, 2020. p.36-40.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense*. Pelotas: Fructos do Paiz, 2019. Vol. I.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. Democracia em risco?: *22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.307-322.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo?* A política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2018.

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

O DIA EM QUE PAULO FREIRE BAIXOU NO TERREIRO EM PORTO ALEGRE[1]

Pelebé Nitobé[2]
Canto Coral Afrobrasileiro (1983/2023)
Os Tincoãs

Sim, isso mesmo. E não foi apenas uma vez, foram muitas. Incontáveis vezes. De diferentes formas ele se manifestou. Algumas vezes brevemente, outras mais perenes. Através de seu avatar físico ou em diferentes *cavalos*, metamorfoseado, seu espírito se manifestou, a dizer e testemunhar: "o diálogo é uma exigência existencial" (FREIRE, 1983, p.93).

Ele *baixou* aqui em finais de 1963, como coordenador do Programa Nacional de Alfabetização, com o Ministro da Educação e Cultura do Governo João Goulart, Júlio Sambaqui, para, junto com Ernani Maria Fiori, criar o Instituto de Cultura Popular, que estimulou o funcionamento de mais de 600 Círculos de Cultura no RS.

Voltou ainda em março de 1964, antevéspera do golpe civil-militar, para uma concorrida palestra voltada a educadores sobre o método de alfabetização que o fez conhecido em todo o Brasil. Havia estado aqui pela primeira vez ainda no início da década de 1950, como diretor do SESI de Pernambuco, para uma reunião. Na oportunidade conheceu aquele que se tornaria um grande amigo e influência declarada, sobretudo em "Pedagogia do oprimido", segundo o próprio Freire, o já citado filósofo Ernani Maria Fiori (1914-1985).

---

[1] Artigo publicado originalmente pelo Jornal Brasil de Fato RS, Porto Alegre, 2 mai. 2022 e presente em: MELLO, Marco; COLOMBO, Roselena; ARISTIMUNHA, Cláudia *et al.* (Orgs). *PoAncestral: muito além de 250*. 2.ed. Porto Alegre: ATEMPA; CPHIS, 2023. p.144-146. Esta é uma versão revisada e ligeiramente ampliada para esta publicação. Devido ao caráter da linguagem jornalística, as referências estão listadas ao final do texto.

[2] "Pelebé Nitobé" é uma das músicas do grupo Os Tincoãs, presentes no álbum "Canto Coral Afrobrasileiro" (1983/2023). Adaptação crioula do oriki (Dadinho, Mateus Aleluia), dedicada ao orixá Ossanha (ou Ossãe), aquele que sabe o segredo medicinal das folhas. 2m, 36s. Pode ser acessada no link: *http://tinyurl.com/429er8kk* ou através do QR Code inserido próximo ao título.

Com seu retorno definitivo do exílio, em 1980, proporcionado pela anistia política, Freire algumas vezes se *manifestou* na capital e em eventos para educadores nas maiores cidades do interior do estado. Em 1991 foi até o Assentamento "Conquista da Fronteira", do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Hulha Negra (à época, pertencente ao município de Bagé), situado no pampa gaúcho, próximo à fronteira oeste, para a formatura de um grupo de jovens alfabetizadores.

Paulo Freire em Pôrto Alegre no Mês de Julho Próximo Para Um Curso de Alfabetização !

A Convite da Secretaria de Educação e Cultura, através da Divisão de Cultura, deverá vir a Pôrto Alegre o conhecido Professor e Sociólogo Paulo Freire, Diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife. Paulo Freire foi o criador do revolucionário método de ensino, com alfabetização em apenas 40 aulas. Sua primeira experiência foi levada a efeito em Angicos, no Rio Grande do Norte, com a colaboração de estudantes universitários. Seu método, embora baseado no processo analítico sintético, apresenta características muito especiais. A alfabetização é feita pela politização. Baseia-se no vocabulário usado pelo grupo a ser alfabetizado e nas condições sociais em que vivem. As aulas são dadas com farta motivação através da projeção de slides, no escuro, o que facilita o debate entre os alunos.

Paulo Freire estará em Pôrto Alegre na primeira quinzena de julho próximo, devendo realizar uma conferência pública e um curso endereçado a professôres e estudantes interessados em conhecer o seu método de alfabetização.

A conferência será realizada, possìvelmente, na Reitoria da Universidade do Rio Grande do Sul, em data a ser ainda fixada. O Curso será realizado de 8 a 15 de julho em local a ser indicado oportunamente.

As inscrições para o Curso estarão abertas de 25 deste mês a 5 de julho e poderão ser feitas no Serviço de Educação de Adolescentes e Adultos da Secretaria de Educação, no 5.º andar do edifício sede.

Jornal do Dia. Edição 4397. Porto Alegre, Quinta-feira, 20 junho de 1963, p.8. Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional (RJ).

Veio à capital em 1994, especialmente para receber o título de Doutor *Honoris Causa*, outorgado a ele pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Esteve, em 1995, no Ginásio Tesourinha, grande espaço poliesportivo, a convite da Secretaria Municipal de Educação. Falou para mais de duzentos educadores/as e três mil educandas e educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), integrantes de outros órgãos da Administração Municipal, além do público em geral. Dois anos depois, partiu para outra dimensão, por certo, rumo a novos aprendizados, a semear novas utopias.

Encantamento e esperança no devir

Paulo Freire virou encantado há exatamente 25 anos atrás: um quarto de século, em 2 de maio de 1997. Parece ontem, tamanho é o justo reconhecimento em relação à sua biografia e obra, a inspirar em todo o mundo práticas educativas libertas de lógicas opressivas, alienadoras e redutoras da condição humana, vocacionada, ontológica e historicamente a "ser mais".

No ano de 2021, celebrou-se o centenário de seu nascimento com inúmeras homenagens, atividades formativas, encontros e publicações. A Campanha Latino-Americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire foi organizada

pelo Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL) sob a égide de um resgate do pensamento freireano nos marcos da história da educação popular e das lutas contra-hegemônicas.

Sua obra e experiências como educador, escritor, gestor, assessor em políticas educacionais em governos progressistas além-fronteiras, constituem esteios indispensáveis para levantar uma edificação. Fundamentos, métodos e ferramentas estão ali presentes, em uma teoria do conhecimento encharcada por um humanismo crítico, transcendente e politizado.

Dar passagem a Freire

Entre mestres e mestras que nos antecederam, é preciso dar passagem a Freire para novas sínteses e para o reequilíbrio dinâmico da energia ancestral em nós próprios e em nosso entorno. E isso requer que nos conectemos com os fundamentos e os princípios vitais-utópicos de uma ancestralidade insurgente para celebrar a história da qual somos também herdeiros. Assim, podemos seguir nossa jornada como educadoras e educadores críticos: em coletividade, com os pés no chão, cabeça no mundo, mãos na terra e com o brilho nos olhos, incendiados de utopias de libertação.

Sob um contexto adverso e uma correlação de forças desfavorável, na qual a coalizão ultraconservadora ocupa os espaços de poder institucional, com um governante obscurantista, genocida e de caráter fascista[3], lembremos o essencial, presente na Pedagogia da Autonomia: *"O mundo não é, o mundo está sendo... Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar*" (FREIRE, 1988, p. 85-86).

Em Freire, podemos beber, tal como uma fonte que sacia a sede do viajante, de uma educação biofílica, voltada à geração de vida e à consciência que se faz práxis. Ali há uma sombra ampla que se estende com galhos e uma copa farta para o descanso do andarilho. Há frutos de uma amorosidade ética e, esparramadas ao chão, sementes de esperança e da justa ira, que germinadas, estimulam lutas contra opressões de vários matizes. Entre eles, o epistemicídio.

No espaço mágico que é criado com o estudo sério, abre-se um portal onde sopra o vento forte e renovador do diálogo

[3] A referência aqui é ao governo federal sob o comando de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

educativo que flui do artesão da palavra, que dança, do chão aos ares, e nos convida a trançar delicadas tramas com diferentes saberes, vivências e vidas em comunidades de aprendizagens. Podemos com Freire revitalizar muitos de nossos projetos e reconstruir uma educação democrática e crítica em direção à emancipação humana. Mas é preciso, em primeiríssimo lugar, sintonizar com essa energia ancestral e *dar passagem* à Freire, para com ele aprender e ensinar.

Ancestralidade, memória e resistência

Antepassados em uma percepção primeira, genealógica, implica em uma referência a quem veio antes, a quem antecede nossa geração, a qual somos sucessores. Ancestralidade, desde uma concepção mais ampla, na qual se destaca a formulação do filósofo Eduardo Oliveira (2009, 2020), é aquela que se constitui como uma categoria explicativa em uma ontoepistemologia que interroga e ressignifica nossa própria identidade, desde as relações não apenas contextuais e de nossa humanidade comum, mas com outros ecossistemas vivos, visíveis e não visíveis aos nossos olhos míopes.

Nessa perspectiva, amplia-se o próprio sistema de significados a partir de um convite ao nosso reposicionamento como sujeitos em processo, da percepção de camadas de territórios em relação, com seus signos culturais e traços identitários. Ancestralidade é, portanto, uma categoria analítica de relação, que não se aparta da alteridade e da dimensão ética, vista a partir de uma concepção de espiritualidade laica e alargada, que tem no *encantamento* um elemento central.

Há ancestralidades insurgentes com as quais é preciso nos (re)conectar e às quais é necessário evocar: ameríndias, africanas, afro-brasileiras, em especial. Elas têm a potência de mobilizar as energias que dão sentido à própria existência e que sustentam múltiplas formas de resistência e de afirmação da vida durante séculos de colonialismo, escravização, exploração, dominação e tentativas de extermínio e invisibilização. Freire está nesse *xirê*, como um dos expoentes da Filosofia da Libertação, operando ao lado de tantas outras/os que tombaram, griôs da filosofia africana, caboclas e xamãs desde tempos imemoráveis.

Onde Paulo Freire se manifestará?

Depende de nós, da sintonia, do ambiente, da grandeza da causa. Em Porto Alegre ele *baixou* e tem vindo com frequência no

Projeto *PoAncestral – muito além de 250*, extraordinária experiência de diálogo e produção de conhecimento entre educadoras e educadores da rede básica e suas organizações de classe – o Coletivo das Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS) e a Associação das Trabalhadoras e Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre (ATEMPA) – e entre ativistas, lideranças de movimentos sociais e pesquisadoras(es) acadêmicas(os).

Ele manifestou-se recentemente no Fórum Social das Resistências, acontecido em Porto Alegre. Ele certamente se fará presente, com alegria contagiante no Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, em Santa Cruz do Sul, na UNISC[4].

Em cada sala de aula, na qual uma educadora ou um educador organiza um diálogo pedagógico que parta do espanto, da investigação temática, da leitura crítica da realidade existente, em que construa *com* seus educandos(as) conhecimentos pertinentes e gere ações necessárias e possíveis para interferir na superação do estágio inicial, lá estará o espírito decolonial freireano a se manifestar, revitalizando os saberes ancestrais rebeldes e insurgentes.

Referências

ALVES-BRITO, Alan. Prefácio. PoAncestral - muito além de 250. *In*: MELLO, Marco; COLOMBO, Roselena; ARISTIMUNHA, Cláudia et al (Orgs.). *PoAncestral: muito além de 250*. Porto Alegre: ATEMPA; CPHIS, 2022. p.8-10.

ANDREOLA, Balduíno Antonio. Saudação ao professor Paulo Freire. Doutor Honoris Causa pela UFRGS. 20 out. 94. DOC ADUFRGS. *Adverso - Revista da ADUFRGS*, Porto Alegre, v. 5, n.6, p. 5-8, 1994.

ANDREOLA, Balduíno Antonio; GHIGGI, Gomercindo; PAULY, Evaldo Luis. Paulo Freire no Rio Grande do Sul - Diálogos, aprendizagens e reinvenções... *Revista e-Curriculum* (PUCSP), v. 7, n.2, p. 1-20, 2011/12.

BORGES, Liana; ALMEIDA, Elmar Soero de. Trinta anos de Educação de Jovens e Adultos em Porto Alegre. Até quando? Até quando for necessário! *In:* MELLO, Marco; PACIEVITCH, Caroline; VIANNA, Marcus (Orgs.) *Do lado esquerdo do peito, Paulo Freire: Presente!* Porto Alegre: Editora Fi, ATEMPA, 2021.132-149.

CAMINI, Isabela; STEDILE, João Pedro. O Encontro de Paulo Freire com o MST. Jornada Nacional Viva Paulo Freire! Um Educador do Povo! Texto para Estudo nº 01/21. São Paulo, 2021.

DADINHO (Grinaldo Salustiano dos Santos); MATEUS (Mateus Aleluia); BADU

[4] O texto foi publicado algumas semanas antes da realização do evento. A consulta ao site com informações acerca do Fórum, inclusive os Anais do encontro, pode ser acessada através do link: *http://tinyurl.com/yc83adca,*

(Getúlio Souza). Pelebé Nitobé. Álbum: *Canto Coral Afrobrasileiro*. Os Tincoãs. Partic. Coral amador da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Rio de Janeiro: Estúdios Transamérica, 1983; Salvador: Estúdio Casa das Máquinas. Sanzala Cultural, 2023. 2m,36s. Disponível em: *http://tinyurl.com/429er8kk*.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. Posfácio: Depoimento de um grande amigo. *In:* FIORI, Ernani Maria. *Educação e Política*: textos escolhidos. Porto Alegre: UFRGS Editora, 1992. p.321-338.

OLIVEIRA, Eduardo David de. A epistemologia da ancestralidade. *Revista Entrelugares* – Revista de Sociopoética e abordagens afins, Porto (PT), v. 1, n. 2, mar.-ago. 2009. p.1-10.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade: diálogo entre a Filosofia da Libertação e a Filosofia Africana. Entrevista concedida a Luís Carlos Ferreira. *Revista Ideação* (UFES), v. 1, n. 41 (2020). p. 219-253.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Antologia essencial. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020. p.861-919.

SCHULTZ, Ângela Cristine; MORETTI, Cheron Zanini. Círculos de cultura no Rio Grande do Sul; memórias de uma experiência de educação popular. *In*: MORETTI, Cheron Z.; STRECK, Danilo R.; PITANO, Sandro. C. (Orgs.). *Paulo Freire no Rio Grande do Sul: legado e reinvenção*. Caxias do Sul: Educs, 2018. p.57-86.

NA AULA, ENTRE A PANDEMIA E O PANDEMÔNIO:
EDUCAR PARA SUPERAR A BARBÁRIE[1]

"Tudo está cheio desse algo que falta"

Ernest Bloch
Experimentum Mundi: questões, categorias de elaboração, práxis[2]

Na khelav, na gilavav / Mi sudbina me žalinav / So kerdžum e Devleske /
Man terne tele ke peske / Abre Devla, so kere /
Me sem terno man ma tu tele / O tekije me pirdžum / Mange leko na rakljum /
Nasvalipe baro isi man / Lestar terno me ka merav /Duša me (da) ka tsidav /
Amane ti ačavav /Sa o Roma ne ka pijen / Pale mande te na roven

Na khelav, na gilavav[3]

Mawaca[4]

O que é uma aula?

Perguntas instigantes têm a virtude de colocar em questão o que pensamos saber. Carregam em si a potência de serem disparadoras de reflexões, diálogos e debates. Começar uma aula

---

[1] Texto elaborado com base no Roteiro de exposição apresentada na Aula Inaugural *Mas em que mundo tu vive?* (2021/2), promovida pela Faculdade de Educação/UFRGS, 09 de fev. 2022. O painel contou também com a participação de Cheron Moretti (UNISC) e José Falero (Escritor), sob a mediação de Carla Meinerz (UFRGS). Optei por uma escrita sem demasiadas citações, mais leve e fluída, na forma de ensaio, como meio de sugerir a fruição e a interação com outras linguagens, com indicação de links para acesso, distribuídos nas notas, corpo e referências ao final.

[2] Em sua última obra publicada em vida, salvo engano ainda não traduzida para o português, *Experimentum mundi* (1975), Ernest Bloch, logo na abertura do livro, lança a questão, apontada por Suzana Albornoz (2021), e que tomo aqui num sentido próprio, em torno da ambiguidade em torno do que "falta" e o que está "cheio", em se tratando do tempo presente e do contexto escolar. Na íntegra, assim Bloch se refere: "O que há? Eu sou. Mas eu ainda não me possuo. Portanto, não sabemos ainda nada do que somos, tudo está cheio desse algo que falta". (*Apud* ALBORNOZ, 2021, p.44).

[3] *"Na khelav, na gilavav"* é uma canção tradicional cigana da Macedônia. Sua tradução: *"Meu destino é triste / O que eu fiz meu Deus Que você vai me levar tão cedo? / O que será de mim? / Eu ando errante pelas mesquitas e não consigo achar uma cura / Estou muito doente / Dessa doença vou morrer / Minha alma morrerá / Eu vou partir / E os ciganos nem brindarão / Nem ao menos irão chorar por mim."*, disponível em *https://tinyurl.com/msyjsw26*. Apresentei-a aos meus alunos e alunas sob o semi-isolamento na pandemia, para estudar o tema da compaixão como fundamento da moral desde referências do pensamento de Arthur Schopenhauer (2001) de um lado, e de outro, a análise de algumas das manifestações do maior mandatário do pais à época: ""Chega de frescura e mimimi"... "vão ficar chorando até quando?"(OLIVEIRA, 2021), "pais de maricas" (CORONAVÍRUS, 2021).

[4] Mawaca é um grupo brasileiro que toca e canta a chamada música do mundo. Em seu

com uma pergunta, uma inquietação, uma formulação refletida, é sinal de uma vitalidade do pensamento, de uma coerência com a boa tradição que vem desde o método socrático, perpassando os pioneiros da pedagogia socialista, os freireanos de todos os matizes, os desconstrucionistas, os decoloniais. Mais do que respostas, uma aula, num contexto em que boa parcela da vida ficou em suspensão devido ao risco de letalidade da Covid-19, sugere perguntas. Algumas, pelo menos. Começo sobre o que por certo nos aproxima: a partilha de uma certa atmosfera comum em torno desse lugar mágico que chamamos *aula.*

O que é uma aula, senão um espaço-tempo de encontro, em uma comunidade que se propõe à aprendizagem? Se, em linhas gerais, podemos ter algum nível de concordância com uma definição genérica como essa, penso ser necessário ainda perguntar-se: que aula é possível com o mundo em suspensão? A seguir, discorro brevemente sobre essa e outras questões a ela associadas.

Que aula é possível com o mundo em suspensão?

Diante das contingências provocadas pelo isolamento social, sob uma pandemia duradoura, o que pode ser e fazer uma escola de pedagogia que tem como centro de seu fazer a formação básica voltada à docência? E isso sob o signo do virtual, no remoto contato, em um calendário atípico? Que aula é possível nesses tempos nos quais a escala de urgências e importâncias foi redefinida brutalmente?

Desafios que se renovam, por certo, mas diante de um patrimônio cultural sólido. São mais de cinco décadas da Faculdade de Educação, a FACED/UFRGS, o *Prédio Azul*, como é conhecido no meio estudantil. Uma escola de formação: abrigo-refúgio, lugar de criação, ciência, da arte, da cultura, espaço que também é marco e símbolo de manifestações e da resistência às tentativas de retrocessos educacionais, sociais e políticos, que teimosa e infelizmente retorna ciclicamente a pauta. A FACED é um espaço aberto, no qual nos sentimos à vontade, porque sabemos ser um território de defesa intransigente da democracia

sétimo trabalho, o CD/DVD 'Inquilinos do Mundo', de 2013, apresenta melodias e ritmos dos povos nômades, refugiados, exilados e ciganos de todo o mundo com canções da Macedônia, Bulgária, Romênia, Grécia, Espanha, Índia, México e Haiti que ficaram guardadas na memória como verdadeiro patrimônio sonoro da humanidade. "Na khelav, na gilavav" (5,06segs, Youtube) em apresentação ao vivo, pode ser acessado em: Link: *https://www.youtube.com/watch?v=uN-ka3fksqg*

e da escola pública, o que enche de orgulho todas e todos nós que por um dia passamos por ela. Em que pese a robustez desta fortaleza, novos desafios se apresentam no horizonte.

Estamos nos acostumando, é uma necessidade que se impõe, mas não deveríamos. Sob o império do medo, reinam *Zuns e Mits*[5], aulas sem corpo, corpos sem rosto, sem fala e até mesmo sem nome. Apenas avatares de si, projeções fantasmagóricas em pequenas telas digitais, por vezes breves, brevíssimas, fugidias. Com chats, mas sem açúcar e sem afeto, sem abraços, sem sorrisos largos, e mesmo sem a ruidosa bagunça já incorporada na nossa labuta. No mais das vezes, sem debates, com trocas escassas e miúdas. Com a distância, sem a ambiência do cafezinho, do chimarrão compartilhado, da confidência ao pé do ouvido, daquela conversa na fila, dos olhares que tudo dizem sem nada falar, do cumprimento no elevador do *Prédio Azul* – aulas sem o papo rápido no corredor e sem a promessa: *Vamos nos encontrar para....*

Desassossego no coração. Como é possível uma aula sem gente de verdade interagindo? Sem nos acarinharmos e sem o bom combate que faz circular a energia, a força vital do axé que nos revigora?

O que pode inaugurar uma aula antimagistral?

Ele foi um intelectual francês que transitou com maestria no campo da teoria literária, da Sociologia, da Semiologia, da Filosofia e dos ensaios. Poeta da linguagem, transgressor, Roland Barthes marcou gerações por seus escritos, suas aulas e sua personalidade. Ao ser convidado por Michel Foucault para ministrar a aula inaugural da disciplina de Semiologia Literária, recém-criada, no prestigiado *Collège de France*, em Paris, Barthes fez da ocasião uma aula especial, um exercício de desconstrução da linguagem, que acabou virando um livrinho saboroso, com um título simples: *Aula* (BARTHES, 2000).

Tomo aqui *Aula* como uma referência inicial para pensar o que de extraordinário pode estar contido em uma aula, na qual *forma* é também (e, essencialmente, como pensava Barthes) conteúdo. Renuncio à tentação de organizar uma fala com uma

[5] Google Meet e Zoom Meetings são aplicativos de plataformas online voltadas à estratégias de comunicação, sobretudo para realização de vídeos-conferências, seminários e reuniões. Se tonaram conhecidas e foram largamente utilizadas no campo educacional ao longo do ano de 2020 e 2021 na tentativa de manter o vínculo acadêmico nos cursos de formação, além da formação continuada no meio docente.

sucessão de referências e excesso de formalidade. Assumo o risco de uma errância relativa, como sugere Luciano Bedin Costa (2017), que gravita em torno de perguntas-caminhos geradoras de algo que está no campo do indeterminado.

Antes que Barthes se despeça, destaco uma passagem particularmente instigante desse opúsculo, que a mim afeta ao dizer não de *um lugar*, mas de algo que poderíamos caracterizar como *um tempo de fala*. Refere-se o autor à nova fase que para ele se abria, em um *novo espaço* – uma *vida nova*, na qual o esquecimento ganhava relevo. O que inevitavelmente me instigou foi a busca e o reencontro com o professor que fui e que invariavelmente lutou para varrer as folhas mortas de um currículo sem alma. Eis a passagem:

> Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda vida viva: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia:* nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (BARTHES, 2000, p. 47. Grifos no original).

Há, sob a inspiração da releitura de Barthes, algo invisível que atravessa este texto: o espírito de um *nenhum* (poder), que faz concessões a dois *poucos* (saber e sabedoria) para buscar o *máximo* (sabor). *O máximo sabor possível*. Um corte rápido para o cotidiano ralo e ordinário, pensando o sujeito-assujeitado e suas circunstâncias, revela o tamanho do desafio: o que pode ser uma *aula saborosa* no contexto da Educação Básica, em que escolas públicas periféricas estão abandonadas ao relento e professores, à própria sorte?

Advogo a tese de que uma aula na qual se pretende extrair o *máximo sabor* – com um pouco de saber, um pouco de sabedoria – é aquela que se equilibra fragilmente na corda bamba de um inquieto desafio, aquele que é provocado pela pergunta nascida do chão da vida, que se veste de dúvida para apresentar, às vezes

solene, às vezes sordidamente, uma ou mais questões! Ela é enganosa. Parece simples, banal. Mas não é.

O *sabor máximo* de uma aula não é aquele que nasce do deleite e do gozo *in-docente* verborrágico. Tampouco o máximo sabor de uma aula é sinônimo de aula-lúdica, aula-show, aula-miojo, aula-performance, aula-livre-do-nada-fazer, aula-eventual-no-projeto- com-poucos-alunos-no-contraturno, aula-passeio... É verdade que há muitos sabores possíveis de serem extraídos de uma boa aula. Aula saborosa é aula boa, gostosa, prazerosa, que satisfaz, que agrada ao paladar. Mas há paladares muito distintos... Se aula é encontro, relação, alteridade e diálogo potencial, o *máximo sabor* aponta para outros caminhos possíveis.

Uma aula preparada com perguntas geradoras

Um tipo de aula promissora e desafiadora é aquela baseada na abordagem temática, que Paulo Freire propugnava, assentada na dialogicidade e nos temas geradores (1979). E aqui introduzo uma palavra aí embutida que penso ampliar o escopo do desafio: *necessária.* Não apenas a aula possível (na lógica do professor), mas a aula necessária (na lógica das/dos estudantes), desde as condições objetivas existentes, a partir da realização de uma investigação temática para identificar as problemáticas a partir do contexto vivido e percebido.

O *máximo sabor* possível e necessário da aula nasce quando a identificação das contradições centrais cria condições para que se macere as *situações-limites,* as visões de mundo que produzem e reproduzem menos vida, porque opacas e carregadas de limites explicativos. É desse sumo – agregado a novos ingredientes e levado pacientemente à cozinha da ciência, feito com dedicação e capricho, com temperos adequados ao *menu* – que *pode* ser gerado algo que instigue o olfato, a visão, o paladar de estudantes, a ponto de ser qualificado como uma *aula saborosa* que pode oscilar e se mesclar, do agridoce ao ácido, do amargo ao picante.

Se é do atrito criador que carecemos, da pedagogia da pergunta, da problematização, então vamos a elas. Uma já temos: *Mas em que mundo tu vive?* Extraída da bela crônica que encabeça o sumário e dá o título de um dos livros de José Falero (2021). Ali, na pergunta, há três palavras que conjugadas adquirem uma força catalisadora, embora isoladas caiam no anonimato: *mundo, tu, vive*. Agrego a essa pergunta inicial outras duas que, em formas distintas, remontam a tempos imemoriais, e que continuam ao

longo dos séculos a nos desafiar: *Quem sou eu?* e *Que horas são?*[5]. Essas são questões que compõem um estudo de realidade inicial que organizei[6] para identificar as condições subjetivas e objetivas nas quais centenas de alunos retornam à escola ainda sob uma pandemia relativamente controlada. Afinal, *Quem sou eu? Em que mundo vivo? Que horas são?*. Em seus âmagos, essas questões são da ordem da existência: a pensar e a interrogar a si, e a projetar um vir-a-ser .

Faço-me acompanhar nessa reflexão de Ernest Bloch, filósofo que, em sua obra magna "O Princípio Esperança", evoca e amplia algumas das questões que Immanuel Kant anunciou dois séculos antes[7]: *"Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? O que esperamos? O que nos espera?"* (2005, p.13). Ao inquirir nosso lugar ontológico no plano da existência, Bloch trouxe à lume, nos rastros de Marx, os fundamentos de justificação histórica para reconceitualizar a utopia como experiência concreta e imperativo ético, antecipador de mundos vindouros, para além de uma transcendência metafísica. Como escreveu, de forma caleidoscópica e abundante, em sua digressão histórica e literária sobre os itinerários da esperança: uma consciência desperta que advém do imaginário social oriundo do sonho, seja diurno, seja noturno, se fabrica como imaginação em direção ao que *não existe-aind*a, uma projeção que se faz ato no aqui e que antecipa o mundo a construir. Para Bloch, a utopia serve para ultrapassar a obscuridade e para enxergar mais longe. Segundo o filósofo, "necessitamos de um telescópio mais potente, o da consciência utópica afiada, para atravessar justamente a proximidade mais imediata, assim como para atravessar o imediatismo mais imediato" (2005, p.23).

A aula como encontro dialógico, problematizador e radical

Mais do que respostas, são as perguntas que ganham

[5] À esta pergunta dou uma significação projetiva, algo próximo ao sentido de "é hora de fazer o quê na minha vida?", e que, em uma versão clássica, se aproxima de "Para onde vou?"

[6] O trabalho foi realizado junto aos estudantes de doze turmas, nos dois últimos anos do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens Adultos de uma escola pública na periferia urbana de Porto Alegre. A produção dos estudantes acabou por integrar uma publicação coletiva que organizamos na escola. Vide o capítulo I "Crônicas" (p. 17-66). Disponível para acesso e download em: *https://bit.ly/3XemD5E*.

[7] Questões como "*O que posso saber? O que devo fazer? O que me é permitido esperar? O que é o homem?*", presentes na sua obra-prima "Crítica da razão pura" (1781, 1787 ed.rev) revelam questões norteadoras de sua reflexão no campo da epistemologia, da moral/filosofia prática, da teleologia/religião e da ontologia. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2001).

alcance e organizam uma aula instigadora. Algumas delas, emblemáticas e transcendentes, ganham perenidade. Por exemplo, o escultor e pintor francês Paul Gauguin, entre 1897 e 1898, no Taiti, uma das ilhas na Polinésia Francesa no Pacífico sul, produziu um quadro de grande dimensões que denominou "D'où venons-nous? Que sommes-nous? Où allons-nous?" (De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?). Ele escreveu tal insígnia no canto superior esquerdo da obra. Nela representou o ciclo da vida através de figuras de mulheres nativas, com um interessante deslocamento para além do contexto europeu, mesmo que ainda que sob o romantismo boêmio e aventureiro pequeno-burguês em busca do exotismo primitivista[8], típico do período naturalista e impressionista, como apontou criticamente Arnold Hauser (1998).

Sobre a concreticidade do contexto no qual trabalhamos: se a ilustração é exemplificativa da potência das grandes questões, é preciso saber quais as perguntas pertinentes, necessárias e urgentes a se fazer para inaugurar o diálogo criador. Tarefa nossa, singular e intransferível. Toda vez que uma pergunta que se metamorfoseia em *questão* é feita, há pelo menos uma hipótese por parte de quem a enuncia, ainda que se abra mão do poder de enunciá-la.

Peço licença para apresentar uma prosa-poema elaborada com base em perguntas similares às que expus aqui inicialmente. Imagino que esse deslocamento possa em alguma medida se conectar com algo que se aproxime, em alguma proporção, com o que sentimos, vivemos, sofremos, sob uma conjuntura tão difícil e desafiadora. E cometo essa imprevidência de apresentá-lo aqui, inspirado parcialmente em uma trilha sonora que me acompanhou na organização do roteiro que serviu de base e se transmutou neste registro escrito. E que convido que também acompanhem através do link: *https://bit.ly/3NtoP73*.

[8] A exposição "Gauguin: o outro e eu" (2023), no Museu de Arte de São Paulo (MASP), dentro de um ciclo sobre representações de populações indígenas em pintores célebres, faz uma problematização nesse sentido ao questionar as ideias da alteridade, exotização, apropriação cultural e erotização dos corpos femininos presentes no Gauguin "tropical", no contexto de um novo período do colonialismo. O que revela a ambiguidade de um grande artista em seu tempo.

QUE MUNDO É ESSE QUE FOMOS PARAR?

MARCO MELLO

Alguém pode me explicar aí?
Que mundo é esse que fomos parar?

Um mundo onde não cabem todos os mundos-biodiversos,
Onde há mais de 500 anos somos vitimados pelo domínio
à ferro, fogo e ideologia
pelo *povo da mercadoria e do capital.*

Um mundo
De gente que não sabe o que é amor!
E de quanto o amor pode ser revolucionário!!

Dos que interrompem a *roda viva* e *no nosso destino querem mandar.*
Dos que moram nos palácios dourados da ignorância e do preconceito.
Dos que querem parar o relógio do tempo.
Dos que querem um estado teocrático, um *Gilead* nos trópicos.

Cães danados do fascismo, que babam e arreganham os dentes.
Um mundo dos que cospem no chão, coçam saco, metem o dedo nas fuças e depois se emporcalham.

De gente que acredita na dieta do medo.
De gente tão insegura, mas tão insegura, que teme seus desejos, insufla o ego e se ilude com a autoridade *fake*
que vem da hierarquia, da ordem e da disciplina.

Da patota-idiota-patriota
Dos que são amantes da ditadura e dependentes ideológicos da censura e da tirania.
Dos que se armam da covardia de todos os calibres...

Dos homens de má-fé, que privatizam Jesus na Igreja da intolerância
e dobram deus na carteira.
10%, rei dos reis!
Das pastoras que frequentam *raves* e *sobem em cima da goiabeira*
para ter *revelações de sonhos* de restauração conservadora.

Dos que auto iludidos,
guiados por bispos
sem escrúpulos, sem o cajado e tampouco a candeia,
acreditam na *nova cruzada* do *projeto da salvação*.

Dos que derrubaram a *Floresta da Tijuca* e querem uma
tropicália maravilhosa
e descolada que restaure o trabalho escravo.
E tentam limpar, sem sucesso,
as mãos manchadas com o sangue de nossos ancestrais.

Dos que querem, aqui e agora,
o IV Reich.
Dos que negam o corpo,
mas dão tudo, e mais um pouco,
para as grandes corporações.

Dos que tem fascínio pelo ouro dos tolos e são insensíveis
ao choro da vida,
cada vez que uma castanheira é derrubada na floresta
e uma criança Yanomami vira encantada.

Das masoquistas da *sofrência* e dos *reis do agronegócio*.
Daqueles que querem transformar escolas em quartéis
e colocar novas *máscaras de flandres* em professoras.

Dos que se acham *homens de bem* e veneram *os valores* da
família patriarcal,
sexista e heteronormativa. Dos

apaixonados pela desigualdade.
Dos que não beijam na boca e nunca gozaram.
Dos que não sabem o valor da amizade, esse bem supremo.

Dos negacionistas que querem uma nova Inquisição, com
fogueiras a arder
com livros, bruxas e hereges.

Da *república de parentes* e dos que sequestraram a bandeira do Brasil.
E veneram a bolsa, o boi, a bala, a bíblia... a bosta.

Dos golpistas que só sabem o que é militar nas milícias assassinas,
reais e virtuais.
Dos que se hospedam na intolerância dos dias.

De *rainhas mandonas* e servos capachos, sob o delírio de um
fascismo delirante,
a adorar *o mito* e a sonhar com tirar das escolas
a Filosofia, a Sociologia e a História.
É muito perigoso pensar!

Das senhoras da economia criativa da agonia e do desespero.
Dos herdeiros falidos do totalitarismo

Do farsante que não disfarça sua cara de pau.
Daquele impotente, ele mesmo, que só pensa e fala no falo.

Dos *senhores do engenho da dor*, obstinados em construir novas *senzalas, aldeias, prisões e armários*.

Alguém pode me explicar aí?
Que mundo é esse em que fomos parar?

II

Um mundo
dos que riscaram dos dicionários
a palavra *empatia*
e riem da morte de inocentes, da tristeza que não tem nome e ecoa, incessante,
no coração de centenas de milhares de familiares, amores e amigos.

Dos que que não se importam com a sinfonia silente dos ausentes
que podiam estar aqui, ali, acolá.
Inclusive nesta aula, como o querido Pedro,
estudante da EJA de nossa escola.

Das contaminadas pela cólera
e dos infectados pelo ódio
que recusam a vacina do saber-de-si

De gente que não sabe como brincar é prazeroso e divertido.
De gente que nunca leu poesia.
Pode?

Dos que não toleram o riso inocente, dos que nunca olharam nos olhos da vida de verdade.

Dos que querem os *Golden Lakes* com *apês* de 6 milhões na orla do Guaíba maravilha, em novos Alphavilles, com *Arados* e sem *Mbyas*,
sem o povo da rua.

Dos que querem uma Universidade de excelência: sem dinheiro,
sem carreira,
sem pobres, sem pretos, sem indígenas, sem eleições, sem cotas.

Dos que não sabem como é *o corre* nas quebradas para a sobrevivência, dos que que sequer sabem o preço da passagem do *busão*, ou a Odisseia que é comprar um botijão de gás.

Dos que ignoram deliberadamente a fome dos desvalidos
e o que é estar na fila, sob horas ao sol, para pegar ossinhos no açougue, e os rói ali mesmo, na sombra das

sobras da carne crua da crueldade.

Dos que mataram Sepé Tiarajú, Chico Mendes, Marighella,
Marielle Franco, Zumbi e Dandara, Marçal de Souza
Moses Kabagambe, João Alberto, Ágatha, e tantos outros, outras, outres,
que tombaram... mas se fazem presentes em nossa memória rebelde,
a inspirar novos amanhãs.

Dos que não sonham os sonhos oníricos e libertários.
Dos que querem roubar, mas não conseguem, o fogo da utopia,
a esperança parideira de novos mundos, da justiça social,
da generosidade,
do afeto e da gentileza.

Os que se vêem no
coiso - isso aí - tá okay
e alimentam o pather-fhürer-messias
estão presos em uma nova Matrix,
um mundo paralelo, dobrando à extrema-direita
na terraplano-imundície

E lá há, sim,
vida inteligente.
Contudo, o que mais abunda e viceja
são as ervas daninhas
da estupidez e do obscurantismo ...

Alguém pode me explicar aí?
Que mundo é esse em que fomos parar?

III

Mas, já sabemos...
Esse mundo está com os dias contatos...

Porque *cada um tem sua gema*
que começa a ser de novo

Porque é da natureza recomeçar

No mundo real,
nossa alma resiste.

Nossa história é de luta...
E a roda girará...

O sol há de brilhar mais uma vez
Há de chegar aos corações...

Apesar de você, apesar de você...

Milton e o Pandemônio, ao vivo e a cores

A partir desse poema-manifesto, inquiridor e conjuntural, convido a uma rápida digressão para que examinemos algo em torno de duas palavras que marcaram, de forma sombria, nosso tempo presente. Começemos pelo pandemônio.

John Milton é considerado um dos maiores poetas ingleses. Advogado, protestante calvinista e intelectual republicano, viveu no século XVII, no contexto do Renascimento europeu e escreveu *O paraíso perdido* (1667), uma poesia épica inspirada no Gênesis bíblico, uma espécie de marco zero mítico-teológico. Nas centenas de versos que se sucedem, Milton narra a saga de Satã, um

personagem humanizado e contraditório, e dos anjos decaídos, expulsos do paraíso por contestarem a autoridade de Deus e afrontarem a criação – uma poderosa ficção centrada nas relações entre revolta, obediência, sedução, desejo e redenção.

O paraíso perdido tem sido lembrado, mais de trezentos anos depois de publicado, por uma expressão que se tornou popular e foi dicionarizada: *Pandemonium.* Esse foi o nome dado ao palácio de Satã nos abismos infernais onde aconteciam as reuniões do líder e de seu conselho, em que planejavam conquistar o Paraíso e tramavam o retorno triunfal depois do expurgo.

A partir dessa alusão literária, *pandemônio* virou, ao longo do tempo, sinônimo de tumulto, balbúrdia, destemperança, confusão. Portanto, não é à toa que, sob o efeito da disseminação de epidemias de grande proporção, como a causada pelo novo Coronavírus, a expressão *peste* tenha sido substituída por *pandemia*.

Aberta a variações e polissêmica, de *pandemia* nos aproximamos de *pandemônio*. *Pan* etimologicamente significa todos, e *Daimo*n, demônios, *pandemônio*, palavra que utilizamos ocasionalmente, passou a ter outro significado, como representação do desgoverno no país, a partir do Messias instalado em Brasília. Lá, no "palácio de Satã", onde todos os demônios estavam reunidos para praticar maldades além-mundos.

Nem o inferno, tampouco o céu: por um realismo esperançado (e iconoclasta)

Diante de mistificações, de mitificações, demonizações e endeusamentos, já que inferno e céu são apenas representações metafóricas e enganosas de nossa tradição judaico-cristã, no campo do mistério, não titubeemos. É preciso, *sem baixar a guarda* (ética e política), intensificar o enfrentamento do neofascismo que (sabemos) é maior que a expressão que assume em torno do Messias Bolsonaro, de seus asseclas e de tudo o que ele representa. E logo adiante, oxalá, intensificar nosso trabalho e apostar na esperança rebelde de que Luiz Inácio vença, mas que também *Um outro Lula seja possível!*

É nossa tarefa - está em nossas mãos - superar o pandemônio do desgoverno genocida, recuperar o Estado democrático de direito a soberania popular, esgarçar os espaços democráticos, fazer valer políticas voltadas à garantia de direitos,

à igualdade e à diversidade. Além disso, batalhar por uma agenda de desenvolvimento econômico que não seja bajuladora e refém dos interesses do capital. Entretanto, para isso, em primeiríssimo lugar é preciso conter a barbárie através de uma educação abertamente antifascista!

O bacilo da peste não morre e não desaparece

Para destacar alguns dos aprendizados que uma leitura da história política e da literatura do século XX pode nos proporcionar, em especial acerca dos riscos da fascistização crescente do tecido social, evoco aqui o livro *A peste,* de Albert Camus, romance laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1957[9]. Camus foi um filósofo existencialista, franco-argelino, ativista da resistência à ocupação alemã na França e com larga participação como jornalista em periódicos de esquerda. *A Peste* foi escrita no contexto da II Guerra Mundial e narra o surgimento de uma epidemia de peste bubônica transmitida por ratos, que invade a cidade de Orã, litoral da Argélia, na década de 1940. A partir de um médico chamado Bernard Rieux descreve, ao longo de dez meses, como a população e as autoridades reagem, indo da apatia à ação, do negacionismo a justificações religiosas para o flagelo, da xenofobia à banalização do sofrimento humano.

O livro se constitui em uma poderosa metáfora para denunciar o nazifascismo e a ocupação militar alemã na França – representada pelos ratos e pela doença por eles propagada – e de como se aceita ou se reage a isso. O vírus que penetra não apenas nas células também coloniza o imaginário. E essa é, portanto, uma forma de destacar o papel da ideologia na construção da consciência social. Esse é essencialmente um livro de revolta contra a aceitação da morte causada por regimes totalitários.

Sem dar *spoiler* em demasia, destaco aqui uma passagem emblemática ao final do livro, trazida pelo narrador, uma autoprojeção evidente de Camus, através do médico Bernard Rieux, a revelar a importância da consciência histórica do presente-futuro e a cautela, ceticista e previdente, do existencialismo.

---

[9] Parte da caracterização da obra de Camus aqui descrita também está presente em outro trabalho que realizei junto a estudantes do Ensino Fundamental, com destaque para as produções de contos de natureza filosófica, inspiradas na leitura de excertos e debate em torno de "A peste". Ver em MELLO, Marco. Contos filosóficos sob o signo da Covid-19. *In*: MELLO, Marco; RODRIGUES, Daniele Gualtieri (Orgs.) E se a periferia fosse o centro? Porto Alegre: EMEF Saint Hilaire, 2022.p. 92-100. Disponível em: Link para acesso e download: *https://bit.ly/3XemD5E*

> Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se de que *essa alegria estava sempre ameaçada.* Porque ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: *o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada.* E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz. (CAMUS, 1977, p.279. Grifos meus).

Trocando em miúdos: É preciso desconfiança com pequenas vitórias na luta contra o vírus do neofascismo, em sua versão neoliberal e necrófila. E não esquecer a lição de Rieux/Camus: *"o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada"* (1977, p. 279).

O Brasil real – conservador, com a tradição atávica de mandonismo e clientelismo, patrimonialista, homofóbico, machista, racista, capacitista – não está tão somente "neles", naqueles(as) a quem nominamos responsáveis pelos males do mundo: está dentro de nossos lares, de nossa árvore genealógica[10], nas nossas pequenas atitudes cotidianas, nas nossas relações próximas, nas salas de aula, na fila do ônibus, mais próxima do que gostaríamos de crer.

Por isso precisamos da história e da memória, para lembrar o que muitos querem fazer esquecer e apagar do imaginário social. Precisamos continuar a fazer perguntas radicais e às vezes desconfortáveis, que coloquem em xeque as tendências regressivas tão enraizadas aqui e ali. Precisamos reencontrar o Brasil de novo. E arregaçar os braços...

---

[10] Neste quesito me permito sugerir a leitura de uma obra preciosíssima que diz muito da busca necessária que precisamos fazer para ressignificar nossas origens e questionar as tradições construídas e silenciadas. Trata-se de Heimat, de Nora Krug, historiadora e ilustradora alemã, radicada nos EUA, que fez um inventário que virou um aclamado romance gráfico sobre sua história familiar e os vínculos ocultos com o nazismo. Com um texto muito envolvente, vai do lirismo ao humor, com reflexões profundas sobre o tema da identidade, o necessário "acerto de contas" com o passado e o crescimento da extrema direita na Europa. O livro se destaca pela linguagem encantadora que apresenta essa história ao combinar documentos oriundos de pesquisa arquivística, colagens, história em quadrinhos, memórias familiares, ilustrações e fotografias. (KRUG, Nora. *Heimat: Ponderações de uma alemã sobre sua terra e história*. São Paulo: Cia das Letras, 2019).

Educar contra a barbárie! Com Esperança!

"Barbárie" é um palavrão! A ela estão associadas noções como selvageria, brutalidade, irracionalidade, uso da violência, desumanidade, rudeza, falta de civilidade. O termo, em sua origem greco-romana, está marcado pelo etnocentrismo em relação àqueles a quem se buscava subjugar ou que representavam uma ameaça, real ou imaginária. A expressão sobreviveu aos séculos e foi ganhando novas conotações.

No nascimento da modernidade europeia, a consolidação do capitalismo como modo de produção dominante só foi possível porque assentada em uma barbárie sistemática, em uma escala incomensurável, que gerou feridas que ainda continuam a sangrar: a invasão, a conquista e o saque das Américas, o genocídio das populações nativas, a escravização africana, o colonialismo e o imperialismo. No século XX, são fartos os exemplos desse *modus operandi*: as grandes guerras, os massacres de caráter étnico e religioso, o ecocídio, as ditaduras na América Latina.

Destaco aqui, para efeito de uma apreensão conceitual sobre o termo, a formulação de um importante intelectual contemporâneo. Theodor Adorno foi um filósofo e sociólogo judeu-alemão que integrou a chamada Escola de Frankfurt. Perseguido pelo nazismo, fugiu da Alemanha. Impactado com o Holocausto e o terror dos campos de concentração na II Guerra Mundial, ao retornar à Alemanha refletiu criticamente[11] sobre o fracasso do projeto racionalista instrumental moderno, que gerou uma das mais terríveis expressões de barbárie na história da humanidade em um país que se destacava no cenário cultural europeu. Segundo Adorno, "desbarbarizar" a sociedade se colocava como questão premente (ADORNO, 1995:126). Isso só seria possível pelo papel ativo da cultura e da educação, reorientada para a criação de uma nova racionalidade ética, capaz de gerar um sujeito autônomo, crítico à manipulação ideológica da propaganda como forma de evitar a ascensão de ideologias e regimes totalitários e novos Auschwitzs. No trecho em destaque, o próprio Adorno explicita enfaticamente tal propositura em um país que buscava recuperar a própria democracia.

[11] *Educação e Emancipação* registra oito palestras e debates dos quais Adorno participou ao longo dos anos 1960, no seu retorno à Alemanha, e que eram transmitidos através da rádio estatal. Nela, em linguagem coloquial, estão boa parte das premissas e argumentos em torno do tema (ADORNO, 1995).

> Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. (...) A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. (...) é preciso contrapor-se à barbárie principalmente na escola. Por isto, apesar de todos os argumentos em contrário no plano das teorias sociais, é tão importante do ponto de vista da sociedade que a escola cumpra sua função, ajudando, que se conscientize do pesado legado de representações que carrega consigo. (ADORNO, 1995:126-127).

Em que pese a distância temporal e das circunstâncias, educar para superar a barbárie, como propunha Theodor Adorno, é uma máxima atualíssima. Há uma bela experiência de caráter formativo e de mobilização na afirmação de direitos à educação que gostaria de recomendar a quem ainda não conhece. Trata-se da *Semana de Ação Mundial* (SAM)[12], uma iniciativa progressista realizada simultaneamente em meados de todos os anos, com o objetivo de informar e engajar a população em prol do direito à educação. No Brasil, a iniciativa é coordenada pela reconhecida e aguerrida *Campanha Nacional pelo Direito à Educação,* uma ampla articulação de organizações, surgida em 1999, em torno da defesa da oferta de uma educação pública de qualidade.

A cada ano, um tema é eleito como eixo central. Em 2020, o tema foi justamente *Educação contra a barbárie por escolas democráticas e pela liberdade de ensino*, a partir de livro homônimo com cerca de trinta artigos organizado por Fernando Cássio (2018), professor de políticas educacionais na Universidade Federal do ABC (UFABC) e integrante da *Campanha*. Destaco aqui, da elaboração coletiva da Campanha e do próprio livro, elementos que caracterizam a barbárie educacional hoje: o descompromisso de gestores da política pública com as metas do Plano Nacional de Educação (2015-2024); as tentativas de dissolução do direito à educação pública, gratuita, de qualidade, inclusiva, livre e laica; a crescente militarização das escolas; os ataques contra a liberdade de ensinar; o racismo; a violência de gênero e contra a população LGBTQI+; o avanço do proselitismo religioso; o estímulo à resolução de conflitos baseados na violência; o desprezo à ciência

[12] Para conhecer a experiência, consultar: *https://semanadeacaomundial.org/2020/*

e ao conhecimento; o gerencialismo privatista que toma conta da gestão das escolas e dos sistemas.

É de Fernando Cássio (2020) que extraio aqui uma análise que destaca uma motivação política de fundo, além dos interesses do mercado, e que é, ao mesmo tempo, um encorajamento à ação.

> *A educação contra a barbárie começa pela escola!*
> O governo Bolsonaro e os seus aliados sabem que a grande linha de resistência ao seu projeto de poder está nas escolas públicas deste país. É por isso que eles têm tanto medo de estudantes e professores. É por isso que eles querem sequestrar a nossa liberdade. Mas eles não vão conseguir. (...) A educação contra a barbárie começa pela escola, e nós não vamos recuar! (CASSIO, 2020, p.49-51).

Educar, com os pés no chão, brilhos nos olhos e orientados pelo encantamento-consciência-insurgente, que nasce lá dentro da gente: eis o grande desafio de nosso tempo presente, compromisso ético-político inarredável das educadoras e dos educadores críticos. Tarefa inadiável que cresce em escala e se fortalece quando nossas subjetividades rebeldes se encontram, cochicham, conspiram, dialogam, tramam novos mundos, conquistam corações e mentes e se desaguam nos espaços possíveis de ação. Entre eles, a aula.

A sala de aula e as possibilidades de transgressão

Apesar das limitações, em todos os espaços nos quais atuamos como educadores(as) é possível abrir brechas e ampliar as rachaduras dentro do próprio sistema. Destaco nesta última seção o testemunho de uma intelectual e educadora afro-americana que vem ganhando reconhecimento e adesão entres nós. Suas obras traduzidas mais recentemente expressam sua declarada simpatia e identificação crítico-propositiva pela educação libertadora de Paulo Freire, por sua larga experiência de ensino decolonial, antirracista e feminista no contexto sulista dos Estados Unidos e pelos seus escritos, tão amorosos e intimistas quanto engajados. Bell hooks assim se refere à potência da sala de aula, que, para ela, não deve se limitar a um espaço formal e institucionalizado.

> A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de

> possibilidade temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2019, p.273).

Deste excerto do texto de bell hooks, destaco duas passagens que considero muito pertinentes para que nossa aula seja, de fato, uma potência-em-ação: a exigência "de nós e de nossos camaradas" termos ""uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade", "ao mesmo tempo que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir". Essas são pistas preciosíssimas!

Onde uma aula significativa começa? Quando ela *inaugura o novo dentro da gente,* através da *abertura* dos poros, do coração, dos olhos, da cabeça, da mentalidade – para não apenas ver, mas "*encarar* a realidade"! Encarar significa olhar no olho, sem destemor, com coragem! E, desde esse movimento – "*coletivamente*" – imaginar "*esquemas* para *cruzar fronteiras*", "para *transgredir*". Segundo hooks, é preciso nutrir esse movimento cotidianamente para que se fortaleça em nossos corações e mentes o espírito de uma "abertura radical" (2021).

Um paralelismo que penso significativo para evidenciar a convergência do pensamento de hooks, Bloch e Freire é o depoimento que o brasileiro deu ao Museu da Pessoa, em 1992. Ao final da entrevista, inquirido sobre com o que ele sonhava, Paulo Freire faz uma bela digressão sobre algo fundamental, que é a dimensão ontológica do sonho, em peculiar aplicação de uma percepção histórico-dialética que requer um posicionamento. Essa reflexão converge com os fundamentos da principal obra do filósofo marxista Ernest Bloch, aqui referida, e que também se encontra na obra *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido,* de Freire.

> Nós somos seres de tal maneira constituídos que o presente, o passado e o futuro nos enlaçam. A minha tese então é a seguinte. Não posso, não pode existir um ser permanentemente preocupado com o vir a ser, portanto com o amanhã, sem sonhar. É inviável. Sonhar aí não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar. Significa arquiteturar, conjecturar

> sobre o amanhã. E quando tu me perguntas, a questão agora é saber qual é o sonho em torno desse amanhã. Segundo, a questão fundamental é saber com que sonho, e contra que sonho. Porque eu não posso sonhar em favor de alguma coisa, se não sonho contra outra. Que é exatamente aquela que obstaculiza a realização do meu sonho. Eu não posso sonhar se eu não estou claro também com a favor de quem eu sonho. Daí que o ato de sonhar seja um ato político. Um ato ético, e um ato estético. Quer dizer, não é possível sonhar sem boniteza, sem moralidade e sem opção política. (...) Qual é o sujeito beneficiário do teu sonho? É a burguesia que explora ou é a massa deserdada que sofre? E não basta que você me diga eu sonho pela humanidade, porque a humanidade é uma abstração e não existe. (..) o meu sonho fundamental, é o sonho pela liberdade que me estimula a brigar pela justiça. Pelo respeito do outro. Pelo respeito à diferença. Pelo respeito ao direito que o outro tem e a outra tem de ser ele ou ela mesma. Quer dizer, o meu sonho é que nós inventemos uma sociedade menos feia do que a nossa de hoje. Menos injusta, que tenha mais vergonha. Esse é o meu sonho. O meu sonho é um sonho da bondade e da beleza. (FREIRE, 1992).

O belo depoimento de Freire me levou a evocar, quase que inevitavelmente Bachelard. O convido a entrar na prosa e dizer algo, ainda que breve, pois sua concepção se aproxima em muito da tese exposta nesta aula.

Gaston Bachelard, cientista e filósofo francês, expoente nas formulações em torno da epistemologia contemporânea e da filosofia da ciência, nos lembra, na sua *fase noturna* de ensaísta e poeta que foi, da legitimidade contida na imaginação, que pode ser devaneio, mas também sonho que se pensa e que mobiliza energias psíquicas criadoras. Bachelard (1994), ao mesmo tempo que defendia o gozo lúdico do livre pensar, advogava uma *imaginação material* – projeção que convoca a uma intervenção ativa. De modo similar, a *imaginação* em hooks é projeto, traçado, *esquema,* é plano, é síntese, é tática pró-movimento.

Romper as fronteiras

Voltando algumas casas atrás, mas ainda sob o mesmo tabuleiro, indago ao leitor sagaz: Qual o horizonte visualizado por hooks na abertura dessa seção? A ruptura! *Cruzar fronteiras*.

Cruzar significa perpassar linhas em direções distintas, perpendiculares, atravessar. *Cruzar fronteiras,* no plural, é cruzar o que está delimitado, limítrofe, interdito. O que está à frente (e impede a prática da passagem-liberdade)! Qual? Quais *fronteiras* cruzar? Você escolhe! Mas sem esquecer de que o primeiro desafio de uma aula é sempre o de se situar, de ler os sujeitos que dela participam – em relação: situar-se e interpretar o contexto vivido-percebido.

Concluo este ensaio sublinhando algo que penso seja indispensável considerar, para o necessário contrapeso na balança em torno do otimismo do que pode uma aula. Há uma mudança substantiva provocada nos últimos anos pelas reformas privatistas, gerencialistas e conservadoras, de rankeamento de desempenho dos estudantes, imposição de matrizes curriculares neotecnicistas, de restrição da autonomia da escola e do trabalho docente, do uso de plataformas digitais e de apostilamentos para o maior controle do que se faz nas salas de aula. Esse movimento, que é global, literalmente derruba a parede do biombo atrás do qual alguns se escondiam, alheios ao mundo, exaltando a sua liberdade e repetindo *ad infinitum:* "Ah, isso aí tudo é só burocracia... entro na minha sala de aula, fecho a porta e ali dou minha aula...". Ledo engano.

A eles, a elas, deixaria uma pergunta, sempre ela, presente na crônica que abre o livro de José Falero (2021:21): "*Vem cá, thê, em que mundo tu* vive? *Tu acha que uma cidade vira fascista da noite pro dia, é?*"

Referências e sugestões para aprofundamento:

AB´SÁBER, Tales. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*. São Paulo: Hedra, 2011.

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALBORNOZ, Suzana Guerra. *Ética e utopia: ensaio sobre Ernst Bloch*. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021.

APPLE. Michael. A luta pela democracia na educação. *In*: APPLE, Michael W.; GANDIN, Luis Armando; LIU, Shuning, MESHULAM, Assaf; SCHIRMER, Eleni. (Orgs.) *A luta pela democracia na educação: lições de realidades sociais*. Petrópolis: Vozes, 2020. p.9-38.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BARTHES, Roland. *Aula*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2000 [1978].

BLOCH, Ernest. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 2005. Vol. 1.

BLOCH, Ernest. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 2006. Vol. 3.

CAMPOS, Pedro Ortega. *Educar perguntando*: ajuda filosófica na escola e na vida. São Paulo: Paulinas, 2008.

CAMUS, Albert. *A Peste*. São Paulo: Ed. Record,1978.

CANDAU, Vera. Educação em Direitos Humanos: questões pedagógicas. *In*: BITTAR, Eduardo C. B. *Educação e metodologia para os Direitos Humanos*. São Paulo: Quartien Latin, 2008. p.285-298.

CÁSSIO, Fernando (Org.). *Educação contra a Barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2018.

CÁSSIO, Fernando. Como desbarbarizar a educação. *In*: *Manual da Semana de Ação Mundial (SAM) 2020: Educação contra a barbárie: Por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2020. p.49-51.

CORONAVÍRUS: 'PAÍS DE MARICAS' E OUTRAS 8 FRASES DE BOLSONARO sobre pandemia que matou 162 mil pessoas no Brasil. BBC News Brasil. 11 nov. 2020. Disponível em: *https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54902608*. Acesso em nov. 2020.

COSTA, Cristiano Bedin. Roland Barthes e a aula como fantasia idiorrítmica: proposições para um viver junto. *Revista Teias*, v. 18, n. 51, 2017 (out./dez.), p. 149–163

FALERO, José. *Mas em que mundo tu vive?* São Paulo: Todavia, 2021.

FREIRE, Paulo. Investigação e metodologia da investigação do "tema gerador". (1968). *In*: TORRES, Carlos Alberto. *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire (Antologia)*. São Paulo: Loyola, 1979. p.119-148.

FREIRE,Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. Entrevista (texto e vídeo). São Paulo, Museu da Pessoa, out. 1992. Disponível em: *https://museudapessoa.org/historias/pessoadetalhe/?id=114*. Acesso em jun 2023.

GAUGUIN, Eugène Henri Paul. Where Do We Come From? What Are We? Where Are We Going? 1897-98, Óleo sobre tela (139,1 cm x 374,6 cm). Museu de Belas Artes de Boston, EUA. Disponível em: *https://tinyurl.com/5n8552za*. Acesso em jun. 2023.

HAUSER, Arnold. *Historia social de la literatura y el arte*. Madrid: Editorial Debate, 1998. Vol. 2.

HOUAISS, Antônio *et al*. (Orgs.) *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2009.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KRUG, Nora. *Heimat*: Ponderações de uma alemã sobre sua terra e história. São

Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das letras, Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo, 1992. p.201-204.

hoocks, bell. Educação democrática. *In*: CÁSSIO, Fernando (Org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019. p.199-207.

hoocks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

MAZZANTI, Anna; PRINCI, Eliana. *Gauguin*. São Paulo: Abril, 2011. (Col. Grandes Mestres: Pintores, vol. 8).

MELLO, Marco. Contos filosóficos sob o signo da Covid-19. *In*: MELLO, Marco; RODRIGUES, Daniele Gualtieri (Orgs.) *E se a periferia fosse o centro?* Porto Alegre: EMEF Saint Hilaire, 2022. p. 92-100.

MILTON, John. *O paraíso perdido*. (trad. Daniel Jonas). São Paulo: Editora 34, 2020. [1667, 2. ed, rev. 1674].

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 3. ed. São Paulo: N-l edições, 2018.

MURCHO, Desiderio. *Sete ideias filosóficas que toda gente devia conhecer*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2011.

NA KHELAV, NA GILAVAV. Mawaca. *Inquilinos do mundo*. DVD. São Paulo: Paiol Filmes, 2013. 5,01 segs. Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=uN-ka3fksqg*. Acesso em dez. 2018.

O CONTO DA AIA (The Handmaid's Tale). Direção de Bruce Miller. EUA. 2017. 6 Temporadas, 46 episódios. Websérie.

OLIVEIRA, Rosane de. Bolsonaro desrespeita as famílias dos mortos quando diz que “chega de frescura e mimimi”, quando pergunta “vão ficar chorando até quando?”, revela, no mínimo, falta de compaixão. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 4 mar. 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [1839].

SLAVUTZKY, Abrão; SOUSA, Edson Luiz André de. *Imaginar o Amanhã*: ensaios e crônicas. Porto Alegre: Diadorim, 2021.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo?* A política do “nós" e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018.

VELASCO, Patrícia Del Nero. *Educando para a argumentação*: contribuições do ensino da lógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PLAYLIST

https://bit.ly/3NtoP73

1. Brasis (Seu Jorge, Gabriel Moura, Jovi Joviniano) - Elza Soares
2. Comportamento Geral (Gonzaguinha) - Gonzaguinha
3. 14 de maio (Jorge Portugal/ Lazzo Matumbi) - Lazzo
4. Roda Viva (Chico Buarque) - Francisco, el Hombre
5. Pedrada (Chico César) - Charretinha do Forró
6. Eu quero é colocar meu bloco na rua (Sérgio Sampaio) - Ana Lomelino, Jards Macalé e German Cohen
7. Owerá - Xondaro Ka'aguy Reguá - Kunumi MC
8. Não vou sair do campo (Gilvan Santos) - Gilvan Santos
9. Trono do Estudar (Daniel Black) - Dani Black e divs. artistas
10. Cota não é esmola (Bia Ferreira, Doralice) - Bia Ferreira
11. Engenho da dor (Josyara) - Josyara
12. Água (Antonio Carlos & Jocafi) - BaianaSystem, Antonio Carlos & Jocafi, Orquestra AfroSinfônica
13. Por que é da natureza (Cátia de França) - Cátia de França
14. Sei dos caminhos (Itamar Assumpção, Alice Ruiz) - Alzira E.
15. Preparando o salto (Siba) - Siba
16. Esperançar por este chão - (Anabela, Edu de Maria) - Samba do Bloco do Cupinzeiro
17. Êra Êra - Nitro Di
18. Tenha fé, pois amanhã um lindo dia vai nascer (Jorge Ben) - Os Originais do Samba
19. Vermelho esperança (Chico César) - Laila Garin
20. Pachamama Revolução (Richard Serraria) - Richard Serraria

TEJE PRESO

PAULO FREIRE NAS GARRAS DA DITADURA EMPRESARIAL-MILITAR[1]

Figura 1 - Paulo Freire. 1963. Arquivo Nacional.
Fundo: Jornal Correio da Manhã

"*Teje preso*, Seu Paulo Freire!"

Era o dia do aniversário de Elza, um 16 de junho, e possivelmente a filharada se movimentava para celebrar também a presença do pai de volta a Recife. Ele, antevendo a possível perseguição, ficara escondido até meados de maio na casa de um amigo em Brasília, logo após o Golpe que jogou o país na pior das ditaduras de que já sofremos. A comemoração não poderia ser mais tensa. Ainda cedo, pela manhã, dois soldados da então "Delegacia de Segurança Social" levaram Paulo Freire de sua própria residência, em uma Kombi, na frente da família, justificando a necessidade de um depoimento, um eufemismo para a "detenção para averiguação". Por 24 horas não se soube de seu paradeiro.

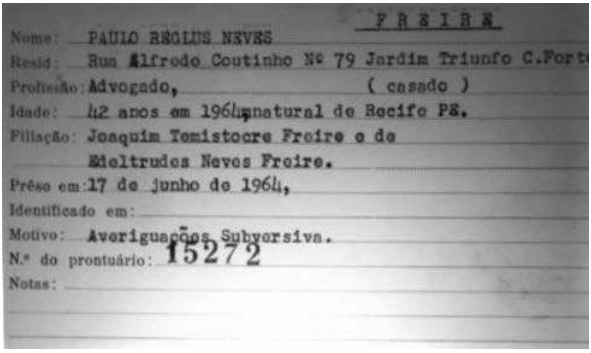
Aflita diante de respostas negativas de que estaria detido, Elza Freire não tinha quaisquer informações de onde ele se

[1] Texto publicado originalmente no Jornal Brasil de Fato RS, em 2 de maio de 2024, sob o título: "Paulo Freire: preso político da ditadura empresarial-militar", reproduzido aqui em versão revisada, com o acréscimo de algumas notas e com as referências citadas no corpo do artigo.

encontrava. A falta de notificação era o *modus operandi* para gerar insegurança e temor, sob a justificativa de um "regime de exceção". Sem mandato, Paulo Freire fora retirado de sua própria casa, fichado e preso sumariamente, por ordem de um capitão de plantão. Providencialmente, um jovem soldado que reconheceu Paulo Freire na cadeia se prontificou a avisar clandestinamente sua esposa.

Prisão política

A solitária tinha apenas 0,60 X 1,70. Minúscula, imunda, fria, escura, sem janela, sem banheiro, mas com grades e paredes ásperas a fim de evitar que o prisioneiro, seminu, encostasse as costas para um apoio diante da agonia do confinamento, como se bicho fosse. Chamada de "X-2", era uma das celas destinadas a punir soldados insubordinados, e que passara a receber, desde a quartelada de abril de 1964, centenas de perseguidos pelos militares e forças policiais sob o Golpe que se abateu e foi particularmente cruel em Pernambuco, berço das Ligas Camponesas.



FREIRE

Nome: PAULO REGLUS NEVES
Resid: Rua Alfredo Coutinho Nº 79 Jardim Triunfo C.Fort
Profissão: Advogado, (casado)
Idade: 42 anos em 1964 natural do Recife PE.
Filiação: Joaquim Temistocre Freire e de
Edeltrudes Neves Freire.
Prêso em: 17 de junho de 1964,
Identificado em:
Motivo: Averiguações Subversiva.
N.º do prontuário: 15272
Notas:

Figura 2 -Prontuário Individual - Paulo Reglus Neves Freire. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano/Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara (PE), 1964

Ali mesmo, na cela onde Paulo Freire amargou os primeiros dias de sua prisão, na 2ª. Companhia de Guardas do Recife, haviam passado o calejado lutador Gregório Bezerra, célebre liderança comunista que foi torturado e arrastado por um jipe pelas ruas do Bairro de Casa Forte; Clodomir Morais, advogado e um dos líderes das Ligas camponesas; o Prefeito de Recife, Pelópidas Silveira; pastores; estudantes; trabalhadoras urbanas, intelectuais, artistas e centenas de camponeses suspeitos de "subversão comunista".

Dali do famoso "X-2" (Xadrez n.2) da Companhia de Guardas e da Cela nº 1 do 7º Regimento de Obuses, na entrada do andar térreo, se ouvia as vozes altas dos algozes, os sons abafados de espancamentos, misturados a choros e gemidos daqueles que lutavam por justiça social, por direito ao pão e por dignidade[2].

Concentração fundiária, exploração e luta camponesa

Desde meados da década de 1940 até os anos 1960, Pernambuco foi o epicentro, no Nordeste brasileiro, de um intenso processo organizativo dos trabalhadores rurais. As Ligas Camponesas, com um forte trabalho de base sob a liderança do Partido Comunista, alcançaram um patamar de organização que só seria superado décadas mais tarde, com as experiências do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que em 2024 completou 40 anos de lutas e resistências. Por essa razão, calcula-se que, somente no estado de Pernambuco, cerca de 5.000 camponeses foram presos, perseguidos, centenas deles torturados e mortos pelo aparato repressivo do Estado brasileiro e pelos jagunços a mando dos latifundiários da região, temerários das "Reformas de Base", preconizadas pelo Governo de João Goulart.

Temiam os militares que o "método de alfabetização" preconizado por Paulo Freire alavancasse o processo organizativo, tanto no campo como na cidade, e se alastrasse a "doutrinação comunista". Com a aprovação do projeto de Reforma Eleitoral, adultos alfabetizados "em quarenta horas" se transformariam em sujeitos aptos a votar, o que alterava a correlação de forças políticas e colocava em risco os redutos sob o controle dos coronéis donos de engenhos e de grandes empresários. Para se ter uma ideia, estima-se que, em Pernambuco, de 800 mil votantes em pouco tempo passaria para 1,3 milhão de pessoas aptas a participarem das eleições.

Inquéritos Policiais Militares sob a condução de Ibiapina: entre o arbítrio e a mediocridade

Paulo Freire ficou preso por 72 dias, entre junho e setembro de 1964, em três locais: na 2a. Companhia de Guardas do Recife, no 14º. Regimento de Infantaria de Recife e na Cadeia

[2] Como apontou o próprio Freire, nesse primeiro momento, em 1964, que antecipou a terrível perseguição e massacre dos anos de chumbo, em 1968, a repressão física teve um conteúdo de classe manifesto, atingindo preponderantemente camponeses e operários, poupando intelectuais pequeno-burgueses que se opunham ao regime (FREIRE, 2008, p. 42).

de Olinda.

Com quinze humilhantes dias "de molho", para "amaciar o elemento subversivo", é levado ao primeiro interrogatório em 1º. de julho de 1964. Freire seria solto dois dias depois, mas preso novamente, no dia seguinte a sua libertação, por um período mais longo, em torno de 50 dias. Na maior parte do tempo, ficou recluso em locais como enfermarias transformadas em prisão, onde conviveu com outros presos que tinham Curso Superior.

Um segundo interrogatório aconteceu em 16 de setembro. Em ambas as situações, Freire foi interrogado pelo famigerado Hélio Ibiapina Lima, tenente-coronel do Exército, "linha dura", chefe da 2ª. Seção do Comando Militar do Nordeste (IV Exército) e responsável direto por comandar o aparato de vigilância e repressão na região. Em suas credencias se gabava de ser amigo pessoal de Castello Branco, general que fora um dos principais articuladores do golpe e primeiro dos quatro presidentes militares que governaram o país no período da ditadura.

De acordo com o apurado nas investigações, presentes no cap. 16 do Relatório Nacional da Comissão da Verdade (2014), intitulado "A autoria das graves violações de direitos humanos", Ibiapina foi identificado como um dos 377 agentes do Estado considerados como responsáveis diretos pela instalação do arbítrio instalado e "um dos principais responsáveis pelas graves violações aos direitos humanos perpetradas, após o golpe de Estado, contra grande número de presos políticos em Pernambuco." (BRASIL, 2014, p.865). Houve comprovação, pelo menos em três casos ocorridos ainda em 1964, de sua "participação em casos de tortura" (*ibid.*, p.895).

Os interrogatórios a que Freire foi submetido, são um exemplo do despreparo, da manipulação e da boçalidade de seu algoz, tentando desmoralizar a autenticidade do "método de alfabetização", insinuar sua ineficácia em comparação ao "método" utilizado no Exército, identificar relações pessoais com lideranças políticas e sindicais, avaliar o impacto da "revolução de 1º. de abril" e identificar o "caráter doutrinário marxista" e o "aliciamento das massas para o movimento comunista no Brasil".

Perseguição: "Um homem nitidamente ligado à política esquerdista"

> *O sr. Paulo Freire é um homem notadamente ligado à política esquerdista. Com o beneplácito da Reitoria da*

> *Universidade do Recife e apoio do então governo, vindo comunizando o nordeste (sic), através de seu método de alfabetização de estilo revolucionário.* Paulo Freire. Histórico. s/d (1964). Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco.

O perfil traçado pela repressão nitidamente buscava associar a figura de Freire à imagem de um ideólogo difusor de uma doutrina, o "comunismo", a ser combatida a qualquer custo. Tal caracterização já havia sido difundida por grandes jornais, como *O Estado de São Paulo* (SP), *Tribuna da Imprensa* (RJ) e *Diário de Pernambuco* (PE) desde meados de 1963, acusando Freire desde a difusão de um "método ineficiente", até se tratar de um "criptocomunista", agente "bolchevique" à serviço da "espionagem vermelha internacional" (VERAS, 2023, p.79-80).

Em verdade, Paulo Freire se aproximava, como intelectual cristão e de esquerda, à política de um reformismo nacionalista e de teor populista que emergiu no período. Freire, portanto, podia ser visto como um democrata radical que gravitava com independência em torno de movimentos mais ou menos radicalizados, em especial no seio da Ação Católica. Vale lembrar ainda que nessa época, em 1963-1964, Freire tinha mais desconfianças e diferenças do que simpatias para com o marxismo, o que muda paulatinamente com suas experiências no exílio. Não tinha vínculo com nenhum partido ou organização de esquerda com cunho revolucionário e que pregasse a luta armada, por exemplo. Mesmo assim, a perseguição não deixou de ir ao seu encalço, pelo que representava o processo de alfabetização e politização de adultos iniciado junto à população camponesa e aos trabalhadores nas periferias urbanas, que se alastrava pelo país.

Em abril de 1964, Freire já havia sido demitido do cargo que recém assumira, na Comissão Nacional de Alfabetização, junto ao Ministério de Educação. Retornando a Recife, fora um dos alvos da Comissão de Inquérito criada na Universidade do Recife e instituída visando a penalizar estudantes e professores supostamente envolvidos em ações que colocassem em xeque "a ordem política e social, ou atos de guerra revolucionária". Sua sala de trabalho na Universidade foi invadida; vários objetos e documentos foram confiscados e destruídos. Meses mais tarde, em outubro, à revelia, mesmo depois de ter sido interrogado e obrigado a responder por escrito as dezoito perguntas da Comissão de Inquérito, Freire foi sumariamente (e ao mesmo

tempo) “aposentado” e “demitido” (sic) (DO-PE. 9 out. 1964, *apud* PERNAMBUCO, 2017, p. 227), já que detinha os cargos de Professor livre-docente e Técnico em Educação no Serviço de Extensão Cultural junto à Universidade.

Mesmo tendo sido liberto, a repressão exigia que “elementos suspeitos de subversão” tivessem que comparecer diariamente às instalações do Exército para registrar suas atividades recentes e dar explicações de suas tarefas profissionais e sociais. Sem trabalho, com vários amigos presos, torturados e desaparecidos, Freire foi informado acerca de uma iminente terceira prisão, desta vez no Rio de Janeiro, no contexto da ação repressiva vinculada ao IPM do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Assim, ele não compareceu à nova intimação que chegou por telegrama.

Apesar da contrariedade inicial, não lhe restou alternativa a não ser obter apoio para sair do país, buscando, em setembro de 1964, asilo na Embaixada da Bolívia. O exílio naquele país duraria pouco mais de um mês, devido a um golpe de Estado que ali se instalara. Dali partiria para o Chile, onde alguns meses mais tarde receberia também a família e ficaria por cinco anos, morando ainda por um curto período nos Estados Unidos e, por uma década, na Suíça. Mas esses são outros episódios dessa história[3].

Para conhecer mais sobre a prisão política de Paulo Freire

Recomendaria aos interessados no tema que envolve a prisão política de Freire quatro trabalhos para conhecer com maior riqueza essa história. Deles, retive algumas das informações aqui presentes.

O primeiro deles, o próprio Freire, em um dos livros “falados” com Sérgio Guimarães: “Aprendendo com a própria história” (Paz e Terra, 2013). O recém-lançado “Inquérito Paulo Freire”, que reproduz as fontes primárias com as inquirições realizadas em dois interrogatórios a que Freire foi submetido, traz uma introdução contextualizadora, uma entrevista com um pesquisador do tema, Dimas Veras, além de importantes notas informativas produzidas por Joana Salém Vasconcelos (Elefante, 2024). Cito ainda a riquíssimo narrativa, em caráter memorialista, de Clodomir Santos de Morais, “Cenários da Libertação”

[3] Acerca do exílio e da diáspora de Paulo Freire e família, com especial foco em Elza Freire, como colaboradora intelectual de Paulo e formadora exemplar com grande influência no trabalho do educador, remeto ao magnífico trabalho: “Elza Freire & Paulo Freire: noites de exílio, dias de utopia”, de Nima Spigolon (2023).

(Expressão Popular, 2021) e o compêndio "Paulo Freire, anistiado político", organizado por Moacir Gadotti e Paulo Abrão (Instituto Paulo Freire; Ministério da Justiça, 2012).

Para os interessados no aprofundamento do tema, os dois volumes do "Relatório Final da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Hélder Câmara", de Pernambuco (2017), são fontes importantes por trazer informações sobre a estrutura da repressão e ricos depoimentos que denunciam o ambiente nas prisões durante período. Além disso, a consulta virtual ao Arquivo Público Jordão Emerenciano, junto ao Portal Estadual do Patrimônio Documental de Pernambuco, pode revelar preciosidades, com milhares de documentos digitalizados à disposição para consulta, tais como um deles que aqui inseri como ilustração e outros ainda como fontes primárias de pesquisa.

Para quem busca leituras mais amplas sobre o golpe de 1964 e o período da ditadura, entre tantas produções disponíveis, destaco uma narrativa de síntese com grande qualidade, produzida por uma dupla de pesquisadores tarimbados: trata-se de "1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil", de Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes (2014). Para uma leitura que ajuda a entender Freire e seu contexto, dois clássicos seminais da historiografia guardam, em boa medida, atualidade: "Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada" (1987), do historiador e militante comunista Jacob Gorender; e, sobre o conluio civil-militar que engendrou o golpe, com destaque para a disputa ideológica e a intensa propaganda publicitária anticomunista financiada por grandes corporações estadunidenses, "1964: a conquista do Estado - ação política, poder e golpe de classe" (1981), oriunda da tese do cientista político uruguaio René Armand Dreifuss.

Atualizar-se nas lutas do aqui e do agora

Além de revisitar essa história, entre tantas outras, neste ano de 2024 no qual descomemoramos os 60 anos do Golpe de 1964[4], que impôs uma brutal ditadura empresarial-militar por

[4] Vide os artigos: "Sobre a superação de um trauma coletivo que gera sofrimento e sangra todos os dias" (2024): *https://tinyurl.com/jdd6d4s5* e "A memória coletiva como expressão da luta de classes: disputas em torno da Ditadura e das Diretas Já!" (2024): *https://tinyurl.com/dk2fymzk*. Ambos trazem elementos de debate de fundo sobre o período e foram produzidos em parceria com colegas historiadoras(es) no processo de divulgação de evento que promovemos: o "Seminário 60 Anos do Golpe de 1964 e 40 Anos das Diretas Já!", iniciativa do GT História e Marxismo, seção gaúcha da ANPUH (Associação Nacional

longos 21 anos, é preciso assumir o compromisso com o presente-futuro que nos convoca à presencialidade, para um encontro que está no horizonte[5] e nos convida à circulação dos afetos, saberes e práticas que anunciam futuros viáveis.

Aos 42 anos, professor universitário, com crescente reconhecimento nacional, cinco filhos, Paulo Freire foi um dos primeiros perseguidos e punidos pelos interventores golpistas[6], e se viu obrigado a buscar o exílio para só voltar ao Brasil com a abertura política, em 1980. Ao contrário do que queriam seus perseguidores, Freire voltou gigante, teve uma vida longeva, 75 anos bem vividos. Foi anistiado postumamente pelo Estado brasileiro em 2012, tendo sido reconhecidas as injustiças cometidas contra si. Com sua vida e obra, deixou marcadores muitíssimos fecundos e inspiradores aos caminhantes da utopia. E continua a ser um dos maiores brasileiros que nosso país já teve. Cada vez maior.

O pensamento de Paulo Freire está, pois, vivíssimo entre nós, a despeito das tentativas golpistas (de ontem e de hoje) de persegui-lo e desacreditá-lo, bem como a despeito de governantes tecnocratas e conservadores em todas as escalas. O espírito freireano, porque comprometido com a justiça social, continua presente entre nós, a iluminar, como um sendeiro, os caminhos da luta e a lembrar: *Ditadura, nunca mais!*

Sem anistia para golpistas, nem ilusões de uma transição pacífica

Lembremos que a preocupação em torno da possibilidade de novos golpes de Estado não é algo que esteja no domínio do imaginário persecutório, da encenação ou de um blefe discursivo. Os anos recentes comprovam os riscos reais de alucinadas e intempestivas quarteladas no contexto da América Latina.

---

de História) e do Coletivo de Professoras e Professores da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS), com o apoio de um conjunto de entidades afins.

[5] A referência diz respeito à realização do XXV Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire em Porto Alegre, na UFRGS, com o tema: "Educação Popular, Resistências e Dignidade Humana", inicialmente previsto para o final de maio de 2024. Em função do impacto das enchentes que se abateram sobre o RS, o evento acabou sendo transferido para dezembro do mesmo ano.

[6] Para dimensionarmos a fúria persecutória dos algozes em relação ao trabalho realizado no campo da alfabetização e adultos através do "método Paulo Freire", destaco um exemplo, fazendo remissão à produção de Afonso Scocuglia (2019), no qual o historiador identifica e analisa a perseguição e os Inquéritos Policiais Militares (IPMs) de 52 dirigentes e educadores da Campanha de Educação Popular (CEPLAR), pioneira frente que se dedicava a esse trabalho de base desde 1961, na Paraíba.

No nosso contexto, são exemplos muito concretos o golpe jurídico-midiático-parlamentar que levou ao *impeachment* ilegítimo da Presidenta Dilma Rousseff (2016): "Um golpe sem tanques, como convém aos novos tempos. Tramado nos carpetes do Parlamento, apoiado pela maior parte da imprensa e chancelado pelo Judiciário. Mas, ainda assim, um golpe", como afirmaram Guilherme Boulos e Vitor Guimarães (2016, p.18) e Álvaro Bianchi (2019). A história está aí a nos lembrar que foram forças políticas da burguesia em conluio, representadas como frações do Estado, que tencionaram para a alternância extemporânea de poder político, legitimando-a no parlamento.

Fresca na memória ainda está a tentativa regressista de Jair Messias Bolsonaro, que buscou articular um golpe de Estado ainda à frente do Governo Federal em 2022, reivindicando "intervenção militar". Não realizado, voltou à carga um ano depois, questionando o resultado eleitoral, estimulando seus asseclas, auto nomeados "patriotas", a invadirem e vandalizarem o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF), dias depois da posse de Lula da Silva, em 8 de janeiro de 2023.

Sob o Punhal: Freire liberto e a consciência do poder popular

Para concluir, volto a Paulo Freire e deixo o rastro com uma dica musical da pesada: a excelente banda carioca "Punhal", composta por professores que, com o seu punk *hardcore* "Paulo Freire" (2023) nos lembram da necessidade de uma radical intransigência em relação à construção de uma democracia substantiva, para além da institucionalidade burguesa e que não se confunda como uma mera defesa da ordem social hoje existente (MIGUEL, 2019). A faixa sugerida provoca a necessidade de "despertar a consciência do poder popular" e traz ainda uma oportuna inserção de áudio do próprio Freire sobre o tema da democracia e da "presença no mundo", como prevenção a ameaças golpistas e ao "pesado silêncio" que se abateu com o período ditatorial. Acesso no link *https://tinyurl.com/4syrbh55*, no QR Code ou ainda nas referências.

Referências:

BIANCHI, Alvaro. Golpe de Estado: o conceito e sua história. *In*: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (Orgs.). *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p.53-64.

BOULOS, Guilherme; GUIMARÃES, Vítor. Resistir ao golpe, reinventar os caminhos da esquerda. *In*: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). *Por que gritamos golpe?: Para entender o impeachment e a crise*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 118-121.

BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório Final. Comissão Nacional da Verdade*. Brasília: CNV, 2014. Vol. I.

DREIFUSS, René. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação: lições de casa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Amauri; MACIEL, Tiago. Paulo Freire. Punhal. Álbum: *O terror desses pela saco. Ao vivo Circo Voador*. 2023. 3m35s. Disponível em: *https://tinyurl.com/4syrbh55*.

GADOTTI, Moacir; ABRÃO, Paulo (Orgs.). *Paulo Freire: anistiado político brasileiro*. Brasília; São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça, 2012.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MELLO Marco; FELTES, Fernanda; ROLIM, César; MOZER, Josiane Mozer. Sobre a superação de um trauma coletivo que ainda gera sofrimento e sangra, todos os dias! *Jornal Brasil de Fato RS*, Porto Alegre, 19 de abr. 2024. Disponível em: *https://tinyurl.com/jdd6d4s5*.

MIGUEL, Luis Felipe. *O colapso da democracia no Brasil: da constituição ao golpe de 2016*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.

MOZER, Josiane; FELTES, Fernanda; ROLIM, César; MELLO, Marco. A memória coletiva como expressão da luta de classes: disputas em torno da Ditadura e das Diretas Já! *Jornal Sul21*. Porto Alegre, 23 de abr. 2024. Disponível em: *https://tinyurl.com/dk2fymzk*.

MORAIS, Clodomir Santos de. *Cenários da libertação: Paulo Freire na prisão, no exílio e na universidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

PAULO FREIRE. Histórico. Recife. Secretário de Segurança Pública (PE). DOPS – PE, nº 45272 Fundo 21440. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara (PE). Disponível em: *https://tinyurl.com/3ueneuyf*.

PERNAMBUCO. COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER

CÂMARA. *Relatório Final*. Recife: CEPE, 2017. Vol. II.

PORTAL ESTADUAL DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DE PERNAMBUCO. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Disponível em: *https://www.acervo.pe.gov.br/index.php*/.

PRONTUÁRIO INDIVIDUAL No. 15.272. Paulo Reglus Neves Freire. DOPS – PE, nº 45272, Fundo 21440. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. *Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara* (PE). 17 de junho de 1964. Disponível em: *https://tinyurl.com/bp6y9h3y*.

RELATÓRIO. Paulo Freire. Secretário de Segurança Pública (PE). Recife, s/d [1964]. DOPS – PE, nº 45272, Fundo 21440. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara (PE). Disponível em: *https://tinyurl.com/25fmtykt*.

SCOCUGLIA, Afonso. A educação popular nos inquéritos policiais militares pós-1964. *Eccos – Revista Científica*. Vol. 9, n.1, jan.-jun. 2007. p.17-38.

SPIGOLON, Nima. *Elza Freire & Paulo Freire: noites de exílio, dias de utopia*. Uberlândia: Pangeia Editorial, 2023.

VASCONCELOS, Joana Salém (Org.). *Inquérito Paulo Freire: a ditadura interroga o educador*. São Paulo: Elefante, 2024.

VERAS, Dilma Brasileiro. Paulo Freire e a ditadura militar de 1964: memória, história e esperança. *In*: VASCONCELOS, Joana Salém; MENDES, Maíra Tavares; MUSSI, Daniela (Orgs.). *Paulo Freire e a educação popular: esperançar em tempos de barbárie*. São Paulo: Elefante, 2023. p.75-93.

"SÃO TEMPOS DE DISPUTA, TEMPOS DE COMBATE"

ENTREVISTA COM ÓSCAR JARA[1]

Marco Mello

Óscar Jara Holliday é educador popular e sociólogo. Peruano, pode ser considerado também costarriquenho por adoção, país no qual vive há mais de três décadas. Trabalhou em processos de educação e organização popular, alfabetização, capacitação campesina, formação política, sistematização de experiências, formação de educadoras e educadores, em todos os países da América Latina e América Central, em diversos países da Europa, Canadá e Sudeste Asiático. Autor de várias publicações sobre Educação Popular, Metodologia, Movimentos Sociais e Sistematização de Experiências, é diretor do Centro de Estudos e Publicações Alforja na Costa Rica e um dos coordenadores regionais da Red Mesoamericana de Educación Popular (Rede Alforja). É doutor em Educação (Universidad de Costa Rica), presidente do Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL) e foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela UFRGS (2018), em iniciativa da Faculdade de Educação da Universidade.

Jara é também um dos coordenadores da *Campanha Latino-Americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire*

[1] Entrevista realizada por escrito, via *e-mail*, em 20 de agosto de 2021, traduzida e publicada simultaneamente nas redes sociais do Coletivo de Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre e da Associação dos Trabalhadores em Educação do Município de Porto Alegre, como atividade preparatória à *live* de caráter formativo intitulada "Paulo Freire e o bom combate! Movimentos Sociais e Educação Popular na América Latina", que integrou o "Ciclo de Debates: Paulo Freire: Presente!" ao longo do ano do centenário de nascimento de Freire e contou com participação de Óscar Jara em atividade realizada em 24 de agosto de 2021. A gravação da *live* está disponível na Plataforma Youtube: *https://tinyurl.com/yc3kbh2p*.

organizada pelo CEAAL em aliança com movimentos sociais e coletivos como forma de se contrapor à ofensiva ideológica contra o pensamento crítico de Paulo Freire e de defender seu legado.

Marco Mello - A partir dos referenciais da Educação Popular - como um paradigma emancipatório ético, político e pedagógico - sob uma pandemia que atinge fortemente nossa Pátria Grande latino-americana, o que é um “bom combate” com Freire?

Óscar Jara - A situação da pandemia torna visíveis as enormes desigualdades e opressões que vivemos na América Latina e no Caribe e as agrava. O paradigma do mercado, do consumo, do lucro, do individualismo, da competição, da depredação dos bens comuns, procura impor-se com maior agressividade e ódio. É um paradigma de morte. Nossos países se polarizam internamente e se criam enormes confrontos que levam a uma maior discriminação, violência e exclusão: racismo, homofobia, negação da diversidade, machismo.

São tempos de disputa, tempos de combate. Em muitos casos, como Freire assinalou na Pedagogia do oprimido, são-nos apresentados como “situações limites”: isto é, como situações em que nada se pode fazer e não se pode mudar.

Por isso, mais uma vez, inspirados em Freire e em sua Pedagogia da Autonomia, dizemos “mudar é difícil, mas é possível”. Em primeiro lugar, afirmando outro paradigma: um paradigma de solidariedade e do cuidado com a vida. Afirmando o respeito pela riqueza de nossas diversidades e pela riqueza da natureza da qual fazemos parte. Afirmando a luta pela equidade, justiça, direitos iguais para todas as pessoas, em todos os lugares e ao longo da vida. Um paradigma, como diria Freire, de ternura. Em segundo lugar, com a convicção de que "a história não é predeterminada", mas sempre uma possibilidade em construção.

Diante das "situações limites", afirmamos freireanamente a possibilidade de construirmos "inéditos-viáveis", isto é, de fazer aquelas mudanças profundas que hoje, neste momento da história, são possíveis, são viáveis, e nos permitirão criar condições para fazer mudanças que não podemos fazer hoje. É, então, promover processos de uma educação popular libertadora e transformadora que construa as capacidades humanas para transformar a realidade, superando todas as relações de opressão, discriminação e exploração.

Freire nos fornece um paradigma baseado na vocação

ontológica do ser humano de sempre "ser mais", pois somos seres incompletos, conscientes de nossa incompletude e, portanto, chamados a ser protagonistas de transformações na história e em nós mesmos, sempre.

Marco Mello - O senhor poderia fazer um balanço parcial das ações e efeitos percebidos da Campanha?

Óscar Jara - A Campanha Latino-americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire surgiu em 2019 no grupo CEAAL do Brasil como forma de responder aos ataques do Governo Bolsonaro contra Paulo Freire, e, na realidade, contra qualquer posição baseada no paradigma que mencionamos acima.

Partiu de baixo, com ações de reflexão, de leitura crítica das contribuições de Freire, vinculando-as à nossa realidade contemporânea e aos desafios atuais, ou seja, não para repeti-la, mas, como ele mesmo disse, "reinventá-la". Em seguida, foi realizado para divulgar e debater ações, reunindo experiências e contribuições críticas de diversas partes do Brasil. Isso nos levou a gerar ações de mobilização e incidência, tanto nos movimentos sociais como também em escolas, universidades e outros espaços.

Aí surgiu a necessidade de aderir a esta campanha de outros países, e atividades semelhantes começaram a ser realizadas na Argentina, Uruguai, Colômbia, Chile, América Central, expandindo-se para toda a região. Hoje, em praticamente todos os nossos países, existem ações de reflexão, debate, comunicação e defesa de políticas inspiradas na filosofia de Paulo Freire. E, por ocasião do centenário de seu nascimento, eles foram promovidos com ainda mais força em todos os países, não só na América Latina e no Caribe, mas no mundo. A Campanha já é realidade em todos os continentes[2].

Chegando à data deste aniversário, 19 de setembro, são convocadas diversas atividades comemorativas que podem ser conferidas no Facebook da Campanha e no CEAAL (*www.ceaal.org*). Estaremos também encerrando uma sistematização das experiências dessa Campanha durante 2021,

[2] Vide: *https://tinyurl.com/arpnunpb*.

que se somará à sistematização que foi feita da campanha em 2020. Essas sistematizações estão nos permitindo refletir criticamente sobre as experiências da campanha, identificar questões-chave, articulações e perspectivas de continuar promovendo no futuro. A campanha não termina com o aniversário: o dia 19 de setembro é mais uma etapa nessa trajetória de projetar a contribuição epistemológica, ética, política e pedagógica de Paulo Freire para a educação e para a mudança social no mundo.

Por isso, seguindo suas inspirações, colocamos em prática sua proposta de "esperança", isto é, construir ativamente as condições e as provisões que nos permitem ter um outro mundo possível. Por isso dizemos de coração que *Paulo Freire Vive!*

Marco Mello – Obrigado pela gentileza da entrevista, Óscar! Oxalá possamos tê-lo presencialmente conosco em breve. Um abraço grande, desde o sul!

Para conhecer mais sobre Óscar Jara, sua vida e obra, e a relação com Paulo Freire, com quem conviveu e trabalhou em diversas oportunidades, destacamos duas fontes:

O livro mais recente de Jara publicado no Brasil, *"A Educação Popular Latino-Americana: História e Fundamentos Éticos, Políticos e Pedagógicos"* (Ação Educativa; CEAAL; ENFOC, 2020) depois de esgotada sua primeira tiragem, está sendo relançado e é fruto de sua tese de doutorado latinoamericano de Educación de la Universidad de Costa Rica (2017).

No link a seguir é possível acessar a um vídeo breve, com entrevista de Óscar Jara ao Instituto Paulo Freire - Itália, falando sobre sua trajetória e sua relação com Paulo Freire e sua obra. *https://tinyurl.com/mr3rhazn*.

CARTA ÀS COMPANHEIRAS EM TORNO DA ESPERANÇA CRÍTICA[1]

Para as educadoras e educadores do povo
que trazem acesso o olhar
e, com o coração rebelde, batalham todos os dias
nas escolas públicas deste país.

Querida amiga, espero encontrar-te bem!

Mais uma vez, movido pela saudade de ti e dos teus, que teima em chegar nas horas mais inesperadas, com o coração descompassado e a mão meio trêmula, me debruço para escrever esta cartinha modesta.

Envio daqui energias boas, desejando saúde, força e luz!

Não repare o jeito. Continuo escrevendo à mão e só depois digito e corrijo! No fundo, creio que é uma tentativa de resistir à desumanização das máquinas e uma certa nostalgia boa, para colocar os sentimentos e o afeto em um primeiro plano.

Tenho pensado muito em ti. Esse carinho que transborda em mais uma de nossas cartas sela essa nossa cumplicidade, reafirmando uma amizade que vem de longe, nosso companheirismo, nossos sonhos e nossas aventuras comuns como lutadores do povo nas tantas fronteiras as quais temos desbravado, mesmo estando tão longe fisicamente. Sei que vais me responder com tuas ideias sempre instigantes e argumentos generosos, com os quais tanto tenho aprendido!

Hoje me detenho no tema da educação na escola pública e tomo como ponto de partida a sua consolidação como um direito humano fundamental. Gostaria de saber o que pensas sobre os dilemas que vimos enfrentando nesta difícil travessia.

Envio a ti algumas questões e perguntas que tenho ouvido em encontros, formações e rodas de conversas, de muitas pessoas, muitas delas simples, trabalhadoras, que nem sempre têm a polidez e a fluidez da fala articulada ou palavras bonitas na ponta da língua. Mas, veja lá, que sabedoria que elas transmitem em suas

[1] Publicada originalmente sob o título "Carta: Educação e Direitos Humanos", a partir da iniciativa da Rede de Educação Cidadã (RECID), e aqui ligeiramente adaptada. MELLO, Marco. Educação e Direitos Humanos. *In*: CAMP - Centro de Assessoria Multiprofissional. *Caderno de Educação Popular e Direitos Humanos*. Porto Alegre, CAMP; 2013. p. 44-47.

dúvidas e inquietações!

Nosso povo, muitas vezes, chega acabrunhado à escola, com um nó na garganta, o olhar cabisbaixo, as mãos torcidas, nervosas, com a alma despedaçada e o coração apertado. Mas só porque as pessoas são pobres não quer dizer que elas não tenham capacidade de crítica, que não estejam grávidas de sonhos e que sua alma não seja rica em sentimentos e valores! Justamente elas, que deveriam estar no centro desse processo!

São os deserdados da terra, os desvalidos da selva de pedra das grandes cidades, os nativos e migrantes dos mangues, dos sertões, das florestas, das várzeas, da periferia e do cerrado, que percebem o quanto a escola está longe do que precisam e merecem os filhos e filhas da classe trabalhadora.

Que educação é essa em que pais pobres nas periferias das pequenas e grandes cidades se obrigam a deixar os pequeninos trancados em casa, sozinhos, em creches pagas, com vizinhas ou com cuidadoras, na maioria das vezes sem formação e estrutura adequada, por não ter uma boa escola infantil para deixar seus filhinhos enquanto saem para batalhar pelo sustento da prole?

Por que ainda são fechadas as escolas do campo, retirando de camponeses, ribeirinhos e quilombolas o direito e o prazer de ler o mundo, desde o contexto de origem, com as melhores lentes que a leitura da palavra proporciona?

Que educação é essa na qual professoras e professores não têm sequer assegurado o direito a condições de trabalho dignas, ao piso salarial profissional da carreira, a realizarem concursos públicos, a horas para a formação em serviço, a um bom plano de carreira, a comprar livros, a irem a um cinema e passear de quando em vez?

O que explica uma educação que só tem aparência de democrática? Uma educação na qual só têm voz ativa os diretores e as secretarias de educação, tão somente preocupados com a burocracia, o controle, os índices e as provas de desempenho? Educação essa em escolas nas quais, às dezenas de milhares, nossas crianças são expulsas das escolas, sob a chibata impiedosa de conteúdos inúteis e desvinculados da realidade, empurrados por uma estrutura arcaica de uma instituição envelhecida e ainda hegemonicamente voltada à produção e reprodução de desigualdades.

Que escola é essa que realiza progressão automática dos alunos que chama de “defasados idade-série”, como se não tivessem o direito de aprender e permanecer na escola? Que

escola é essa que encaminha para a EJA jovens de 15 anos como uma última chance redentora – antes do trabalho duro e difícil ao qual estão destinados os adolescentes pobres de nossas favelas, isso quando não são tragados impiedosamente pelo tráfico, pelas drogas, pelo neopentecostalismo obscurantista e pela marginalidade?

Que educação é essa que rejeita a diversidade sociocultural e continua a produzir a discriminação e o preconceito de gênero, de orientação sexual, de pertencimento étnico-racial, de geração, de culturas e de religiões? Que tipo de escola é essa que rejeita as pessoas com deficiência porque presa a um ideal de "normalidade" inexistente, nega o acesso, a permanência e o aprendizado a milhões de crianças, jovens, adultos e idosos, segregando-os e retirando-os do convívio social?

É revoltante essa concepção de entender que educação integral é somente repassar recursos para organizações privadas ou comunitárias, com voluntários e educadores terceirizados e precarizados, explorados e sem vínculo e direitos assegurados, que muitas vezes fazem umas poucas atividades para "gastar" o tempo das crianças, com oficinas e disciplinas de "empreendedorismo e projeto de vida", sob o pretexto de "tirá-las das ruas". Isso é o que chamam de Educação Integral?

Que educação é essa que cada vez mais cobiça o orçamento público e repete a cantilena, verdadeira falácia, das parcerias público-privadas, sob a condução de empresas que pregam aos quatro ventos a "responsabilidade social", a "empregabilidade", e que só se lembram da comunidade quando a quer para serviços subalternos e como reprodutora dos valores dominantes?

É ou não é desconcertante? Ver o próprio povo, não raro, refém do senso comum, crendo ilusoriamente que a educação escolar é a redentora de todas as mazelas do mundo e o meio de ascensão social individual?

Não é possível uma educação libertadora dentro desse modelo de desenvolvimento econômico que cada vez mais engorda os ricos e penaliza os pobres, que se contentam com algumas migalhas que caem da mesa farta, onde se refestelam velhos e novos dominadores e exploradores, verdadeiros lobos mal disfarçados sob o manto de cordeiros.

Por que neste país que viu nascer um educador como Paulo Freire ainda temos 14 milhões de pessoas analfabetas e mais 65 milhões analfabetas funcionais, que não conseguem escrever ou ler um bilhete? Veja só: são quase 80 milhões de pessoas! Pessoas

como eu e você, que sequer podem, de forma singela, trocar uma mensagem escrita... Serão elas menos humanas? Não serão dignas? Não são cidadãs? Não são gente? Não tem esse direito? Por quê?

Perdoa-me pelo tom realista e por me alongar com tantas perguntas, mas elas gritam! E lutar com a palavra, com obstinação e perseverança continua sendo a sina dos intelectuais críticos. Não creio que devemos desanimar, porém não podemos tapar o sol com a peneira! As periferias sangram.

É preciso lembrar que a educação hegemônica que aí está tem servido ao capital e não queremos e nem precisamos dessa educação que a burguesia teima em nos oferecer: pobre para os pobres, orientada por métodos bancários, cada vez mais mercantilizada e voltada à competitividade, ao consumismo e ao individualismo.

Não estamos sós e tampouco essa luta começou em nós. Lembrei-me agora da gloriosa experiência da Comuna de Paris. Tu te recordas daqueles nossos estudos sobre as origens da educação socialista? Na breve, porém inesquecível experiência francesa, em 1871, nossos companheiros, desiludidos pelas promessas não cumpridas dos burgueses, instalaram uma experiência pioneira de um governo dos trabalhadores. Naqueles pouco mais de setenta dias, até que fossem mais uma vez sacrificados os revolucionários, pela primeira vez um programa de *educação pública, gratuita, laica, obrigatória e profissionalizante*, foi apresentado à sociedade, a partir das ideias surgidas dos congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores e das experiências protagonizadas por educadores progressistas de Paris.

Portanto, a bandeira da *educação universal, gratuita, laica e de qualidade* nasce sob a marca da luta social e popular dos despossuídos. Passados quase 150 anos, é triste reconhecer, mas a burguesia, os setores reformistas e mesmo a esquerda mais comportada, aprisionada nas burocracias partidárias, se apropriaram desse ideal de educação, transformando-o em um discurso vazio e liberal, distante da radicalidade na qual nasceu.

Precisamos de boas políticas públicas em educação. A Educação é direito social básico, universal e dever do Estado. Contudo, não somos e nem queremos nos confundir com o Estado. Como tu bem sabes, penso que é sempre proveitosa a leitura e o bom debate em torno dos clássicos da pedagogia e dos fundamentos da Educação Popular: Simón Rodriguez, Anton

Makarenko, Francisco Ferrér, Lev Vygotsky, Paulo Freire, Moisey Pistrak, François Babeuf, Clara Zetkin, José Martí, Michael Apple, José Carlos Mariátegui, Nadezhda Krupskaya, Johann Pestalozzi, Enrique Dussel, Anatoly Lunacharsky, Rosa Luxemburgo, Florestan Fernandes, Bogdan Suchodolski, Antônio Gramsci, e tantos outros e outras. É preciso ainda conhecer as boas experiências que temos produzido na pedagogia de nossos movimentos de mulheres, de negros, de indígenas, de quilombolas, de sem-terra, de luta pela moradia, de LGBTs, dos atingidos por barragens e minerações, da juventude, de educadoras, entre outros. E cultivar essas experiências, reinventá-las, recriá-las coerentemente. O que tu tens acompanhado e lido ultimamente e me recomendaria conhecer?

Estou convencido de que precisamos aliar nossas forças: educadoras populares, educadores das redes públicas, associações e sindicatos de trabalhadores, movimentos sociais e populares. Sob a bandeira da Educação Popular, crítica, dialética e contra-hegemônica, precisamos ousar e dar mais uma volta vigorosa no parafuso, disputando os rumos da educação pública desde a base. Essa luta é necessária para que avancemos na direção de um projeto societário alternativo ao existente – que não cairá do céu como dádiva, de governo algum, mesmo os de cunho progressista, cada vez mais reféns de um reformismo fraco.

Nos humanizamos ao lutar por nossos direitos! Eis aqui uma grande lição que tenho aprendido todos os dias. Esse é um tempo que exige de nós sabedoria e ao mesmo tempo engajamento ativo. Alimentemos, portanto, a nossa coragem rubra!

Apesar de nossas dores, de nossas feridas, de algumas batalhas perdidas, sabemos que a educação que almejamos cresce entre ensaios e ousadias cotidianas, em nossas ocupações, marchas, em nossos símbolos e manifestações culturais, na formação de nossa base, em nossas escolas e movimentos sociais, em tantas salas de aula e testemunhos daquelas que assumem a educação como um ato de liberdade e transformação social.

Nesses pedaços de futuro, é lindo ver como trabalhadores e trabalhadoras de todas as idades, culturas e credos têm se fortalecido, redescobrindo a importância da organização coletiva e do respeito à formação humana. Ali, sabemos, é partilhado o pão sagrado que é feito com os saberes e com a memória ancestral e rebelde de nossa gente, bem como ofertada a água purificada que vem do sonho da justiça social.

Nossa classe já cunhou referências de que a Educação que

queremos é mais do que escola, que é mais que ensino, que é mais do que professor e conteúdo no livro texto ou em projetos pontuais ensimesmados. Contudo, não nos enganemos; somos espíritos antigos que carregamos conosco um pouco da virtude e muito dos limites que nos são próprios. Educar para a superação do egoísmo, do orgulho e da ignorância é tarefa que atravessará ainda várias gerações.

Haverá ofício mais bonito e importante que esse? Educar pessoas, educar as gentes de nosso povo para "ser-mais", em suas infinitas possibilidades de desenvolvimento e felicidade? Haverá tarefa mais nobre (e mais difícil) do que educar pelo exemplo e pela prática? Educar para a apropriação e produção de conhecimentos emancipatórios? Educar, desde cedo, os pequeninos para a justiça social? Educar e aprender para uma nova consciência do viver em coletividade, através da cooperação e da autogestão? Educar para a sustentabilidade planetária desde um outro modelo de desenvolvimento? Haverá? Creio que não!

Quando termino esta carta, emocionado ao lembrar de tantas boas práticas e gente de fibra, que nos enchem de orgulho, cai uma chuva prazenteira sobre o pampa. Estamos no início da primavera. O cheiro de terra molhada, o vento a balançar a copa das árvores aqui do pátio, os sabiás alvissareiros, fazendo festa, a brincar de galho em galho, parecem sinais da transformação que está em curso.

Certamente, há muito a ser feito na construção e na consolidação de uma *Escola Pública Popular*! Mas é muito bom saber que, mais uma vez, mesmo distantes fisicamente, estamos juntos na mesma empreitada, no bom combate!

Para concluir um bocadinho de prosa, que é quase-poesia, do Rosa[2], que sabes, aprecio muito e que nos convida ao amor que nos faz mais gente e nos projeta em movimento.

> *"Amor é coragens.*
> *E amor é sede depois de se ter bem bebido..."*
> Guimarães Rosa

Saudades de ti e do muito que ainda faremos juntos!

Um abraço forte e acolhedor deste companheiro que tanto te estima.

Marco Mello.

---

[2] ROSA, João Guimarães. Dão-Lalalão (O devente). *In: Noites do sertão*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.94.

LISTA DE MÚSICAS
NO BOM COMBATE*!*
APRENDER E ENSINAR COM O CAMARADA PAULO FREIRE

Ao longo desta publicação, fiz menção a algumas letras de músicas, compositores e intérpretes, destacando no corpo do texto ou notas de rodapé algumas delas que, de formas distintas, associei ao conteúdo das reflexões presentes nesta produção.

Para algumas músicas, indiquei links de acesso ou QR Code. Ainda assim, penso ser oportuno disponibilizá-las organizadas em uma Lista de Músicas acessível na Internet, junto à plataforma do Youtube. Acrescentei a essa lista algumas outras músicas não mencionadas, que compõem muito apropriadamente uma trilha sonora a qual convido o leitor, a leitora, a fruir, antes, durante ou depois da leitura.

Há pelo menos quatro formas de acessá-la:

- pelo QR Code aqui inserido;
- pelo link geral: *https://tinyurl.com/yc79pcxk*;
- pelos links individuais de cada uma das vinte e uma músicas que compõem a relação e que perfaz cerca de 80 minutos;
- ou pela pesquisa na plataforma sugerida ou em outra de preferência da leitora, do leitor.

Destaco que a opção pelo Youtube se deu pela produção de alguns videoclipes que considero preciosidades estéticas e políticas, pois agregam, além da visualidade e de créditos de produção, manifestações e registros democráticos de artistas e da cultura popular ainda pouco conhecidos. Ao mesmo tempo que compartilho essa lista de forma entusiasta, também convido os queridos leitores e leitoras a conhecê-la e difundi-la. Por certo, são fazeres que tecem, de forma aguerrida e ao mesmo tempo leve e criativa, o bom combate!

Ao final, uma tabela-síntese favorece uma visão de conjunto e a apreciação do universo rítmico, de estilos, sotaques e pulsos das músicas, além da grande diversidade cultural que de algum modo se conecta ou que sugere relações com a obra de Paulo Freire, camarada que sempre teve especial apreço à dimensão da estética nas relações no e com o mundo.

Ensinar por ensinar
Reynaldo Bessa
Peça publicitária. 2021. Série: Retrato Cantado Paulo Freire. 2m11s.
Composição: Reynaldo Bessa e Play It Again. *Interpretação:* Reynaldo Bessa. Músicos: Beatriz de Miranda Kovacsik, Caio Bonini Torrezan (Johnny Gun Jr.).
https://www.youtube.com/watch?v=xP-cnaRWNds

Coco de Angico
Martinha do Coco
Álbum: Perfume dela. Brasília, Duo Alvenaria, 2018. 4m32s.
Composição e interpretação: Martinha do Coco e Duo Alvenaria.
https://www.youtube.com/watch?v=qKugPvF-AuM

Na khelav, na gilavav
Mawaca
Álbum: Inquilinos do mundo (Ao vivo), 2013, 5m01s.
Composição: Domínio público. Canção tradicional cigana da Macedônia. *Produção musical:* Pekka Lehti. *Interpretação:* Grupo Mawaca.
https://www.youtube.com/watch?v=uN-ka3fksqg

Papo cabeça
Chico César
CD: Beleza Mano. São Paulo. MZA Music, 1997. Chita Discos. 4m27s.
Composição: Chico César. Intérprete: Chico César. *Instrumentistas:* Simone Soul, Ramiro Musotto, Mauro Sanches, Swami Jr. Webster Santos, Tiquinho, Marcelo Cotarelli, Hugo Hori, Simone Julian. *Vocal:* Tata Fernandes, Miriam Maria e Renato Arás.
https://www.youtube.com/watch?v=ag8uWueUM2E

Gente humilde
Radamés Gnattali, Rafael Rabello
LP: Tributo a Garoto. Funarte, 1982. 2m43s.
Composição: Garoto (Aníbal Augusto Sardinha), Vinícius de Moraes, Chico Buarque. *Interpretação:* Radamés Gnattali, Rafael Rabello.
https://youtu.be/sGn-ixxVDlM

Esperançar por esse chão (Homenagem a Paulo Freire)
Bloco do Cupinzeiro
Álbum: Bloco do Cupinzeiro - Samba e Resistência. 2020, 4m29s.
Composição Violão e Voz: Edu de Maria. *Composição e voz*: Anabela. *Instrumentistas:* Lucas Arantes, Alice Vilela e Francisco Leandro, Edu Guimarães, Edu de Maria e Anabela, Alice Vilela. Coro: Brisa Vieira, Juliana Kaneto e Luciana Bueno.
https://www.youtube.com/watch?v=rMX8jBX6oWY

Pelebé Nitobé
Os Tincoãs
Álbum: Canto Coral Afrobrasileiro. *Produção:* Adelzon Alves. *Masterização:* Tadeu Mascarenhas. Sanzala Cultural, 2023. 2m, 36s. *Composição*: Grinaldo Salustiano dos Santos, Mateus Aleluia. *Interpretação:* Os Tincoãs: Dadinho, Mateus e Badu. *Gravação:* Estúdios Transamérica/RJ, 1983. *Participação:* Coral amador da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. *Arranjos para coral:* Leonardo Bruno. *Regência do coral*: Leonardo Bruno e Armando Prazeres *Maestro e arranjador:* Leonardo Bruno.
https://www.youtube.com/watch?v=-IlF422iXqI

Manifestação – Anistia Internacional
Diversos intérpretes
Videoclipe, Anistia Internacional/Brasil, 2018. 8m33s.
Composição/letra: Carlos Rennó. *Composição/música:* Xuxa Levy, Russo Passapusso e Rincón Sapiência.
Intérpretes: Criolo, Péricles, Rael, Rico Dalasam, Paulo Miklos, As Bahias e a Cozinha Mineira, Luedji Luna, Rincon Sapiência, Siba, Xênia França, Ellen Oleria, BNegão, Filipe Catto, Chico César, Paulinho Moska, Pretinho da Serrinha, Pedro Luis, Marcelino Freire, Ana Canãs, Marcelo Jeneci, Márcia Castro, Russo Passapusso, Larissa Luz, Ludmilla e Chico Buarque, Camila Pitanga, Fernanda Montenegro, Letícia Sabatella e Roberta Estrela D'Alva, Siba Veloso e Marcelo Jeneci. *Instrumentistas:* Benjamin Taubkin, Roberto Barreto, Fernandinho Beatbox, Siba Veloso, Marcelo Jeneci, Os Capoeira (Mestre Dalua, ContraMestre Leandrinho, Felipe Rosseno e Cauê Silva, Emerson Villani, Robinho Tavares, Nyack, Samuel Fraga).
https://www.youtube.com/watch?v=ofHuXukO5y0

Na asa do vento
João do Vale
LP: João do Vale, CBS/Sony Music, 1981. 3m.
Compositores: João do Vale, Luiz Vieira. *Intérprete:* João do Vale. *Instrumentistas*: Fernando Gama, Paulo Braga, Arlindo Soares, Geraldo Gomes, José Briamonte. *Arranjo*: José Briamonte. *Produção:* Chico Buarque, Fagner. *Produção executiva*: Fernando Faro, Charles Gavin. *Mixagem*: Reinaldo Mazziero. *Masterização*: Ricardo Soares.
https://www.youtube.com/watch?v=j_-nLwqA2NE

RAP do Paulo Freire (Pedagogia de Rua)
Chiquinho Divilas (Jankiel Francisco Claudio)
Álbum: RAPensando a Educação, 2021. 4m21s. *Composição:* Chiquinho Divilas.. *Produção Musical e arranjos:* Rafa De Boni, Carlos Balbinot. *Letra:* Chiquinho Divilas. *Mixagem/masterização:* Carlos Balbinot. *Voz:* Chiquinho Divilas: *Acordeon:* Rafa De Boni; *Scratches:* DJ Hood; *Participação especial*: Aninha Sista.
https://www.youtube.com/watch?v=FNKzL6VJS2w

Pesadelo
Renato Braz
Álbum: Canto Guerreiro - Levantados do Chão, 2018, Warner, 3m46s.
Composição: Maurício Tapajós, Paulo César Pinheiro (1970). *Interpretação:* Renato Braz. *Instrumentista*: Eduardo Gudin.
https://www.youtube.com/watch?v=H14pNJiezTM

Backlash Blues
Nina Simone
LP: Sings The Blues. RCA Records, 1967, 2m30s.
Composição: Langston Hughes, Nina Simone (1966).
Interpretação: Nina Simone, Eric Gale, Rudy Stevenson, Ernie Hayes, Bob Bushnell, Bernard Purdie, Buddy Lucas.
https://www.youtube.com/watch?v=0tllTDwQKV8

Si bu sta dianti na luta
José Carlos Schwarz
CD: Boka ke Papia. 1974. Sons´d´África. 2007, 6m16s. *Composição*: José Carlos Schwarz. *Interpretação*: José Carlos Schwarz e Cobiana Jazz.
https://www.youtube.com/watch?v=_bviufFaS-Y

Paulo Freire
Punhal
Álbum: *O terror desses pela saco. Ao vivo Circo Voador*. 2023. 3m35s.
Composição: Amaury Garcia; Tiago Maciel. *Interpretação:* Punhal (Sandro Oliveira, Thiago Maciel, Amaury Garcia, Roberto Leonan). *Participação:* Kruz Negra.
https://www.youtube.com/watch?v=eDrz1G8IqkI

Tudo outra vez
Belchior
CD: Um concerto a palo seco (com Gilvan de Oliveira). Camerati, 1999. 3m38s.
Composição: Belchior (1979). *Interpretação:* Belchior e Gilvan Oliveira.
https://www.youtube.com/watch?v=Kc2P5t7FLaE

O trono do estudar
Dani Black
Videoclipe, 2015. 4m57s.
Composição: Dani Black. *Interpretação:* André Whoong, Arnaldo Antunes, Chico Buarque, Dado Villa-Lobos, Dani Black, Felipe Catto, Felipe Roseno, Fernando Anitelli, Hélio Flanders, Lucas Santtana, Lucas Silveira, Miranda Kassin, Paulo Miklos, Pedro Luís, Tetê Espíndola, Tiago Iorc, Tiê, Xuxa Levy, Zélia Duncan.
https://www.youtube.com/watch?v=q4-SE_tJ4OM

Paulo Freire viverá!
Videoclipe, 2021. 2m54s.
Compositor e intérprete: Antônio Moreno.
https://www.youtube.com/watch?v=HFCP3JBjC8A

Inverno (De As Quatro Estações)
Uakti
CD: Clássicos. Gravadora Sonhos e Sons, 2003. 2m37s.
Composição: Concerto n.4 em Fá Menor, Op.8, RV 297, "Inverno", 2° movimento, de "As Quatro Estações", de Antonio Vivaldi. (1723).
Interpretação: Grupo Uakti (Marco Antônio Guimarães, Paulo Sérgio dos Santos, Artur Andrés Ribeiro, Décio de Souza Ramos Filho).
https://www.youtube.com/watch?v=r_IyXf-mgYg

Latinoamérica
Calle 13
CD: Entren los que quieran, Warner/Porto Rico, 2010, 5m41s.
Compositores: Rene Perez, Eduardo Cabra, Rafael Ignacio Arcaute.
Interpretação: Calle 13 (Residente/René Pérez, Visitante/Eduardo Cabra), Totó la Momposina, Susana Baca, Maria Rita.
https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8

Há mais sul em meu rosto
Santiago Neto
Álbum: O Pago Revisitado. Usa Records, 1997, 3m59s.
Composição: Sérgio Metz (Jacaré), Carlos Leandro Cachoeira, Fio Rossato. *Interpretação:* Santiago Neto & seus dois tordilhos.
https://www.youtube.com/watch?v=PiqtGPyW2XU

Tocando em frente
Maria Bethânia
CD: Maria Bethânia – 25 anos. Polygram, 1990, 3m21s.
Composição: Almir Sater, Renato Teixeira. *Interpretação:* Maria Bethânia. *Músicos*: Toninho Horta, Jaime Alem, Jaques Morelenbaum. *Vocal*: Almir Sater.
https://www.youtube.com/watch?v=i5LDRtoaE1c

TABELA MÚSICAS

Livro: *No bom combate: aprender e ensinar com o camarada Freire*

Música	Comp. e/ou Intérprete	Gênero	País/ Reg/Est	Período	Duração
Ensinar por ensinar	Reynaldo Bessa	Vinheta	SP	2021	2,11
Coco de Angico	Martinha do Coco	Coco	PE/BsB	2018	4,32
Na khelav, na gilavav	Mawaca	Cigano	Macedônia	2013	5,01
Papo cabeça	Chico César	Pop	PB	1997	4,27
Gente humilde	Radamés Gnattali, Rafael Rabello/ [Garoto/ Aníbal Augusto Sardinha, Vinícius de Moraes, Chico Buarque]	Valsa	RS/RJ	1982/ 1956	2,43
Esperançar por esse chão	Bloco do Cupinzeiro [Edu de Maria, Anabela	Samba	Campinas (SP)	2020	5,05
Pelebé Nitobé	Os Tincoãs (Dadinho, Mateus e Badu)	Canto coral afrobrasileiro	BA, Angola	2023/ 1983	2,36
Na asa do vento	João do Vale	Xote	MA	1981	3,00
RAP do Paulo Freire (Pedagogia de Rua)	Chiquinho Divilas (Jankiel Francisco Claudio)	Rap	Caxias do Sul (RS)	2021	4,21
Pesadelo	Renato Braz [Maurício Tapajós, Paulo César Pinheiro]	MPB	SP/RJ	2018/ 1970	3,46
Backlash Blues	Nina Simone	Blues	Estados Unidos	1967	3,07
Si bu sta dianti na luta	José Carlos Schwarz e Cobiana Jazz	Gambe	Guiné-Bissau	1974	6,16
Manifestação	Anistia Internacional/ Div. Artistas	Canção protesto	Brasil (divs. estados)	2018	8,33
Paulo Freire	Punhal + Kruz Negra	Punk hardcore	RJ	2023	3,35
Tudo outra vez	Belchior	Toada	CE	1979	3,38
O trono do estudar	Dani Black	Embolada	SP	2015	4,57
Paulo Freire viverá!	Antônio Moreno	Marchinha	PB	2021	2,54
Inverno (De "As Quatro Estações")	Uakti [Antônio Vivaldi]	Erudita Instrumental	MG/ Áustria	2003/ 1723	2,37
Latinoamérica	Calle 13, Totó la Momposina, Susana Baca, Maria Rita	Rap/Pop latino	Porto Rico/ Cuba/ Colômbia Brasil	2010	5,41
Há mais sul em meu rosto	Santiago Neto	Blues	RS	1997/ 1982	3,59
Tocando em frente	Maria Bethânia [Almir Sater/Renato Teixeira]	Guarânia	BA/MT/SP	1990	3,21

SOBRE O AUTOR

Marco Mello

Historiador e professor. Mestre em Educação (UFRGS). Atualmente compõe a Coordenação do Coletivo de Professoras/es de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS) e do Coletivo PoAncestral.

Foto: Ederson Nunes/CMPA

Integrou a assessoria técnico-pedagógica no período de implantação do projeto Escola Cidadã junto à SMED/Porto Alegre e foi Coordenador Pedagógico do Ensino Fundamental na SEDUC-RS, na Gestão Olívio Dutra (PT). Além de duas décadas de docência em escolas públicas, acumulou larga experiência na área de formação de educadoras/es, na assessoria a processos de reconstrução curricular junto a administrações públicas, em práticas formativas em educação popular e na sistematização de experiências junto a grupos e movimentos sociais populares do campo e da cidade. Trabalhou ainda como assessor pedagógico da Coordenação de Formação e Pesquisa da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana de Porto Alegre no período de sua constituição.

Entre as publicações próprias estão: *Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto* e *Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Organizou ainda *Paulo Freire e a Educação Popular* e, com parcerias afins: *Educação na cidade de Porto Alegre; Reconstrução Curricular via pesquisa da realidade e temas geradores; A EJA conta histórias...; Porto Alegre assume sua negritude; Teologia da Libertação e Educação Popular: horizontes ainda que seja noite; Somos todos catadores*.

Entre as publicações recentes, coorganizadas com colegas de escolas, pesquisadores e do campo do associativismo e do sindicalismo docente, destacam-se: *Revista da ATEMPA* (2020), *Cadernos Temáticos do CPHIS* (2020/2021), *Do lado esquerdo do peito. Paulo Freire: Presente!* (2021); *Fica Filosofia! Pela permanência da disciplina nas escolas públicas de Porto Alegre* (2021); *A História se move...* (2022); *PoAncestral – Muito além de 250* (2022); *E se a periferia fosse o centro?* (2022); *Pé no chão! Na construção e defesa da EJA pública e popular* (2023). E-mail: *marcomello2013@gmail.com*.

No compasso da história, com Freire, título de um dos belos treze textos apresentados neste livro de Marco Mello, é também uma frase que sintetiza a trajetória de milhares de educadoras(es), pesquisadoras(es) e militantes da educação popular Brasil afora. É marcante a influência do legado freiriano na formação e na *práxis* de colegas (me incluo neste coletivo) que atuam, especialmente, na educação pública, fazendo cotidianamente o bom combate por uma educação libertadora.

Amigo, colega e camarada de lutas em defesa da escola pública e de uma vida digna ao povo trabalhador, Marco Mello (ou Marquinho) é um exemplo de educador e intelectual orgânico comprometido com a *esperança crítica* no trabalho docente. Trabalho esse ancorado em uma perspectiva coletiva, dialógica, dialética, contra-hegemônica, que busque a emancipação humana diante de qualquer opressão.

A leitura desta bela publicação nos oferece, de fato, uma perspectiva para *aprender e ensinar com o camarada Freire*, e assim, conhecer alguns dos fundamentos filosóficos e políticos freirianos, tais como: a história como possibilidade, a politicidade do ato educativo, a dialogicidade, a leitura do mundo e a leitura da palavra e a Utopia.

Em tempos de lutas contra o negacionismo, o neofascismo, a necropolítica, o neoliberalismo e o capitalismo em sua etapa ainda mais devastadora, cresce em importância o humanismo radical freiriano e a educação popular libertadora que inspira educadoras(es) comprometidas(os) com a transformação social substantiva.

Seguimos irredutíveis no bom combate e no lado certo da história!

Boa leitura a todes!

César Rolim

Professor de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RME/POA) e Técnico em Assuntos Educacionais na UFRGS.

TODO PROJETO PEDAGÓCICO É POLÍTICO
E SE ACHA MOLHADO DE IDEOLOGIA.
A QUESTÃO É
A FAVOR DE QUÊ E DE QUEM
CONTRA QUÊ E CONTRA QUEM
SE FAZ A POLÍTICA
DE QUE A EDUCAÇÃO
JAMAIS PRESCINDE.

PAULO FREIRE
A EDUCAÇÃO NA CIDADE, P. 44-45.

ISBN 978-85-66100-06-8
9 788566 100068